

MORRER ER DE TANTO O VIVER

NATHAN
D. WILSON

AUTOR DE
NOTAS DA XÍCARA MALUCA

A VIDA FOI FEITA
PARA SER GASTA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MORRER ER DE TANTO COSTAR VER

NATHAN
D. WILSON

AUTOR DE
NOTAS DA XÍCARA MALUCA

A VIDA FOI FEITA
PARA SER GASTA

Na primeira vez que se experimenta um doce como pastel de Belém ou brigadeirão, o resultado é um choque de deleite. Como foi possível viver tanto tempo sem tal maravilha? É até difícil imaginar que pode melhorar. Um dia, entretanto, o cozinheiro amadurece e melhora a própria receita. Eu pensava, ao saborear *Notas da xícara maluca*, que não tinha como melhorar. Mas N.D. Wilson, parte Willy Wonka, parte cientista louco, parte *masterchef*, conseguiu. Desfrute deste livro sem moderação.

— **Emilio Garofalo Neto**
Autor de *Futebol é bom para cristão*

MORRER
ER DE
TANTO
O VIVER

NATHAN
D. WILSON

AUTOR DE
NOTAS DA XÍCARA MALUCA

A VIDA FOI FEITA
PARA SER GASTA



**MORR
ER DE
TANT
O VI
VER**

NATHAN
D. WILSON

AUTOR DE
NOTAS DA XÍCARA MALUCA

A VIDA FOI FEITA
PARA SER GASTA



EDITORA
MONERGISMO

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2013, de N. D. Wilson

Publicado originalmente em inglês sob o título

Death by Living: Life Is Meant to Be Spent

pela Thomas Nelson — uma divisão da HarperCollins Christian Publishing,
Nashville, Tennessee, 37214, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Monergismo

SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa

Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040

www.editoramonergismo.com.br

Tradução: *Josaías Cardoso Ribeiro Júnior*

Revisão: *Felipe Sabino de Araújo Neto* e *Rogério Portella*

Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*

Diagramação: *Marcos Jundurian*

Diagramação para e-book: *Rosane Abel*

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da

Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),

salvo indicação em contrário.

Para minha amada:
em seus olhos, o sol sempre está na água.



Sumário

INTRODUÇÃO: OI DE NOVO

UM: Em seus lugares, pessoal

DOIS: Alimento para a alma, barquinhos
de papel e o arremessador: histórias contadas

TRÊS: Olhando para trás: 1

QUATRO: Rumo ao desastre com lotação de
até 17 pessoas: histórias vividas

CINCO: Hiato urbano: Roma

SEIS: Nascidos para ter problemas

SETE: Olhando para trás: 2

OITO: O (bendito) chicote do tempo

NOVE: Hiato urbano: Jerusalém

DEZ: O rápido, o grato e o morto

ONZE: Olhando para trás: 3

DOZE: Hiato urbano: Londres

TREZE: Regras para mortais

CATORZE: Olhando para trás: 4

QUINZE: Moisés, mantenha as mãos para cima

DEZESSEIS: Hiato urbano: lar

GRATIDÃO



Introdução: Oi de novo

Contexto

Lá atrás, em 2008, eu escrevi meu primeiro naco de não ficção do tamanho de um livro. Foi um cata-vento chamado *Notas da xícara maluca*, e meu melhor esforço de pintar uma maneira de enxergar, de espiar por trás das cortinas da criação, uma maneira de ouvir e rir e amar a loucura da realidade vivida por todos nós. Ele resultou de anos de leitura e discussão, de brigas em sala de aula e conversas de bar, um acúmulo reprimido que emergiu como um estridente curso de filosofia da religião combinado com uma boa e vigorosa *happy hour* (com o chope a 5 reais). Esse livro foi meu manifesto de fé.

Este é um mundo falado — de galáxias a traças, de serafins a elétrons e guardas de trânsito, cada coisa foi e é moldada *ex nihilo*. Ele — e nós — tudo existe como batidas, ritmos e rimas na cósmica e constante arte com palavras do Deus Criador. Aceitar por completo e tentar aplicar tal visão é... atordoante. Em *Notas*, fiz meu melhor. Porém, há mais a ser dito. Mais ângulos para capturar. Mais giros para serem girados.

Título

Rebobinando. Em 2005, anos antes de *Notas*, escrevi um breve ensaio intitulado “Morrer de tanto viver”. Na realidade, eu venho escrevendo para este livro desde esse momento — algumas partes foram usadas em outros lugares, algumas delas foram atualizadas com profundidade e reutilizadas aqui, algumas eu apenas joguei fora. Pelo fato de este livro ser tematicamente moldado em torno das fases da vida e do tempo, também tive o prazer de mergulhar em alguns dos meus escritos mais antigos e contemplar minhas expressões juvenis de ideias que eram (na época) novas descobertas para mim. Eu havia me

esquecido de como ainda estava cru (e, de alguma forma, achei menos ideias boas em meu jovem eu do que *definitivamente* me lembro de ter). De qualquer jeito, o curto ensaio originário foi uma semente em minha vida, e o título tornou-se um *slogan* para a Equipe Wilson (minha esposa e eu) enquanto lançávamos o pastoso fundamento de concreto da nossa jovem família e começávamos a descobrir os reais afazeres da vida.

Um resfriado noturno de proporções heroicas varre a casa depois de um generoso jantar com sanduíches de almôndegas ao molho. Nós sacudimos os lençóis das crianças na frente da casa, fazendo caretas e respirando pela boca o tempo todo. (Na verdade, eu joguei um lençol de berço nas plantas e simplesmente fui embora.) Minha esposa olha para mim e sorri, ainda que através de uma máscara descartável.

“Morrer de tanto viver.”

Parto acidentado. Sorriso. Morrer de tanto viver. Cirurgia da coluna. Abstinência de hidrocodona. Uma viagem de carro de última hora completamente ridícula de Londres a Roma com nove primos jovens em uma *van*. Morrer de tanto viver. Ser roubado na chegada a Roma. Morrer de tanto viver. Cicatrizes, rugas, contusões, cansaço, tristeza, alegria e exaustão; nós passamos por tudo isso com honra — por estarmos vivos.

Notas da xícara maluca destaca uma maneira de enxergar. Com este livro, o foco está em uma maneira de viver, uma maneira de receber vida. Há, evidentemente, muitas formas nas quais essas duas coisas estão entrelaçadas com profundidade e são impossíveis de separar, então não se incomode em tentar. É uma questão de ênfase. Sou um homem tentando pintar outro quadro do mesmo mundo maravilhoso, mas virei meu cavalete para o outro lado. Tentei o meu melhor com a alvorada. É a vez do pôr do sol.

Aqui, nesta pintura, nessas meditações criativas (espero!), você verá o mesmo céu e o mesmo sol, a mesma história de conflito, de queda e graça, de declínio e ascensão, de morte e ressurreição. O mesmo Deus. Os mesmos dons. Se ele não está cansado disso, por que eu deveria estar? Se o pincel dele ainda está em sua mão, se suas palavras ainda surgem, o que eu posso fazer além de esticar minha língua para o canto de fora da boca e esculpi-lo com diligência (porém, lamentavelmente)? O que eu posso fazer além de meditar em suas meditações?

Forma, tom e gratidão

Por fim, *Notas* foi estruturado em torno do giro sazonal. O livro se sustenta em um movimento narrativo de uma criatura através do tempo (passado, presente e futuro) e é (um pouco) mais linear. Porém, não linear euclidiano, não linear do tipo “lápiz posicionado contra a régua”. Este livro é linear como meus romances são lineares, como um rio (com correntezas e quedas e rochas e redemoinhos e turbilhões) é linear, o linear de uma grande onda do mar

quebrando na costa.

Alugue uma balsa, salte no caiaque mais barato que você encontrar. Coloque um colete laranja inflável e afivele-o (de modo bastante desajeitado) entre suas pernas. Mova o remo. Ignore o filtro solar. Quando tiver acabado, você será irritado de maneiras tão novas e inovadoras que uma queimadura de sol talvez seja um conforto, uma pequena reafirmação formigante de que você ainda é você.

Por último dos últimos, preciso agradecer a meu pai e minha mãe por seus estilos de vida. Eles me transmitiram Chesterton e leram Lewis para mim. Nunca hesitaram diante do custo de viver de verdade, de ser mortal. Neste ano, minha mãe perdeu seu pai. No ano passado, meu pai perdeu sua mãe. Eu buscava palavras ao lado dos dois buracos profundos aguardando dois corpos quebrantados — dois vasos de carne, vida e história que haviam sido esgotados e abandonados da maneira como foram planejados.

Inspiração

Há autores e pensadores por trás deste livro que eu poderia recitar, como um garçom a descrever o prato especial do dia. Poderia soltar um monte de belos e inspiradores nomes literários (rúcula, açafrão, gordura de pato) e todos eles seriam influências genuínas sobre tudo o que digo e como digo. Mas, a verdade é: minha necessidade de escrever este livro, a profunda coceira que deve ser coçada vem de ter pronunciado o adeus de um jovem à minha própria carne e sangue, de ter plantado mais duas pedras no jardim da Páscoa.

Elizabeth Catherine Dodds Wilson. Lawrence Aubry Greensides.

Eles descansam em paz. Eu broto de suas raízes.

Meditação

Isso é o que farei — meditar. Estenda um tapete de ioga (atrás de mim na praia). Quem consegue cruzar as pernas, fique à vontade. Vou acender o incenso — uma pequena mistura que chamo pedaço de cedro molhado, grama da praia, *s'more* velho, ¹ fluído de isqueiro e sapato perdido. Ah, e para mim, meditação é um negócio bem barulhento. Há uma chance de haver sidra e a probabilidade de gritos.

1 Sanduíche feito com dois biscoitos *graham* , marshmallow e chocolate. [N. do R.]



UM

Em seus lugares, pessoal

iuhuuuu.

Psiu , ei.

Cara na calça de camurça com a traseira achatada, catecúmeno do que é legal, guardião dos dois pensamentos e meio originais da sua geração — eu gostaria de falar com você.

E você, garota natureba sem glúten, amante das coisas cultivadas à sombra, derramadora de lágrimas por galinhas que não conheceu, sacerdotisa menor da “ausência de crueldade animal”, defensora dos indefesos (exceto os habitantes de útero).

E você, rapaz na calça cáqui de cinto, jovem republicano, adorador da imaginária (secular, mas sagrada) deusa da fertilidade financeira americana.

E você, mãe de sete, rosnando nas fileiras de trás de sua *van* expandida.

E você, *poser* masturbador de academia na meia-idade, a olhar com malícia para seu próprio reflexo cheio de veias na garota da máquina de remo.

E você, jovem cristão, assentado na parte de cima do muro, devoto de um deus sem ambição que apenas quer servir como figura de proa do seu comando pessoal (a deixar graciosamente o resto para seus companheiros).

Atletas, líderes de louvor e trapaceiros, pais, filhos, mães e filhas.

Você.

Abusado ou abusador. Perdido ou arrependido, errante ou firmado, culturas em laboratório de orgulho ou de inferioridade.

Oi ao entorpecido e ao debochado (ou a ambos).

Você.

O fiel.

Você.

O infiel.

Pausa.

Feche os olhos. Inspire devagar. Agora, solte o fôlego enquanto abre os olhos. Avalie sua posição antes de exalar, entre o seu último fôlego e o próximo. Comece com o básico. Onde você está?

Em um banco de praça? No banco do ônibus? No banheiro? Em uma poltrona arcaica de segunda mão, sozinho em um apartamento de décima sétima mão? Onde exatamente você está neste planeta? Quantos metros acima do nível do mar e quantos metros abaixo e acima das estrelas mais próximas? Onde você está no tempo, na história, na parada “além de toda a compreensão humana” da matéria artesanal a marchar ao som e glória através dessa coisa que chamamos momento presente?

Por favor, forneça-me suas coordenadas físicas, temporais, genealógicas, históricas, narrativas e espirituais, pois quero conhecer você (não pessoalmente, apenas como espectador, obrigado). Estou chegando à sua história pelo menos na metade do seriado, e perdi tudo da primeira à 74.^a temporada. Folheio um romance mais volumoso que uma sequoia-gigante (e impresso em papel de seda) e não consigo encontrar você ou seu bendito momento.

Quão longe você está do nascimento? Não, deixe-me folhear ao contrário a partir do final. Quão perto você está da morte? Ajude-me a encontrar sua narrativa.

“História, história, minha vida é uma história”, diz o moderninho no Twitter.

Certo. Narrativa. História. Rapaz, isso soa legal e empolgante, mas vem de alguém que mal tem atenção para suportar um vídeo na internet de mais de quatro minutos, e que os deuses pós-modernos tenham misericórdia se o Wi-Fi atmosférico declina ou seu pequeno navegador começa a travar.

Não importa o quão na moda está falar a respeito disso, a vida é uma narrativa. Tudo na história é uma narrativa. Cada partícula conta com uma linha narrativa própria que remonta até a primeira Palavra do Um e Três, e todas essas linhas — essas muitas — estão entrelaçadas em uma grande e sempre crescente narrativa divinamente pronunciada.

Em outras palavras, não importa o quanto possamos banalizar, não importa o quanto usemos a ideia para inflar nossa percepção do amor próprio autônomo, não importa o quanto possamos ostentar isso em óculos estilosos e jeans estilosos, entortando a palavra *Narrativa* e a reflexão que ela produz seja todo o charme necessário — nós estamos, de fato, no rumo certo. Cada um de nós está no meio de uma história, uma narrativa.

Mas, por algum motivo, não demonstramos o menor desejo de lê-la, quanto

mais de vivê-la com algum tipo de autoconsciência humilde.

Algumas pessoas veem o grande redemoinho da história — as impossivelmente numerosas tramas narrativas rumo à praia em uma onda de solidez incompreensível, e adotam um grande pressuposto teológico passando-o por conclusão (são coisas demais, até para Deus ter falado todas elas). Assim, elas sobem ao púlpito para emitir um enunciado para aqueles entre nós muito simples ou ingênuos para terem percebido o caráter enorme da realidade.

“Como você ousa agradecer a Deus depois de ganhar um jogo de futebol? Você acha mesmo que ele se importa?”.

“Como você ousa orar antes do seu evento nas olimpíadas e ficar todo piedoso depois da vitória? Você acha que Deus não gosta das outras garotas?”.

Algumas pessoas enxergam apenas o redemoinho de seus arredores próximos e, assim, apenas uns centímetros de raio. A vida é uma história. Eu sou uma estrela. Saia do meu caminho, estou ocupado a estrelar a pequena obra que gosto de chamar eu mesmo. Você sem dúvida não entende, mãe. Os fones de ouvido estão firmes...

De um lado, as pessoas presumem que Deus é tímido e distante, com toda a personalidade do “grande bocejo cinzento dos céus”. Do outro, elas agem como se Deus fosse sua máxima pessoal de manipulação narrativa.

Preparar, apontar, divida o bebê.

O mundo é grande, sim. Mas, Deus é maior. Sim, sua vida é uma história, mas você é um pequeno ácaro da poeira no carpete da extensão desse palco, e apenas um na multidão do elenco divino.

Seu mundo é pequeno, sim. Deus fica ainda menor. Nenhum ácaro cai dos fios para a base do carpete sem a permissão do Pai. Ele é grande o suficiente para não se importar com o *pequeno*. A peça teatral do ácaro não esgota a atenção dele, afastando-a de algo considerado por professores universitários mentalmente incontinentes mais digno de sua dedicação. Quando se é infinito, é possível desfrutar de dois buracos negros em uma queda de braço por um lanchinho galáctico e de um atacante sem coordenação do primeiro ano tentando escapar de um avantajado zagueiro do terceiro ano. O infinito vai até o mais alto e até o mais baixo; e, em todos os níveis, com atenção igual, Deus cria com uma dose completa de sua personalidade.

Jó de Uz: — Por quê?

O Redemoinho: — Você vestiu o *hipster*, lhe deu seu café e uma fascinação invertida por marcas?

Uma seca no Meio-Oeste dos EUA e um falcão a perseguir um corvo são cenas que prendem a atenção de Deus. Elas não são coisas que acontecem e que ele pode ou não perceber... Ele fala e molda cada peça de matéria tecida nessas cenas e por isso elas acontecem. A fala dele as faz acontecer.

Entenda isto: nós somos ao mesmo tempo pequenos e imensos. Não somos nada mais que barro moldado que recebeu fôlego, mas não somos nada menos

que autorretratos divinos, a arfar e ofegar ao longo de cordilheiras de arcos narrativos épicos preparados para nós pela própria Palavra infinita. Encha-se de orgulho e gratidão, porque você é pequeno e recebeu muito. Você é tão falado por Deus quanto as estrelas. Você se encontra na história com narrativas se desenvolvendo ao fundo e desde o passado. Nós deveríamos querer viver nossos capítulos bem, mas fazer isso exige o conhecimento dos capítulos conducentes a nosso tempo e momento; exige a abertura de nossos olhos e o início consciente da moldagem dos capítulos posteriores.

Quem ama falar sobre *Narrativa* raras vezes tenta ler muito além do momento imediato — e nem isso faz bem. Porém, é difícil culpá-lo. Tente. Você já segurou o fôlego e olhou à volta? O lugar onde está é uma cena, uma locação, um cenário. Como chegou aí? Por que está aí? O que você deveria estar fazendo? Se sua pessoa fosse imaginária e pudesse ler sua cena em um livro, seria mais fácil responder. Saia da sua cabeça e de suas pequenas decisões, e leia a história. Como chegou aqui? Você não consegue saber de fato aonde deveria ir a seguir até observar a estrada atrás de si.

Mexa sua mandíbula; lute para ler, aprenda a falar a história de Deus a seu respeito enquanto ele a faz — a história em que você vive. Saiba contar com mais chance de vomitar o rio Snake ¹ que de contar bem sua história completa. Mas, não tentar é o caminho mais curto para a falha de caráter.

Limpe a garganta e abra os olhos. Você está no palco. As luzes estão acesas. É normal suar porque não se trata de um faz de conta. E fica indefinidamente em cartaz. Sim, é um palco gigante, e há milhões de outros no palco com você. Sim, pode tentar sacudir o medo e se misturar. Mas, não vai funcionar. Você conta com a atenção completa do Deus Criador, a mesma atenção dada por ele a Napoleão, Churchill ou até Moisés. Ou bilhões de outros que viveram e morreram anônimos. Ou um grão de areia. Ou uma ramificação de um floco de neve. Você é falado. Você é visto. É sua vez de participar da criação. Como um aluno de jardim de infância empurrado em direção ao palco na primeira peça, talvez não saiba em que cena está ou o que vem a seguir, mas Deus é bem menos pedante que nós. Você é a arte dele e ele não tem problemas em se diminuir.

Você pode até lhe perguntar suas falas.

1 O rio Snake tem 1.674 km de comprimento e passa por quatro estados americanos (Wyoming, Idaho, Oregon e Washington). [N. do R.]



DOIS

Alimento para a alma, barquinhos de papel e o arremessador: histórias contadas

Estou sozinho na cama, estudo a guerra de lego que deixei congelada no chão, escuto o barulho da máquina de lavar roupas do outro lado do meu quarto/área de serviço, e espero minha mãe. Um cavalinho de pau feito em casa me observa do canto (uma grande cabeça marrom de veludo costurada a um taco de hóquei por minha mãe). Um balão de ar quente costurado pela minha mãe está pendurado em meu teto baixo e inclinado (apesar do fato de o balão, às vezes e de forma sinistra, tornar-se uma cabeça gigante a pairar sobre mim). Na cama, estou acompanhado de um rinoceronte atarracado (que mais tarde inspirará uma criatura na trilogia dos *100 armários*), uma baleia assassina de pelúcia assimétrica com um enchimento muito denso (mortal em guerras de travesseiro e, assim, banida deles) e Billy, um urso de pelúcia com orelhas estranhas e um conjunto de moletom cinza e manchado (que minha mãe costurou para ele).

Nesta noite, enquanto relembro duas décadas e meia depois, a baleia assassina está no meu porão, o rinoceronte no sótão com quatro camas, e Billy dorme do lado da minha filha de 2 anos. Ele ainda veste o conjunto de moletom.

Naquela noite há muito tempo (e em muitas outras como ela), esses animais e eu esperávamos por uma história.

Era uma casa pequena, mas o quarto das minhas irmãs ficava no outro lado. Eu conseguia ouvir risos e vozes abafadas que, enfim, levariam a passos

que, por sua vez, levariam a mim. Meu pai cantava, orava por todos nós e lia nossas primeiras obras de Lewis e Tolkien à mesa de jantar, mas, na hora de dormir, minha mãe era a narradora. Quando ela dava um passo no meu quarto e sentava na minha cama, havia duas coisas que eu pedia de imediato — uma massagem nas costas e uma história sobre o Pequeno Tim.

Eu não me lembro de nenhuma história. Minha mãe fica aliviada que não, certa de que elas seriam embaraçosas hoje (não seriam). Mas, eu me lembro do zumbido da máquina de lavar, do barulho da secadora de roupas e da emoção profunda de conseguir o que queria — zarpar em uma jornada com meu amigo Tim, que não era mais alto que meu dedo.

Histórias são alimento para a alma. Eu me alimentava dessas histórias, enviando minha imaginação para vagar enquanto o sono tomava conta de mim, como me alimentava dos clássicos de fantasia e aventura que meu pai lia para a gente à mesa. À semelhança das histórias de guerra, trens e fazendas que escutava dos meus avós. Da mesma forma que me alimentei de um pequeno livro que meu pai escreveu para mim (e estrelado por mim), em que eu matava por acidente um rei duende com um taco de beisebol enquanto voltava para casa de um jogo e era transportado a um submundo.

Crescer exige alimentação. Múltiplas vezes, todos os dias, por toda a minha infância, fui alimentado. De quantas refeições específicas eu me lembro? Quantos sanduíches de geleia e pasta de amendoim eu me lembro de serem distintos de todos os outros? Eu me lembro das refeições da mesma forma que me lembro das horas de ouvir histórias. A atmosfera e a aura de comer — copos e duendes, leite e vilões, sorvete e orcs . Fui alimentado. Cresci. Por dentro e por fora. Nós somos criaturas narrativas e precisamos de nutrição narrativa — catecismos narrativos.

Pequeno Tim e eu fizemos grandes coisas juntos. (Pergunte ao Billy: ele se lembra.)

Durante vários anos apenas comemos. Não controlamos o que nossos pais nos dão no jantar, não controlamos o que eles leem para nós (ou não leem) ou o que nos permitem assistir. Somos como vasos de argila molhada e preenchidos com todo tipo de história — filmes, livros, programas de TV, relatos de amigos, pais, avós. E quando secamos, tomamos a forma do que foi colocado em nós. Quando começamos a tomar nossas decisões, quando nos tornamos uma personagem ativa em nossas narrativas, todo aquele alimento da alma está por trás de nós. Podemos nem mesmo nos lembrar das histórias, mas elas nos prepararam e moldaram enquanto ainda éramos argila crua.

Mesmo nos adultos, as histórias preparam instintos, instintos controlam lealdades e lealdades moldam escolhas. Mas o crescimento é mais difícil para os adultos.

Então, passamos para além de nossas escolhas. Começamos a decidir as narrativas que verteremos sobre nossos pequeninos (ou permitiremos serem

vertidas). Nós os alimentaremos. Ou, com mais frequência, outros o farão em nosso lugar.

Almas serão alimentadas e moldadas de dentro para fora. Isso é inevitável.

Meus filhos não ouviram nada sobre o Pequeno Tim. Mas eles conhecem o Pequeno Simbá. Ele coleta os dentes de leite deles (e deixa dinheiro e uma pequena nota de agradecimento para explicar o que ele planeja esculpir com o marfim humano). E quando eles eram ainda pequenos demais para ler livros por conta própria e (na maioria das vezes) muito inquietos para ficar sentados enquanto eu lia para eles, nós começamos uma tradição. Quase.

Hora de dormir. Como uma personagem em sua própria história, minha mãe me ensinou o quanto esse crepúsculo da consciência pode ser rico. À noite, havia quatro pares de jovens olhos e quatro almas jovens saltitantes e ansiosas esperando por mim nas três camas e um berço. (E Billy.)

Eu precisava tentar. De outra forma, que tipo de hipócrita eu seria? Histórias são meu trabalho. E meus os filhos não mereceriam meu melhor material? Bem, que pena: histórias são difíceis.

Hoje, três sabem ler e o quarto está a caminho. Só o número cinco pede histórias do modo que todos costumavam fazer. Três devoram livros em sua cama, o quarto devora meus antigos *Calvin e Haroldo*, e o quinto é de todo dependente dos outros para ter seu rango narrativo. Entretanto, não é difícil lembrar quando havia apenas quatro e eles eram todos filhotes de passarinho e piavam por uma história.

Volte no tempo para um presente mais antigo. Eu subo as escadas para o quarto que guarda quatro camas que guardam quatro crianças. Essas quatro nunca se acham cansadas. Seus olhos brilham e sua jovem mente crepita com pensamentos surpreendentes sobre o dia, o futuro e a natureza do universo. Estou aqui para lhes dar adeus, para estourar pequenas garrafas de champanhe em pequenas proas, para desatrelar quatro imaginações e enviá-las a flutuar sozinhas na escuridão, sem supervisão, sem guia, e moldar visões para si, descansando no calor ou vagando no terror.

Toda noite, sinto-me a lançar barquinhos de papel em um oceano. Oriente essas crianças o melhor que posso. Tempero a mente delas com assuntos, personagens, canções, danças e bênçãos. E quando elas estão quentinhas e transbordam de alegria, deixo-as ir, e espero pela manhã para ouvir sobre suas aventuras.

Por isso cantamos sobre marinheiros bêbados e o que fazer com eles, sobre como algumas pessoas dizem que um homem é feito de barro, sobre amor escocês perdido e os muros de Jerusalém. Por isso eu devo contar histórias para elas.

Nos primeiros dias, quando as histórias noturnas surgiam, eu reunia as crianças em torno do irmão mais novo (ainda no cativado do berço) e lhes contava alguma versão paternal de um conto da história ou uma lenda. Elas

ouviram todo tipo de coisa sobre dragões, guerras, Sansão, Davi, Moisés, profetas, e deuses malcomportados e homens e mulheres sem medo deles. Mas, depois de um tempo, em uma noite em particular, quando meu cérebro parecia um gomo de limão espremido, decidi querer que minha descendência fosse mais ativa que passiva, mais diligente nas histórias. E, assim, enquanto se juntavam, mandei escolher uma personagem (ou coisa) e eu costuraria tudo em uma única história. O acordo estimularia (eu achava) o crescimento de todos os envolvidos. Elas ganhariam participação e eu ganharia um exercício de redação criativa (além de um ponto de partida).

E, então, os hífens foram descobertos. Lucia (na época com 4 anos) os introduziu em nossas pequenas sessões de história. Para muito desgosto do irmão mais velho, ela amava borboletas. Mas, ela não as amava com exclusividade. Ela amava unicórnios (de modo especial se ele fossem em parte borboletas), bailarinas (se elas pudessem se transformar em unicórnios e borboletas) e princesas (contanto que soubessem balé e pudessem se transformar em unicórnios e borboletas). Ameera (3 anos) adicionou elementos um pouco mais corajosos (cachorrinhos que poderiam se transformar em belas dragoas ou clonar-se como ninhadas completas de cachorrinhos que poderiam se transformar em belas dragoas). O que um irmão poderia fazer além de jogar o jogo? Rory (5 anos) lutou para neutralizar toda a “borboleta-unicórnio-bailarina-princesice” com mais e mais monstros pavorosos, esperando que seu pai captaria a mensagem e permitisse a devoração dos elementos mais femininos na história — algo que eu era incapaz de fazer (considerando meu desejo de que as meninas dormissem bem).

As coisas desmoronavam diante dos meus olhos. Sim, alcancei meus objetivos. Meus filhos estavam envolvidos e eu consegui ajuda (e um esforço adicional para minha agilidade narrativa). Mas, eles não deveriam alimentar a si mesmos. E, quando tentavam, tudo se transformava em uma irritação caseira instantânea.

Rory introduziu a lula terrestre gigante e rastejante que come apenas princesas-bailarinas-unicórnios-borboleta, filhotinhos e dragoas, e consegue farejá-las em qualquer lugar, não morrem e podem se transportar com magia até a presa e está sempre com muita, muita, muita fome. Seamus (1 ano) aprovou esse monstro e demonstrava a sanção com um rugido sonoro. As irmãs relutavam com a presença dessa criatura em qualquer narrativa possível, quanto mais na história antes de dormir. Então Rory discordou bastante da minha opinião autoral de que essa criatura deva ser derrotada (de alguma maneira).

Nessa noite ninguém foi feliz para a cama, e eu sabia que estava cansado de fugir. Era hora de reassumir a responsabilidade até que seus instintos tivessem uma alimentação melhor (e mais longa).



Histórias são difíceis de criar e inevitáveis; as boas são elusivas e necessárias para almas famintas.

Eu me lembro da primeira vez em que realmente senti o impulso narrativo, embora não tenha ideia de onde estava. O impulso (que eu acabei de mencionar e do qual me lembro) se passava na minha cabeça. E nos dedos ao agarrar meu incansável lápis e nos meus outros dedos ao borrar o que já havia sido escrito.

Seria um escritor. Isso eu já proclamara com confiança na mesa de jantar na sexta série. O que, nessa idade, me pareceu uma certeza do tipo “pode apostar tudo nisso”. Afinal, eu amava histórias ao mesmo tempo em que era muito seletivo. Um livro com o menor erro jamais seria aceitável. Se eu fosse professor, qualquer coisa abaixo de 92% teria bombado. Uma pequena mosca na sopa e ninguém sorveria nada à sua volta. Não apenas isso: eu jogaria a panela fora.

Até hoje, minha esposa fica surpresa com minha capacidade de jogar um livro longe faltando 50 páginas para o final (e nunca o pegar de volta). Certo ou errado, a poeira das minhas sandálias era sacudida com facilidade.

Um problema. Meu ego da sexta série era espetacular quando se travava de criticar. Quando se tratava de lançar um insulto das encostas superiores de um lábio zombeteiro, eu jogava no time principal. Mas quando se tratava de lidar com minha futura “identidade com certeza criativa” e predizer o sucesso, eu mantinha tudo bem... *depois e quando eu e algum dia*. Jamais *agora*.

Mas, eu tinha (tenho) um pai que era (é) um abominador de muita conversa fiada, um desprezador de tarefas inacabadas, um perfeccionista incomodado por apenas uma imperfeição — a de não fazer. O tipo de pai que começava escolas em porões, faculdades em torno de mesas de jantar, igrejas em oficinas mecânicas e editoras em quartos (décadas antes da revolução digital).

Meu pai ficou empolgado porque eu me tornaria escritor. Ele levou a sério o que eu disse, e ofereceu apenas empolgação, parabéns e... pressão. Lembrando-me agora, havia mais que uma pequena artimanha envolvida. Ele desmascarou meu blefe. Mas, o fez na esperança de que, ao fazê-lo, o blefe sumiria e a escrita ficaria.

Como tantos outros, eu ficava contente em afirmar minha aspiração e, então, desperdiçar meu tempo sem sequer ir atrás dela. Todavia, em vez disso, eu me encontrei segurando um lápis. Todo o meu treinamento autoral anterior consistiu em ser um público difícil e sonhador versátil. Mas, aqui estava eu, entrando no ensino fundamental II na ponta dos pés, com a expectativa paterna de criar arte. Com palavras. Por causa de algumas delas que saíram da minha boca.

Meu alegre pai estava ansioso para ouvir meu primeiro conto.

Um dos muitos aspectos estranhos (e assustadores) de criar ficção é a absorção física do processo (quando feito corretamente). Uma cena é criada na

mente. Metade da arte é feita dentro desse osso redondo que mantemos no topo da pilha de carne. Coisas devem ser conjuradas e vistas de fato. A outra metade é tirar isso da própria cabeça, transformar em palavras que transmitam isso ao mundo e tentar entrar nos ossos dos outros. Uma experiência é criada, capturada, oferecida e, com esperança, recebida. O dom é sempre o da experiência vicária. E conseguir realizar essa experiência não é um processo organizado. As palavras remodelam o que existe na mente. A cena na mente ameaça e evita as palavras. A imaginação cresce esfumada e fluida, e não permanece parada, ou as palavras são incapazes de capturá-la. É possível experimentar com a imaginação todo tipo de coisas profundas e ainda cair por terra quando chega a hora de pintar essas coisas com palavras.

Uma crítica me disse pouco tempo atrás que se lembrava das cenas de um dos meus livros de aventura mais novos (*The Dragon's Tooth* [O dente do dragão]) não como cenas de um livro, mas à semelhança de memórias pessoais de suas experiências. Ela não poderia ter me deixado mais feliz. A ficção ama contrariar os sistemas de abastecimento da mente. (E a mente ama ser contrariada.)

Isso significa que, ao examinar minhas memórias da primeira obra de ficção, minha mente me fornece uma mistura. Eu me lembro de uma caverna fria, do calor do fogo a meu lado no centro da caverna com a exaustão física e as feridas de batalhas escocesas. Você consegue perceber onde as coisas deram errado? Por ser autor, eu me encontrava na caverna imaginada como o fantasma de minha personagem principal (que estava deitada em uma cama de acampamento). Até me lembro de onde me encontrava enquanto olhava ao redor, examinava as paredes desiguais de pedra, sentia a chama e assistia os homens que não estavam feridos arqueando as costas em banquinhos (que, sem explicação, trouxeram consigo).

Porém, o cansaço dessa personagem, suas feridas — essas coisas eram apenas ideias e ideias são onde as histórias falham. Até ideias boas precisam de encarnação. Eu não sentia a ferida da personagem ou a exaustão e, assim, eu me lembrava delas como nada mais que um par de afirmações. E a personagem nesse momento imaginado era nada mais que um boneco de papel como resultado. *Hoje* balanço a cabeça em desaprovação ao eu *anterior* e tento gritar contra a correnteza do tempo. Dê corpo.

Todas as ideias devem receber carne caso queiram viver bem (ou pelo menos com honestidade) em uma história (qualquer história).

A vida é uma história.

Atéismo é uma ideia. Com muita frequência (graças a Deus), é uma ideia vivida e contada com uma clara inépcia com o giz de cera. Algum filho do cristianismo ou do judaísmo veste uma roupa de Zorro incrédulo e desfila pela sala de estar.

Cuidado! Um perigoso pensador de pensamentos! Um crente na

“emancipação de toda e qualquer divindade”! Tema a minha espada da esperteza!

Coloque doces no balde dele. Finja um susto. Não diga que estão adoráveis. Ateísmo não é uma ideia a que queremos *dar corpo* .

O ateísmo encarnado acontece nessa narrativa da realidade. Mas não faz um discurso inflamado sobre o tratamento dado às mulheres do islamismo como o (muitas vezes corajoso) ateu Christopher Hitchens. Não troveja palavras como *mal* — e ela tem de fato esse sentido (como Hitchens fazia) — ao falar sobre regimes comunistas opressores. A máscara de Zorro dele caía o tempo todo — e em muitos dos melhores momentos.

Ateísmo encarnado é niilismo do folículo piloso à unha do pé. É moralidade apenas como um instinto evoluído de sobrevivência de bando (facultativo, é claro, e tão fácil de superar como foram nossas penas). Quando Hitchens trovejava, ele calçava as botas dos antepassados que sabiam prover todo trovão do alto.

Mas, isso não é ateísmo.

A vida é uma história.

O cristianismo não é bom como ideia. Pare de pensar que a proposição afirmada é o mesmo que fé. É um começo. Mas, também pode ser uma fantasia. Dê-lhe corpo.

E o que é cristianismo encarnado?

Feliz Natal. Una-se aos magos e descubra. Siga os pastores. Seja um cego na estrada, um faminto na multidão, alguém aterrorizado em um barco, um coxo em um tanque, seja erguido e transportado por um teto, seja uma prostituta com perfume demais, um ladrão em uma árvore (ou em um madeiro), uma adúltera diante da execução, ou um mentiroso, um sodomita, um hipócrita, um traidor ou todas as anteriores. Seja culpado. Traia e despreze tudo o que é verdadeiro, bom e belo. Passe pelo soldado chocado com a esponja amarga na vara. Permaneça com Maria ao pé da cruz. E veja.

A cruz não é uma ideia.

Este mundo é toda encarnação. Palavras encarnadas. *Palavras*. Deus enviou e Deus disse. Sua imaginação é de tremer os ossos e arrepiar a alma, e ele nunca bateu por palavras para capturar (e ser) essas coisas. Ele imaginou galáxias, canos entupidos, tubarões, harmonias, emoções, corridas, vilões, inimigos, fungos e o casamento pesado de ares que chamamos de água, que pode se mover por rochas, luz e vento, que pode destruir, congelar e batizar. Ele imaginou e sentiu a dor do amor de mãe, o anseio mortal causado pelo impulso do tempo, a velocidade do falcão, o medo da lebre, acordes menores e o cheiro da cola de tapete. E nada dessas coisas serviriam como ideias. Elas se tornaram palavras. Sons declamados pelo Infinito. Ritmos, verbalmente materializados e moldados pelo divino. Eles foram falados.

O que é apenas outra maneira de dizer: *a vida é uma história* . Mas, a

própria *vida é uma história* é um pouco modinha no mundo das ideias. Ela é passada por aí como um cigarro entre adolescentes furtivos de 14 anos, a fumaça entrando e saindo como discurso vazio.

Se você pensa algo, viva-o. Se não vive, não está pensando de verdade. Você não é o que pensa (ou o que você pensa que pensa). Você não é o que diz ser. Você é o que faz. É Adão, chamado a dar nome a si mesmo. Mas, você não pode fazer isso com palavras que se fazem ruído — só com palavras que se fazem carne.

Eu: — Vou ser escritor.

Meu pai: — Aqui está seu lápis.

Eu: — Droga.

Eu olhei para a chama na parede da caverna por mais tempo que qualquer outra coisa. Lembro-me da sensação de prazer quando encontrei a palavra que a capturaria melhor que qualquer outra. Dançando. Uma chama dançando. Nunca utilizada antes. Por ninguém.

Ei, eu era jovem.

Quando terminei, tinha uma história sem uma verdadeira progressão narrativa na qual um homem ferido acordava após uma batalha escocesa em uma caverna com uma chama *dançando* nas paredes. Para celebrar meu sucesso, li a história em voz alta para minhas irmãs, meus pais e avós (James e Elizabeth Wilson).

Irmãs: Vagamente encorajadoras (eu acho).

Pais: Muito encorajadores.

Avó: Amavelmente encorajadora sem comentar a narrativa.

Avô: Crítico. Áspero. Apreciou o esforço, mas, “tente de novo, garoto”. Honesto.

Eu mesmo descobri a honestidade. Minha obra (ao entrar no ensino fundamental) sem dúvida não correspondia à obra de C. S. Lewis (ou Tolkien). E, assim, eu me afastei disso, planejando voltar a escrever mais tarde, quando minha escrita seria melhor (sem prática).

No ensino médio, meu pai me pressionou de novo. E quando ele fez isso, humor foi tudo o que saiu.

Humor é seguro. O mundo está repleto disso. A gargalhada é uma recompensa fantástica. E o humor consegue depender muito mais da *ideia*.

Por fim, a faculdade. Um curso de verão. Um professor e mentor banuiu-me de todo e qualquer humor. Eu cresci. Parti do gelo fino e perigoso da minha imaginação, ao vagar por lugares que me deixavam nervoso (e até aterrorizado).

Há pessoas que escrevem coisas substanciais. Há mais pessoas que querem ser vistas desesperadamente como autoras de coisas substanciais. Eu vivia com medo de me tornar alguém do segundo grupo. Assim, nunca tentei inventar ou imaginar algo substancial. Em vez disso, abri meus olhos e observei ao redor.

Queria um bode expiatório e, então, concentrei meus escritos quase por inteiro na tentativa de capturar o significado da não ficção à minha volta. Pequenas cenas. Fragmentos de narrativas. A mulher e seus filhos hilários no apartamento abaixo de mim. Eu tentava perceber tudo, coletar e absorver tudo o que pudesse.

Nada disso era de fato intencional. Devia-se mais à insegurança, ao desconforto que sentia ao imaginar a emoção e afeição. Então eu roubei. E, por acidente, aprendi algo.

Lewis dissera não haver criatividade *ex nihilo* em nós: todos somos subcriadores a piratear e rearranjar porções da realidade. Concorro. Mas foi apenas uma ideia. Então, ela ganhou corpo. Comecei a ver o mundo mais como cozinheiro que como escritor. Havia ingredientes ilimitados por aí, combinações à espera da descoberta, para serem cozidos e servidos. Havia verdades, histórias, personagens e peculiaridades que poderiam colidir com força, e alguns desse ingredientes poderiam se casar e gerar sequências. Comecei a me sentir muito mais confortável por não ter toda a responsabilidade pelo ato de criar. Minha responsabilidade era encontrar, pegar, organizar.

Ver, dizer.

Algumas refeições envolvem mais camadas de descoberta — uma vaca ainda viva e um molho madeira com pelo menos dezessete passos. Pizza. Crème brûlée.

Outras refeições caem em sua mão como uma pesada pera de outono. Na pós-graduação, uma caiu na minha e, de repente, tornou-se real o que Lewis tinha dito (e eu acreditava). Tornei-me escritor, não com a descoberta da minha voz (como alguns dizem), mas por meio da descoberta do meu papel. Esqueça a boina e o cigarro parisiense. Eu era um caçador (armado com olhos e língua), um cozinheiro, um beneficiário, um mortal entre mortais que se depara com milhões de tramas narrativas todos os dias. Eu só precisava de tesoura e cola.

Tudo isso graças a um garoto (e àquele que o criou).

O arremessador

Ele estava lá na primeira vez que fiz o caminho. Do lado esquerdo da estrada, próximo ao semáforo. Movimentando-se e arremessando. Seu movimento era espalhafatoso e rígido, rígido demais para ser preciso. Entretanto, ele não contava mais de 4 anos e sua mão estava vazia. Enquanto esperava o sinal, assisti à repetição desse esforço. Ele estava sozinho no gramado atrás de uma igreja luterana. Havia outras crianças dançando e bagunçando, gritando, cantando e caindo. Mas, nenhuma delas sequer notou o pequeno e negro arremessador ali do lado, e ele também não reparou neles. Então, o sinal mudou.

O arremessador ficou na minha cabeça por toda a tarde. Enquanto eu discutia Aristóteles e Aquino, seu movimento se repetia de forma contínua na

minha cabeça. A intensidade de sua face contorcida a cada *strike* do rebatedor, o rápido movimento de seu pequeno braço negro enquanto prosseguia, quase em desequilíbrio, o lançamento enquanto recuava com lentidão antes de explodir para frente ao acionar a mão vazia para arremessar; todas essas coisas se desenrolaram na mesa à minha frente. Com um pequeno movimento nos meus dedos, eu me uni a ele. Meu lápis balançava a cada arremesso e atingia nada além do ar, *strikeout* após *strikeout*. A poeira subia da luva do receptor atrás de mim a cada arremesso que atingia o alvo. A aula terminou e eu fui para casa comer, minha derrota esquecida.

Eu dirigia até a aula quatro vezes por semana. Quatro vezes por semana eu parava em um sinal vermelho e olhava para a esquerda. Quatro vezes por semana eu assistia um pequeno garoto negro arremessar com garra. Ele arremessava em toda situação. Vinha de trás, lutava até o final e dava a volta olímpica. Eu o assistia caminhar em torno do campo com orgulho em seus passos e com um sorriso tão grande no rosto que havia a certeza em mim de que seus adversários não poderiam estar sorrindo. Enquanto ele caminhava e ria, eu não poderia deixar de sorrir. O time sem dúvida tinha algumas partidas por jogar.

Mas, haveria outros jogos.

Eu saí de casa no habitual calor molhado de agosto em Maryland sem pensar no arremessador. O mundo era um lugar grandioso mesmo em sua úmida glória. Os verdes molhados e quentes estavam de mãos dadas com os azuis secos e acentuados, e uma brisa os misturava. Não era um caminho longo e eu passava boa parte dele a observar o mundo. Então fiz uma curva. Como era o caso, quando eu via o sinal à distância, lembrava-me do arremessador. Sabia que logo olharia por sobre o ombro e assistiria uma criança balançar sua mão vazia. Eu veria um garotinho sozinho, distante dos jogos dos outros, sonhando. Sabia que ele estaria parado onde sempre estava, onde poderia estar sozinho, mas ainda sob os olhos da mulher cansada da igreja luterana cujo trabalho era vigiar as crianças nascidas de outras mulheres. Sabia que um par de pequenos olhos estariam fitos no nada e que eles veriam um rebatedor para derrotar e o alvo do receptor à espera. Ele focaria a mente e o corpo além das habilidades de qualquer um dos grandes arremessadores. Ele lançaria com uma concentração ímpar por não ter a luva na mão, boné na cabeça, nem bola no punho; enquanto o tráfego da Rota 70 fluía, ele subiria o montinho, removeria a realidade e moveria o braço.

Eu não olhei até parar no sinal. E, quando o fiz, ele não estava arremessando; ele estava circulando o montinho. Pelo olhar dele, eu sabia que ele estava em uma guerra. Seu rosto registrava uma intensidade sem expressão enquanto caminhava. Não havia orgulho nisso. Ele caminhou até o ponto onde eu sabia que seus olhos enxergavam um montinho de terra em vez da grama verde e ele assumiu uma posição que sem dúvida não era para arremessar. Ele

estava na posição *stretch* . 2 Havia corredores nas bases. Ele olhou à direita. Corredor na terceira base. Ele olhou à esquerda. Corredor na primeira.

“Ele vai agora”, digo dentro da minha caminhonete e posso ver que meu arremessador sabe. Ele olha para a esquerda de novo. O corredor na primeira base rumo à segunda. O arremesso começa, o rebatedor sofre o *strike* . O corredor na terceira dança, desafiando o receptor a lançar para a segunda. O corredor na primeira avança. A bola volta ao montinho. Olho rapidamente para o semáforo. O brilho vermelho ainda pairava no ar, e o tráfego ainda fluía.

O arremessador volta ao movimento para arremessar. Corredores na terceira e na segunda bases. Pelo seu rosto, sei que estamos na nona entrada, com sorte na parte alta, mas, por causa da óbvia pressão no rosto do arremessador, eu duvido. Seu pequeno corpo permanece sobre o montinho observando o receptor. A jogada é sinalizada e sei que é uma bola rápida.

“*Bunt* ”, eu sussurro. 3 O arremesso vem, a explosão no pequeno braço. A luz verde acende, mas não antes de eu observar a surpresa no rosto do arremessador. Ele gira olhando para cima. Ele se livra da luva que só eu e ele podemos ver, coloca as mãos na cabeça e olha para o muro enquanto espera. O rebatedor surpreendeu. Mandou a bola para fora do estádio. *Home run*, três *runs* marcados. Meu arremessador cai no chão em choque. Eu viro com o trânsito e a imagem vai ficando cada vez menor no meu espelho. Um pequeno corpo na grama verde, as outras crianças nem sequer olham, mas há uma mulher cansada a caminho daquela direção.

Depois disso, eu não conseguia enxergá-lo da mesma maneira. No dia seguinte, ele estava sorrindo e desfilando de novo, mas mesmo sua satisfação parecia diferente para mim. Eu ainda conseguia rir com ele, mas a alegria tinha dois gumes. Ele estava rodeado pelo trânsito, entregue por seus pais para ser vigiado por outra pessoa; ele não tinha bola e nem rebatedor, e ainda se divertia.

Eu teria lhe comprado uma bola, mas sabia que ele não poderia arremessá-la. A única vez em que algo tinha se erguido de sua mão era uma pinha, e a mulher cansada a tomou antes que um único arremesso se completasse. Eu teria parado e jogado com ele, mas as pessoas não aceitam bem estranhos que rodeiam creches. Eu teria feito um monte de coisas, mas não fiz nada disso. Em lugar delas, sempre ia para a aula e o assistia arremessar dali, da mesma forma que ele assistiu um rebatedor invadir a zona de *strike* .

Então, chegou o último dia. Havia muitas distrações para me impedir de lembrar do arremessador, mas, por algum motivo, ele ainda surgia na minha mente. Tudo sobre ele inundava meu cérebro enquanto eu enchia minha mala de livros. Seu macacão, seus tênis grandes, seu cabelo sem cortar, todas essas coisas se faziam presentes e eu não entendi o motivo até partir. Era o último dia que eu o veria. Era o último jogo da temporada. Eu dirigiria por perto, veria seu braço em movimento e prosseguiria. Só que dessa vez continuaria meu caminho

para sempre. Eu nunca faria esse trajeto de novo. O voo para casa partiria na manhã seguinte. Percebi que ele era um garoto com quem eu sempre quis conversar; desejava saber seu nome e o que ele pensava; queria saber todo o possível sobre a vida dele. Mas, eu estava dirigindo.

A viagem pareceu mais demorada que o normal, e passei o tempo sem pensar sobre a aula ou a sessão do verão passado, a pensar apenas no garoto magro com a mão vazia. Eu me perguntava sobre seu pai, se ele jogara beisebol. Eu me perguntei se ele havia assistido a um jogo de beisebol na TV e se tornara fã. Em sua imitação, o comportamento era tão detalhado que seria preciso assistir a um monte de partidas. Eu pensava na motivação dele. O desejo de arremessar o mais forte que pudesse quando ele não estava lançando nada para ninguém e sabia disso. Mas, eu sabia que ele voltava cansado para casa todas as noites. Cansado do trabalho de mexer o braço. De onde veio seu amor ao jogo? Onde estava seu pai? Quem jogaria com ele? Todos nós éramos muito ocupados. Nós estávamos dirigindo. Seu pai e sua mãe estavam dirigindo. Eu estava dirigindo. Milhares de outros estavam dirigindo. Só a mulher cansada não dirigia e se mantinha ocupada, ocupada ao se sentar e certificar-se de que meu arremessador não lançava nada de verdade. Ele era tão invisível para o mundo quanto o receptor e os rebatedores. O trânsito da humanidade passava por ele e o tinha depositado em segurança em um pedaço de grama que ele transformou em um montinho. Todas as coisas estavam cegas para ele e ele devolveu o favor.

Alcansei a rua dele e olhei para o semáforo pendurado à distância. Estava verde. Ele nunca estava verde. Ia mudar. Continuei dirigindo e olhando o sinal. Não estava mudando. Comecei a ficar nervoso. Precisava dizer adeus ao arremessador. Procurei um jeito de sair da rua, mas não havia nada. Eu estava na faixa da esquerda com o tráfego à minha direita e em sentido contrário. Passei pelo semáforo, e tive tempo suficiente apenas para olhar por trás do ombro enquanto virava.

O arremessador estava parado no montinho a olhar para o nada. Ele não arremessava. Estavam sinalizando a jogada para ele? Eu não tinha como saber. Peguei o retrovisor e comecei a observar o começo de um arremesso antes de ele desaparecer.

No semestre seguinte eu me mudei e não precisava mais fazer esse trajeto, mas fiz. Dirigi até lá antes da aula. A grama estava totalmente vazia. Não havia crianças a rir, gritar e cair. Não havia mulher cansada. Não havia arremessador. Dirigi para a aula. Assentei-me. Alguém falava sobre Homero. Olhei para baixo. Meu lápis se mexia.

Mais de uma década depois, ainda consigo enxergá-lo. Espero que ele esteja em algum lugar com um par de tênis de beisebol reais, couro verdadeiro e uma bola real na mão.

De certa forma, ele me ensinou a como ser um receptor (ainda que de

modo desajeitado).



Nestes dias, minha filha mais nova é quem ouve mais narrações orais. Para os outros (para ela, no futuro), escrevi romances, histórias sobre primos que escavam o reboco de paredes para descobrir armários mágicos e jornadas através de mundos, histórias sobre irmãos que se envolvem com uma antiga ordem de exploradores e uma sobre um garoto arrastado para uma caverna em uma balsa improvisada. Eu os faço sentar e flutuar em novas histórias, aferindo suas reações.

Cortei a realidade, fervei e refoguei, assei e defumei, e servi a melhor comida para a alma que consegui. Ainda estou na cozinha; espero morrer nela.

A vida é uma história. Todos nós somos personagens. Personagens precisam de comida e personagens precisam de cuidado.

Sempre me perguntam por que escrevo ficção para crianças. Porque aqueles a quem eu sou chamado a alimentar ainda são crianças. Porque eu ainda sou uma criança. Porque o mundo é grande e maravilhoso, mas também é aterrador. É um oceano repleto de barcos de papel. E, para muitas crianças, a única nobreza, a única alegria, a única força e sacrifício que elas veem em primeira mão — que elas veem em carne — procede da ficção. Amigos e heróis imaginados podem moldar amores, lealdades e escolhas tanto quanto (ou mais que) os reais. Mesmo quando as crianças sentem muita alegria na vida, boas histórias reforçam isso. Escrevo para crianças porque eu li mais que a minha cota de ideias adultas apresentadas e explicadas por pensadores, teólogos, filósofos e especialistas adultos, e posso muito bem admitir que fui mais influenciado (como pessoa) por minhas leituras na infância de Tolkien e Lewis, pelos momentos em que escutava as histórias do Pequeno Tim, e pela pilha de páginas que meu pai me entregou sobre uma guerra imaginária de duendes, que por quaisquer outros livros de ideias que li na faculdade e na pós-graduação. Os eventos e as personagens de Nárnia e da Terra Média moldaram meus ideais, meus sonhos, minhas lealdades e meus objetivos. Kant apenas me irritava.

Histórias são o mais próximo que nossas palavras podem chegar de se tornarem carne — dons descerrados na imaginação.

Mesmo agora que meus filhos conseguem inalar aventuras de centenas de páginas, eles ficam empolgados quando ouvem que uma história oral está vindo. Isso tende a acontecer na época de aniversários, feriados e semanas na praia.

As personagens principais são sempre as mesmas. E o título da série é simples, mas preciso: “As aventuras dos garotos da família Wilson”.

Veja bem: havia um velho e um pássaro havia roubado duas pedras mágicas e, enquanto ele perseguia o pássaro, deparou-se com quatro crianças (agora cinco). Os nomes delas eram Rory, Lucia, Amira, Seamus e Marisol, e

mal eles sabiam o significado de capturar aquele pássaro.

Sem mais “princesas-bailarinas-unicórnios-borboletas”. Sem mais “lulas terrestres” gigantes e rastejantes ou filhotinhos autoclonantes. Mas há um palácio no céu, um dragão amigável, um elefante bem apessoado, um tigre jovem (e muito macio), uma vara voadora, uma mina peruana repleta de tesouros mágicos e uma grande pirâmide que acabou sendo apenas o topo de um enorme obelisco enterrado.

E isso deveria ser o bastante para todos.

-
- 1 O *strikeout* [lit., exclusão] ocorre quando o arremessador consegue três *strikes* contra o mesmo rebatedor. Isso acarreta a eliminação do rebatedor. [N. do R.]
 - 2 Movimento para lançar a bola que permite o arremesso mais rápido. [N. do T.]
 - 3 Um tipo de rebatida. [N. do T.]



TRÊS

Olhando para trás: 1

Desenmaranhe os planetas. Solte o ioiô e deixe-o... hã... desenrolar sete décadas encaracoladas. Todos os meus avós estavam vivos. A história do mundo era dor esmagadora e ranger de dentes, enquanto eu estava escondido em segurança no distante útero do futuro. Percorra a bola esférica de histórias — escolha quatro fios.

Elizabeth Catherine Dodds era uma forte jovem canadense. Sua família havia sido esmagada pela dificuldade e pelo tratamento da dificuldade com o álcool. Os pais partiram. Os irmãos estavam em guerra (e ambos seriam mortos). Sendo adolescente, ela foi adotada por outra família (em caráter informal). Em certo momento, a matriarca anunciou que as coisas ficaram muito bagunçadas e mandou todos para a reunião em uma tenda. A Elizabeth “Bessie” Dodds foi concedida fé em uma tenda.

Em Casper, Wyoming, Margaret Downing cantava músicas bobas da irmandade feminina, rodeadas por garotas mais frustradas pelo que a guerra fazia com sua vida social que por qualquer sensação real do perigo que engolia o Extremo Oriente e a Europa. Margaret estava sendo cortejada por um homem sobre o qual não ouvi muito — ele lhe deu um anel, mas não foi meu parente próximo.

Não muito longe, fora de Omaha, Nebraska, um garoto de 15 anos chamado James Irwin Wilson encarava o mais duro desafio de sua juventude. E era grande. Seu irmão mais velho havia sido enviado à guerra e ele foi deixado para trás a fim de trabalhar em uma pequena fazenda e nos muitos trabalhos

temporários que conseguia para manter o clã vivo. James era o músculo da família. Seu pai o levava à cidade para arar “jardins de guerra” por uma pequena quantia. ¹ Juntos, eles prendiam um arado a um grande cavalo de tração preto e a uma égua muito menor, para ajudar a regular o passo mais lento. Quando a égua ficou doente, James viu seu pai desamarrá-la e, então, travar a guerra de um fazendeiro com o garanhão para transformar o solo. Depois, ele o viu guerrear contra o dono da terra a respeito do preço justo. Por fim, com a égua e o cavalo presos à carroça na estrada de volta, ele assistiu a égua desmoronar e o cavalo empinar, e seu pai saltar para soltar os dois. Enquanto o cavalo galopava, James viu seu pai desmoronar com um ataque cardíaco. Aos 15, com o primeiro ano por terminar, o irmão mais velho na guerra (em um destróier condenado), o irmão mais novo com pólio, o pai em suas costas, o anexo da casa a transbordar e tudo na fazenda de dez acres em gestação — incluindo sua mãe — James Irwin Wilson começou a tornar-se quem é.

Gire em torno do globo e desça. Na mesma época, no Pacífico Sul, Lawrence Aubry Greensides foi pego na batalha de Guadalcanal. O alto, energético, sorridente, exímio copiloto de bombardeiro estava pintando crateras falsas no asfalto quando o ataque aéreo começou e ele saltou em um jipe lotado que passava antes que as bombas comessem a cair. Com o pé no para-lama e o traseiro no capô, ele era o ornamento do jipe enquanto este se dirigia para o impacto de uma bomba japonesa.

Sem dúvida, eu não devia ter existido.

¹ “Jardins de guerra” ou “jardins da vitória” eram pequenas hortas em casas para reduzir o custo e a pressão da falta de comida durante as grandes guerras. [N. do T.]



QUATRO

Rumo ao desastre com lotação de até 17 pessoas: histórias vividas

Nós conseguimos voar sobre o Polo Norte sem incidentes. Nossas asas não tinham caído. As crianças ficaram animadas, empolgadas, alimentadas, exaustas e adormecidas. Nove horas para saltar de Seattle, cruzar o céu da noite sobre mundos de gelo e, então, descer rumo a ilhas que outrora guardaram aproximadamente 87,5% dos meus ancestrais modernos e que agora guardavam minha irmã, meu cunhado, seus cinco filhos e uma aventura à espera.

Apenas alguns dias antes, eu havia ligado para minha irmã e feito uma pergunta simples: Se nós pegássemos um voo na quinta, vocês estariam a fim de alugar uma *van*, nos pegar em Londres e, então, viajar até Roma e voltar?

Ela nem precisou me ligar de volta. Os primos estavam dentro.

Roma (e tudo entre Londres e Roma) era um pouco empolgante demais para o mais velho dos nossos pequenos. Mas, estar com os primos? Em uma *van*? Por dias e dias?

Júbilo. Êxtase.

Seamus era o curinga. Ele contava 2 anos na época e um apelido mais simples: Gordinho.

“Você acha que o Gordinho vai aguentar?”, minha esposa perguntou (a si mesma e para mim).

Havia apenas uma maneira de descobrir.

Em retrospectiva, chamamos a viagem “Europrimotour 2009”. Outros nomes poderiam ter sido trabalhados, mas todos eles eram muito restritos ou muito amplos e complicados.

Gordinho todo triste perde muito da diversão. E ele não estava todo triste. Só em muitos lugares.

O drama começou no desembarque. Pousamos. Eu acordei as crianças. Peguei o Gordinho e ele enterrou o rosto no meu pescoço. As outras crianças colocaram as mochilas novas e a empolgação começou a escalar o cansaço delas com lentidão, brilhando em seus olhos nublados pelo sono. Estávamos próximos do bico do avião e fizemos nosso caminho pelo corredor com facilidade, sorrimos para as comissárias de bordo, recebemos seus cumprimentos sobre a perfeição de nossa ninhada e, então, iniciamos a ascensão ao portão de desembarque.

Algo quente e pesado atingiu meu pescoço e desceu pelas minhas costas. Eu parei e olhei ao redor. Levantei o Gordinho. Ele me atingiu com outro jato quente pela frente.

Logo atrás de mim, Rory entrou em pânico com o que viu. Ele abriu as pernas, bloqueou todo o trânsito de passageiros atrás de nós e vomitou por afinidade no chão.

Minha esposa foi até o Gordinho.

Não. Tínhamos de sair do tubo antes que algo mais acontecesse. Ela agarrou as meninas, eu agarrei Rory e todos começamos a acelerar. No entanto, Gordinho não terminara. Ele fez uma pintura. E cada vez que ele a fazia, Rory me soltava e parava, mãos nos joelhos, impedindo dezenas de pessoas atrás dele.

Não, Rory. Não.

Sim, papai. Sim.

As profundezas do Gordinho foram drenadas. Segurando uma fonte humana e puxando outro, eu mandei Rory não olhar para o irmão. Não importava. Meu filho mais velho pintava o espaço com pizza (importada de Seattle) a cada três metros.

Eu comecei a rir. Muito. E muito, muito sozinho.

Minha esposa e as garotas saíram. A multidão atrás admirava com diligência e olhos vidrados o espaço abstrato. Dezenas de britânicos em viagens de negócio tentavam nos apagar da existência com o rosto impassível, mas seus truques *jedi* não podiam afetar nossa dura realidade.

Nós, os garotos Wilson, estávamos presentes ali e éramos hilários. Dois de nós vomitavam. Um de nós chorava de rir sob os borrifos.

O doce e sagrado saguão nos recebeu com espaços mais amplos, mais ar disponível e nossas contrapartes femininas de olhos arregalados. O riso da minha mulher se uniu ao meu, porém tingido com mais caretas e horror.

Dezenas e dezenas de pessoas fluíam por nós em um rio, perdendo esse

dom, essa comédia pastelão após um longo voo, oferecida a eles pelo Deus extravagante.

Graças à infinita sabedoria burocrática de algum pateta consultor de segurança (ou oficial nomeado), o aeroporto de Heathrow determinara que as latas de lixo eram uma ameaça à segurança. Por isso, não havia nenhuma.

Heather começou a tirar a roupa de Gordinho. Eu arranquei meu suéter encharcado. Juntei nossas roupas largadas como a justiça de fariseus gêmeos e então jogamos a pesada trouxa com entusiasmo contra a parede. Ela se esbofeteou e caiu no chão.

Onde não há lata de lixo, tudo é lata de lixo.

Nossa aventura começou assim.

Lição 1: Quando se começa a fazer afirmações sobre a vida e suas características narrativas, é necessário ser cuidadoso. Histórias são suscetíveis a sequências, e elas envolvem aborrecimentos. Deus desmascara blefes e nos torna todos hipócritas narrativos.

Lição 2: Diante de aborrecimentos (problemas) há apenas duas reações possíveis (com muitas variações). De um lado, “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor !” [Jó 1.21]. Do outro, “Amaldiçoe a Deus e morra!” [Jó 2.9b]. Variações desta podem incluir choramingo, lástima, autopiedade, apatia ou raiva. Variações daquela podem incluir risos, canções, contar as histórias e um energético ataque de obstáculos.

Se Deus lhe dá (ou o torna) uma piada, o que você deve fazer em resposta? (Aceite; ria.)

Se Deus lhe dá um obstáculo, o que você deve fazer em resposta? (Aceite; escale-o. Então ria.)

Se Deus lhe dá a mais profunda dificuldade, o que você deve fazer em resposta? (Aceite; escale-a. Então ria.) Prova A: Seu Filho.

O Gordinho terminou em um carrinho de bebê vestindo apenas uma fralda. Eu vestia uma camiseta bastante úmida (mas percebi que os britânicos prefeririam isso à minha pele). Graças à técnica de Rory — “abrir, posicionar e se curvar”, ele estava quase ileso.

Por fim, formamos um trem com as bagagens, minha irmã nos encontrou e fomos conduzidos para fora até o corcel comunal.

Cinco primos e um tio aguardavam dentro de uma *van* muito longa, branca e bulbosa com o abdômen inchado e um discreto adesivo “alugue-me” na traseira. Suas rodas eram muito pequenas para o comprimento (e circunferência) enorme, e aquele negócio tremia todo com a empolgação interna causada pelos primos, escondidos atrás de vidros fumê.

Naturalmente, nós embarcamos e partimos para Luxemburgo.

Há uma escola de pensamento americana que sugere vivermos de maneira furiosa e tola quando jovens, trabalharmos como escravos quando adultos e, então, partir para atividades de baixo impacto quando se tornar

financeiramente possível.

Não é um bom conselho de amigo (da onça)?

A verdade é que a vida bem vivida ocorre em uma escala crescente de dificuldade.

Quando criança, eu tinha uma tarefa: obedecer minha mãe. Não mentir. Divertir-me muito. Ser gentil com minhas irmãs.

Na época, essa função era difícil de verdade. Minha mãe vivia dizendo coisas como: “Vem cá”, “Não pule no sofá” e: “Não suba na maçaneta e para se pendurar na porta”. E: “Não bata nos outros”.

Contudo, minhas irmãs estavam ali e meus punhos também. O sofá era elástico. As portas eram legais para alguém se balançar.

Cara, eu era péssimo no meu trabalho.

Lembro-me do desespero existencial enquanto estava no quintal da nossa casa com meu arco amarelo de fibra de vidro, com uma flecha real na corda, mas, na ponta da flecha, havia... uma meia cano longo com listras vermelhas coladas no tornozelo.

Eu ainda consegui atirá-la por sobre a cerca.

Recordo-me de me ajoelhar na minha cama e martelar pregos na parede em uma longa linha sinuosa que seguia até meu pôster do Seattle Seahawks.

Por toda a minha infância, o segundo efeito sonoro (ruim) mais comum talvez tenha sido o de vidro quebrado, que ocorria com menos frequência que o grito de uma irmã.

Todavia, esperava-se que eu testasse os limites. Essa era minha tarefa na época. Minha obrigação era viver o máximo que pudesse nos limites da lei. Transgredi muitas vezes, mas o equilíbrio entre viver a todo vapor e obedecer foi encontrado com muita ajuda de colheres de pau.

Aprendi como um ovo cru reage debaixo de um martelo e a que distância eu poderia jogar um machado. Sim, eu amontoei papel higiênico no vaso e, então, coloquei fogo, mas pelo menos dei descarga.

Assim comecei a ficar bom no meu trabalho, e fui promovido. A lei permanecia a mesma, mas o número de formas de transgredi-la aumentou de modo radical. Eu estava maior, mais rápido e na escola.

É assim para todos nós. Entretanto, as promoções vêm a despeito de você ter melhorado de fato ou não. Se você é ruim quando conta 2 anos, será ruim tendo 4. Se você é ruim quando tem 4 anos, será ruim com 6.

As tentações aumentam. As quedas em potencial se multiplicam. Nós observamos uma criança de 2 anos tentando derrotar a justiça e estabelecer o mal em toda a terra, e nós seguramos o riso. Parentes preguiçosos se convencem de que o pequenino superará essa pequena tendência.

Vixe. Boing. Bzzzz. Fuen, fuen, fuen, fuen.

Eles querem dizer é que a criança se tornará o problema de outra pessoa. Assim que estiverem na creche, o problema estará longe dos olhos e será

resolvido por outros sofredores conhecidos e/ou adultos sem qualquer ligação. Ou não.

Os anos escolares aumentam a dificuldade e multiplicam a tentação. Acrescente esportes, amigos, hormônios e estruturas de poder mesquinhas. Agora você pode se sentar em grandes pedaços de metal em colisão, tendo nas mãos irresponsáveis a vida de cada um de seus passageiros e de todos os passageiros em cada um dos outros pedaços de metal que passam, e todo pedestre por perto e todo ciclista de passagem. Agora você pode cometer erros que matam pessoas (e a si mesmo). Vá para a faculdade e professores barbados derramarão absurdos sobre sua pessoa. Você está pronto ou não. Colegas chafurdam em todo tipo de excesso. Você está pronto ou não. E pode agora arruinar sua vida para sempre (com bem mais facilidade que no ensino médio).

Agora você se encontra por conta própria.

E, então, não está. Outras almas vivas e reais agora dependem de você. Você é o criador da infância delas, o influenciador de seus sonhos, gostos e temores, o mestre de cerimônias de toda a realidade, que apresentará a essas pequenas pessoas a verdadeira personalidade do Criador (representada em sua vida mais que em suas palavras). Suas escolhas agora têm vida cavalcando nelas. Sempre. Os problemas e conflitos delas são seus para ajudar a resolver. Os pontos fracos delas devem ser fortalecidos por você. Ou não. (Talvez elas os superem.)

Esse X marca meu lugar. Estou aqui. Para o bem e para o mal, sou um moldador de infâncias, um instilador de instintos, um alimentador (ou esfomeador) de almas, um *sensei* do humor. Sou uma imagem de Deus (atrofiada e vandalizada, mas o máximo de pai terreno que meus filhos podem ter).

Graças a Deus pela fé e a graça encomendada a granel.

Quando as próximas décadas passarem, meu fardo mudará. Começarei a andar de bicicleta sem as mãos, ao assistir meus filhos serem o que serão. Colherei o que foi plantado. Verei o fruto da fé (e o fruto dos fracassos). E verei meus filhos semear de novo, mas por conta própria.

Trabalharei para viver com o alegre furor de uma criança, mas estarei exausto. Meu corpo se deteriorará e se partirá. Essa parte já começou. Ficarei fraco, mas com a memória da força, buscando por força que deveria estar ali e agora se foi.

No final, enfrentarei o maior inimigo que todo homem já enfrentou. E perderei.

Nossos desafios sempre aumentam. Um homem de 95 anos se senta em sua cadeira com a mente a divagar porque um século não pode passar sem muitos golpes. Esse tanto de vida é pesado para os ombros mais fortes. Um jovem pode se sentir ousado; ele pode se sentir corajoso, ao apostar com a vida e a morte. E talvez ele seja corajoso. Mas, confia em sua força; sente-se como se pudesse

lutar, como se pudesse correr, como se tivesse uma chance. Ele pode até escolher o perigo.

É necessário um tipo diferente de coragem para encarar a morte quando não se consegue correr, quando não se consegue lutar, quando se está imobilizado debaixo de pesadas décadas, sob o peso da vida — quando a fé de fato deve estar em outro.

Eu conversava com Lawrence Greensides — vovô — com frequência. Mas, não o bastante. Ele era um homem com grandes ombros e costas fortes, e carregava quase um século antes de o peso, por fim, o colocar de joelhos.

Ele era meu especialista sempre que alguma história de aventura exigisse o conhecimento de aviões. Um homem que encarou balas, bombas e tempestades, que estava disposto a terminar a história de sua vida a serviço do país, da família, de seus homens. Ele chegou perto... Contudo, mesmo depois de duas guerras, o fardo mais pesado que ele carregou foi no final, em uma quieta casa onde sua mulher se sentava no balanço que ele pendurara para ela, e observava os pássaros. No final, ele carregou tudo isso. Foram 95 anos de escolhas caídas. De erros. De trevas. De frustrações. De arrependimentos. Os 95 anos de vida significam 95 anos de perda.

Ele sentiu o peso enquanto cuidava de sua doce e amnésica esposa. Tentaria selecionar o erros, com a memória a vagar sobre velhas cicatrizes. Era esmagador. Então, o alívio viria e ele ria com tanta alegria quanto no dia em que eu o vi ser batizado. Ele não precisava carregar o peso. Não era mais dele. Tudo havia sido tomado e pendurado no madeiro, unido a um corpo quebrado com tiras de tecido e sepultado, e ainda se encontrava na sepultura, deixado ali na brilhante manhã de domingo há muito tempo, quando a Vida, esta história, mudou.

Eu havia ligado um pouco antes quando minha mãe me avisou que algo estava mudando. Ele estava tendo tonturas. Dor abdominal.

Eu me lembrei de ligar de novo. Mas, não liguei. Se eu for abençoado e viver tanto, virá um dia em 2073 quando estarei assentado sob o fardo de um século e o dedo da minha mente traçará a cicatriz desse arrependimento. Então, ela logo será curada.

Minha avó estava no balanço quando meu tio encontrou seu pai de joelhos. Ele tentou ajudá-lo a se levantar, mas meu avô estava focado na última luta.

“Não”, ele disse. “Estou morrendo.”

E ele morreu.

Algum dia, enfrentarei a morte. Estou me preparando para isso. Por enquanto, enfrento a carona solidária. E prazos. E turnês de livros. E alguma dor nas costas. E a tarefa de moldar infâncias. E vômito ocasional.



Gordinho vomitou na França. Ele vomitou na Bélgica. Nós tínhamos pena

de sua descoberta do enjoo na tenra idade de 2 anos, mas persistimos limpando (minhas mãos nunca estavam longe de um saco de plástico). Por fim, ele se acomodou para dormir, mas ainda assim seu jovem rosto com sobrancelhas cerradas era o retrato da autopiedade, de alguém atormentado pelos pais.

Em Luxemburgo, descobrimos quão espaçosos nós éramos vivendo. Nove crianças? De apenas dois casais? Os prósperos semialemães abriam espaço para nós como se estivessemos tirando as crianças dos ouvidos de estranhos em algum tipo de truque de mágica não solicitado. E também era um truque de mágica rude, vulgar e desagradável. Mesmo no McDonald's luxemburguês (onde latejava *club music* e os lanches não eram felizes), enfrentamos o inclinar de finos lábios europeus.

O homem no hotel não se importava com o que dissera ao telefone. Ele não se importava com o que reserváramos. Sob nenhuma circunstância, ele poderia permitir famílias como a nossa desfilassem com liberdade nos arredores das instalações. Eu acho que precisávamos de licenças especiais.

(Nós havíamos alertado as crianças de que talvez elas enfrentassem certa resistência rude à sua existência, e elas se comportaram como bons pequenos fuzileiros mesmo quando o gerente do hotel fez sua melhor imitação do ladrão de crianças do filme *O calhambeque mágico*.)

Ok, tudo bem. Nós poderíamos ficar se as crianças pequenas ficassem em um quarto próprio em um andar separado. Beleza, Heinrich. Apaziguamos o vilão da peça ao pagar por quartos que não usaríamos e agimos como se fôssemos deixar com alegria os pequenos por conta própria.

Nós nos vingamos no café da manhã. Entramos no restaurante do hotel como uma caravana de ciganos. As crianças eram tão escassas que quando uma ou duas agraciavam o estabelecimento, elas tinham o direito de receber alce de graça.

Os alces continuavam vindo. Uma recepcionista atordoada se apressou até um armário da despensa com mais. Comemos nossa cota de alce até o próximo ano.

As pessoas pararam de jantar. Os garçons pararam de atender. Deixamos as 9 crianças se sentarem sozinhas e mandamos que elas chocassem o mundo com seu comportamento perfeito.

E elas o fizeram.

Olha, Heinrich, sem as mãos. Quatro pais sábios e experientes se sentaram à própria mesa e observaram o efeito de seus filhos com irônico prazer. Você teria pensado que nós deixamos 9 tigres brancos naqueles banquinhos alegremente bebendo chá.

A soberba, como o homem disse, precede a ruína.

Sem a supervisão completa e cuidadosa dos adultos, Gordinho comeu 9 linguças e, então, quando um momento de paz silenciosa espalhou-se pela sala, ele as vomitou no chão.

Nós saímos rápido, agarrando nossos alces.

Em Heidelberg, eu contrabandeei as 9 crianças por um elevador antes que a equipe do hotel percebesse. Na manhã seguinte, Gordinho vomitou em seu prato. Minha irmã fez a evidência desaparecer, e o evento passou despercebido por nossos colegas de jantar. Nós estávamos nos tornando vomitadores secretos profissionais.

Turistas chineses pediam para ser fotografados com nosso bando de pequeninos. No começo, era engraçado, mas aqueles eram homens e mulheres que vivam sob as duras leis de Moloque — aborto por lei. Limite: uma alma de cada duas. Para as pessoas sorridentes com as câmeras, nós éramos desmedidamente prósperos, habitantes do céu na terra. Eles não estavam errados.

Domingo cedo, seguimos os sinos da igreja pelas antigas ruas de Heidelberg rumo ao culto. Estávamos atrasados. E com vergonha. Já ia ser constrangedor o bastante entrar com nossas hordas (sem qualquer intenção de bani-las para a escola dominical que não era em inglês com estranhos que não falavam inglês). Mas, agora, faríamos uma cena completa por estarmos atrasados.

A igreja era grande, centralizada em uma grande praça europeia onde tendas de mercado vazias se alinhavam nos lados. Já atrasados, caminhamos para o beco errado, um quarteirão inteiro distante da entrada.

Ei, lá em casa nossa igreja se reúne em um ginásio.

Os homens que pregaram aqui escreveram o *Catecismo de Heidelberg*, que ainda usamos todas as semanas. Eles eram abrigos na parede de escudos da Reforma. Nós queríamos molhar nossos pés nessa história.

Então, ouvimos o som de duas bicicletas. Uma jovem loira estava frenética e pedalava com intenção criminal em nossa direção. Um rapaz de cabelo negro pedalava ao lado dela. Ambos estavam descabelados e vestindo a aparência evidente de quem dera uns pegas... além de seus mantos negros.

Eles saltaram das bicicletas, prenderam-nas enquanto cochichavam um com o outro de maneira furtiva, destrancaram uma porta lateral e entraram.

Nós rodeamos a igreja e entramos pelas portas principais, esperando que esses dois pudessem ser coristas delinquentes.

Ele fez a leitura da Escritura. Ela pregou.

Sem dúvida, a Reforma havia seguido em frente. Nós saímos em busca de um Starbucks.

No norte da Itália, minha mulher levou um recepcionista de hotel até a frente da *van* para uma conversa casual enquanto eu rapidamente contrabandeava os primos agachados pela porta de emergência traseira para dentro do hotel.

Lawrence Greensides havia nos alertado sobre Roma, embora ele tenha passado por essa cidade pela última vez na década de 1950.

Fique de olho. Não é nada pessoal, mas todos esses romanos tentarão levar

vantagem. Esperem que os garçons enrolem vocês na conta e, então, peguem um de seus filhos para distrair vocês de fazer os cálculos. Esperem receber comida “por conta da casa” e então serem cobrados por isso. Esperem que alguém tente roubar vocês a cada esquina. Oh, e não *bebam a água* .

Vovô era assim. Sr. Cínico.

Viajávamos com 11 malas. Em Roma, por volta das 22 horas, chegamos ao hotel engradeado ao lado do muro do Vaticano. Às 22h05, Roma aliviara bastante nosso fardo. A partir desse momento, estávamos viajando com 2 malas.

A equipe do hotel sumiu com 9 de nossas malas antes que tivéssemos conseguido fazer o *check-in* . De repente, todos tinham olhos esbugalhados e não falavam inglês.

Drama, drama. Acusações. Investigações. Não chegamos a lugar algum porque não estávamos gritando e quebrando coisas. Os romanos prestaram atenção na nossa linguagem corporal, no nosso autocontrole americano, e ignoraram nossas palavras. Sem dúvida, eles poderiam nos pressionar mais. Assim, cobraram o dobro pelos quartos.

Não estávamos chegando a lugar nenhum até que minha esposa começou a gritar com eles em espanhol.

Na manhã seguinte, mandamos uma foto para o Vovô... de seus bisnetos fingindo beber água de uma fonte pública.

Muitas coisas nos foram ditas por muitas pessoas antes dessa viagem.

“Oh, você não está em Roma de verdade até comer/beber/andar/visitar aqui/“todo e qualquer lugar””.

“É mesmo? Bem, você não esteve em Roma até chegar lá com 9 crianças e apenas as roupas do corpo.” Nós estávamos visitando a grande cidade de maneira mais orgânica, no espírito histórico dos pobres peregrinos medievais convocados como presas por antigas pedras sagradas.

Gordinho não mais vomitava, mas ele não tinha mais seus calções (muito lamento e confusão), suas galochas de borracha de monstro (muito requisitadas), seu casaco e suas fraldas.

“Crianças”, eu disse enquanto andávamos pelo Fórum, cheirando como artistas de rua. “Eu já contei a vocês sobre a fundação de Roma?”

Nós conversamos sobre furtos, ladrões, vigaristas e gângsteres. Falávamos sobre a origem e herança de Roma e a grandiosa e clássica tradição de tomar as coisas dos outros — dinheiro, nações e vida.

Então, descemos até o interior da celas da Prisão Mamertina. Pequena, úmida e escura. Um lugar frio para aguardar a morte, um túmulo para os vivos.

De acordo com histórias que remontam a pelo menos o século V, ali o apóstolo Pedro foi mantido antes de ser crucificado. Ali o apóstolo Paulo foi mantido antes de ser decapitado. Dois homens que haviam queimado com furioso fulgor, duas raposas que atravessaram a vinha com tochas amarradas na cauda pelo próprio Cristo — o grande Sansão. Eles aguardaram a morte nesse

lugar, a linha de chegada de sua corrida, a última sequência de golpes nos combates — eles combateram bem até o fim.

Eles haviam alcançado a morte por viverem.

Como nós faremos. Quanto da vinha podemos queimar primeiro? Quão rápido podemos correr? Quão profundamente podemos rir? Podemos dar mais do que recebemos? Quanta gratidão podemos demonstrar? Quantos *desses pequeninos* podemos tocar ao longo do caminho? Quantas sementes conseguiremos pôr no solo antes de nós mesmos sermos plantados?

Nas pequenas celas, era difícil se importar com roupas perdidas.

Abaixo da Catedral de São Pedro, caminhamos pelas criptas dos papas. A mão de Gordinho estava na minha, e pensamentos fermentados se agitavam.

Em frente, um ícone de São Pedro marcava seu túmulo. Mas, entre mim e a caixa cheia de poeira apostólica, havia uma multidão rezando. Homens e mulheres contidos por cordas de veludo choravam, sussurravam orações e dedilhavam terços sob os olhos austeros de um guarda de meia-idade. Gordinho e eu nos aproximamos, e eu vi o alvo da reverência da multidão.

A cripta de João Paulo II.

Eu estava confuso.

Oro a meu Pai onisciente, onipresente e onifalante, e o faço no nome do meu triunfante Irmão Mais Velho, o Primogênito da Justiça, o Primogênito na Ressurreição o Conquistador da Morte.

Embora eu seja louco por falar dessa maneira, se eu fosse orar a alguém, eu estaria mais inclinado a orar ao amigo próximo de Cristo, sua rocha, a fundação de sua igreja. Não para o amigo do Bono.

Mas, esse sou eu.

O guarda austero olhou para mim e percebi que Gordinho havia largado minha mão. Em seu recém-descoberto entusiasmo pela vida, meu filho derrubou uma corda de veludo e pulou dentro de um corredor de sarcófagos papais. Meu coração pode ter parado, mas meu corpo não. Eu já estava pulando a corda atrás dele, quando ele se concentrou em uma caixa de mármore, abaixou as pequenas mãos e começou a bater na lateral dela.

O garoto estava estapeando o papa.

Eu peguei a mão do meu filho e o conduzi de volta ao corredor central, fazendo uma careta para o guarda irritado como um pedido de desculpa. Então, olhei de volta para o sarcófago, o nome talhado no mármore.

Ah, era apenas um dos fulanos da Renascença. Meu filho foi mais gentil que Dante. Percebi que o aperto da minha mão estava se desfazendo. Ele era, afinal, muito difícil de controlar. Como uma Inquisição.

Na volta, nós nos perdemos no norte da Itália, vagamos pela fronteira francesa na ida e na volta, no meio da noite, pagando até pedágio para um homem idêntico a C. S. Lewis em todos os sentidos (exceto pelo fato de ter mentido para nós).

Visitamos Carcassonne, o castelo de uma seita, e premiamos a França com a Medalha Yankee de Melhor Comida de Posto de Gasolina. Alcançamos os Alpes no escuro e acenamos para Lichtenstein enquanto passávamos.

As roupas de baixo foram compradas em um mercado de pulgas, sem dúvida roubadas de outros desafortunados americanos.

Descobrimos que o melhor sorvete italiano de toda Roma estava em Heidelberg.

Vivemos por toda parte. E demos meia-volta para nossa casa. Para Oxford. Para Londres. Para Seattle. Para Idaho. Para a cama.

Perdemos tudo, menos nossos filhos, nossa câmera e nosso carrinho de bebê.

Nós ganhamos mais.



CINCO

Hiato urbano: Roma

Aqui estou eu, passeando pelo corredor do papa, olhando para o teto. Ornamento meus ombros com um garoto de 2 anos e tento manejar uma câmera. Você deveria ver a filmagem.

INTERIOR DO CORREDOR DO PAPA — DIA

Uma família de seis caminha por um corredor medieval intensamente colorido, seguindo com a multidão como um salmão de cativeiro tentando se misturar com os peixes selvagens.

NARRADOR (FORA DA TELA)

— Lucia! Lucy! Lucy! Lu-Lu!

[Lucia , 5 anos, bonita, olhos permanentemente surpresos, observando seus pés enquanto caminha, finalmente olha para cima.]

NARRADOR (FORA DA TELA)

— Diga “oi”.

LUCIA

— Oi.

NARRADOR (FORA DA TELA)

— Onde você está?

LUCIA (CARA FECHADA)

— Itália?

[Rory , 7 anos, entra no enquadramento.]

RORY

— Roma!

Correto, Rory. Nós estamos em Roma. De modo mais específico, estamos na Cidade do Vaticano (blá-blá-blá, soberania, independência, suíços com calças bufantes e alabardas). Mais especificamente, estamos no local que eu gosto de chamar corredor do papa. (Se não é dele, então de quem é?)

De maneira mais detalhada, caminhamos por um túnel de arte. Não sei onde pôr meus olhos enquanto fluímos junto com os outros salmões. As paredes e os tetos estão me artísticos na maior proporção “pintura por passo” que quaisquer paredes e tetos jamais ousaram tentar antes ou depois. Para manter a sanidade, observo meus dedos do pé por alguns passos — o chão é relativamente baunilha — e perco um número de pinturas suficiente para deixar cada museu do oeste dos Estados Unidos com um estoque excessivo de nus medievais do famoso e terrivelmente longo movimento “barriguinha pochete”. Alguns passos a mais e cada um deles poderia encher uma nova ala chamada (por simplicidade) *Coisas e cenas bíblicas renascentistas ilimitadas*. Crianças até 13 anos devem estar acompanhadas de um adulto.

Na escala de densidade da arte tradicional que vai de cerveja aguada a uísque, vamos dizer que este lugar poderia preservar órgãos em frascos para a aula de ciência.

Então, porque eu, exuberantemente interessado em artes (expressão pensativa), estou agora a apontar minha câmera para Ameera (4 anos, sorriso grande) e determinando se ela sabe para que lugar do planeta seus pais a carregaram agora? Porque mando o filho mais novo nos meus ombros observar as paredes enquanto eu apenas dou uma olhada no conteúdo de (no máximo) um décimo das armações douradas pintadas e, em vez disso, fico profundamente distraído com os turistas asiáticos com câmeras maiores (e menores) que a minha?

Porque eu adoro lapsos de tempo. Há uma cena maior aqui. Há um quadro fora desses muitos, muitos quadros. Há uma brochura explicativa do quadro maior? Posso espiar a reunião de arquitetos quando eles discutiram pela primeira vez este lugar e a Capela Sistina a que ele conduz? Quando o corredor desmoronará? Quantos coreanos vêm aqui? Quem foi o primeiro coreano a vir aqui? Meus filhos vão se lembrar disso? Ei, crianças, onde você estão? Eu me lembrarei disso? Aponte a câmera para a parede. Pessoas “a óleo” mostram as coxas para chamar a atenção e fazem uma coisa ou outra. Que história bíblica é essa? Desculpem, pessoas com a coxa à mostra, siga adiante. Quando escrever sobre vocês, anos depois de agora, não me lembrarei dos rostos. Ligo a câmera, consciente de imediato de que nunca me importarei com essa pintura depois deste momento. Jamais. Estou desperdiçando fita. Ei, Rory, o que você acha?

Garoto nos meus ombros (Seamus), olhe para cima. Que pena que você esqueceu os seus gizes de cera.

Neste mundo, não há um botão de pausa real. As imagens não escapam do tempo. Na verdade, são parte dele. Imagens são homens agarrados ao vento para se sentirem menos castigados pela corrente desse rio. Nós agarramos pincéis para capturar momentos, sentimentos e... aquela coisa que estava agora mesmo aqui, mas foi embora. Você pegou a cena? Apertamos botões e apontamos caixas elétricas. Gravou? E, na maioria das vezes, nunca voltamos para olhar. Eu gravei (acho). Mas, nós nos sentimos melhores, como pescadores fisingando tudo, mas raras vezes usamos o molinete.

Na história do mundo, quantos homens e mulheres viveram? Quantos momentos foram vistos? Quantos anseios levaram quantas pessoas a pintar quantos quadros? A talhar quantas pedras? A tirar quantas fotos?

Pergunta: Qual a percentagem da totalidade de criações do homem em todo o tempo que está agora em museus?

Resposta: Insira um número inventado aqui.

Quem se importa? É um desperdício se agarrar a momentos? Tentar pegar o vento entre o indicador e o polegar? Sentir, ver, provar e tocar a música do mundo, vislumbrar o transcendente no simples e o simples no transcendente, tremer de assombro diante de uma criança que estuda poeira pisoteada, enquanto gira com lentidão no ar acima dela, cabeça e ombros por dentro de um balanço de pneu? Observar por uma hora a superfície escura e imóvel de um lago, maravilhar-se com a invenção da água e a minha necessidade de engoli-la, senti-la e percorrê-la?

Abro minha boca com palavras até a mandíbula doer, e ainda assim fracasso. Pego um lápis para rascunhar e fracasso ainda mais rápido. Contemplo a criança a girar devagar enquanto olha para a terra e sei que, se eu pegar meu telefone, buscar o aplicativo apropriado e rastejar para pegar o ângulo apropriado, não capturarei de verdade a coisa chamada *agora*. Estou apenas jogando uma pedrinha no lago, acrescentando minhas pequenas ondulações. Contudo, não me importo. Terei participado, terei me unido à criação como a formiga que apoia uma folha contra um arranha-céu e esfrega as patas dianteiras, contente de ter ajudado.

Posso ser alimentado e não precisar mais de comida? Posso dormir e não precisar mais de sono? Posso sentir minha mulher a meu lado enquanto assistimos a coisas vivas, eternas e sorridentes que estamos acostumados a criar e não querer vê-las de novo amanhã? Posso um dia impedir minha boca de tentar aproveitar o mundo com meros ruídos feitos por meus foles de carne que agitam cordas de carne com sopros de ar que ecoam em meu nariz?

Quando Deus parar, eu pararei. Meus ruídos e divagações são uma vibração dentro das dele.

Fico em pé diante de você agora, um retrato. Eu me sento ou caminho ou

reclino, um retrato.

Os coreanos no corredor do papa se voltam de um Adão roliço e uma Eva encaroçada para observar o americano grande e barulhento, seus 4 filhos e esposa. Eles pensam pensamentos. Chegam a conclusões. Qual é a história que eles veem?

Eu sou o item de museu n.º “o tanto de pessoas que você já viu na sua vida”.

Fui criado. Sou um retrato de Deus (*imago Dei*) e de seu Filho (enxertado no Novo Adão). Sou uma sobra de unha no retrato mais amplo da noiva de seu Filho, a igreja. (Moro em Idaho; uma sobra de unha é algo generoso.)

Nós capturamos porque Deus faz isso. Criamos, mas o resultado fica aquém do esperado, porque Deus faz isso. Continuamos a criar porque ficou aquém, e não conseguimos de novo, porque Deus faz isso. Porque um ato de criação, uma tentativa de capturar, é apenas um respiro e devemos respirar de novo. E de novo. E de novo. Aqui permanecemos (e sentamos e dormimos), as muitas imagens do Imaginador, e não podemos fazer diferente.

A garganta aperta. O nervosismo cresce. Os pelos da ortodoxia se eriçam (corretamente).

Deus? Fez algo que ficou aquém? Sim, apenas por um quadro pausado.

Respire comigo agora. Chegue perto. Você foi criado à imagem de Deus. Confira. (Pausa longa.) Você já se viu nos últimos tempos? Porque eu já me vi e não é como se eu enxergasse uma semelhança com o Deus Criador infinito. Há verrugas na minha alma. Cabeludas. Putz, vamos manter essa caixa torácica fechada, por favor, ok? Além disso, meu nariz é torto. *Mas, fora isso...*

Rá.

Deus — o Deus que jogou o fogo no céu, girou a lua e espalhou as estrelas, dividiu as águas, colocou penas nos pássaros, escamas nos peixes e pelos nos ursos, convocou árvores, inventou frutas, morcegos, oceanos, vento, trovão e deu a Júpiter um topete vermelho como olho — esse Deus desafiou a si mesmo. Ele fez uma pilha de pó no chão de um jardim e decidiu fazer um autorretrato.

Ele ficou aquém dele. (Só em um quadro pausado.)

No corredor do papa, olho atrás de uma lata de lixo. Há uma pintura atrás dela. Quero dizer que é de Enoque, mas isso provavelmente é mais falso que verdadeiro.

Na década de 1950, quando Lawrence Greensides veio a esse lugar, ele trouxe junto Robert e Marla, seus filhos, e sua amável mulher Margaret. Ele também trouxe uma câmera de 8 milímetros para sorver momentos de maneira que, mais tarde, pudesse colocá-los em uma bobina, inseri-los em uma máquina e borrifar luz através deles por meio de uma lente de cristal e em uma pequena tela que ele pegou no armário de sua casa em Coeur d’Alene, Idaho, enquanto eu e minhas duas irmãs, com paciência, comíamos *marshmallows* no carpete.

“Oh, você vai querer ver isso”, minha avó fala de sua cadeira atrás de nós.

Sua voz é a própria doçura, parte torta de maçã e parte roupa limpa deixada para cavalgar o vento no sol. Sempre foi.

Lá está ela, na tela, jovem e revigorada. A pequena tia Marla e o pequeno tio Bob estão atrás dela. Uma família americana invade o Vaticano. Eles sorriem e acenam de maneira ridícula.

EXTERNA NA CIDADE DO VATICANO — DIA

A câmera se afasta de uma família americana e filma os prédios, percorrendo janelas e tetos.

TRANSIÇÃO:

EXTERNA DO TETO DO VATICANO — DIA

A mesma câmera agora filma a praça e enquadra todos os turistas. Ela se vira e Bob, no teto com o cinegrafista, acena. A câmera avança mais, passando por janelas e descansando no topo.

TRANSIÇÃO:

EXTERNA DO TETO SUPERIOR DO VATICANO — DIA

A mesma câmera agora percorreu tudo até o teto com Bob. A borda tem uma fileira de estátuas. O meio é pontiagudo. Filma a praça abaixo. Zoom na janela do apartamento pessoal do papa. Filma enquanto um guarda (uniforme negro, elmo) aproxima-se para retirar o cinegrafista e Bob.

Eu tenho essa câmera. Mais importante, no entanto, tenho outra câmera. No último verão, configurei minha câmera na casa do meu pai. Lancei uma rede ruim, tentando capturar uma vida, um homem de duas guerras e quatro filhos, um homem de feridas, fé e aventuras. Fui agarrar o vento e peguei dois punhados. Neste verão, entreguei a câmera para meu filho enquanto permanecia ao lado de uma caixa envolvida em uma bandeira, e engasguei palavras muito curtas.

Sou mais que uma pintura, porque não paro no tempo. Sou um retrato falho de Deus, mas isso não é apenas um quadro pausado. Ele não terminou. Nunca terminará. Não pode ficar aquém, porque ele nunca parará sua boca.

Nós somos pó. Somos o desafio do pó. Misture pó com fôlego. Retratar Deus.

O corredor do papa está atrás de nós. Entramos na Capela Sistina. O teto está, de fato, lá. É, de fato, pintado. Mas, a arte maior se amontoa abaixo dele. Todos nós erguemos o pescoço, olhamos direto para a obra de um homem aprisionado por um papa até terminar o serviço. Homens azedos e cínicos de uniforme silenciam cada sussurro com um entusiasmo molhado, provando que não se importam de fato com o barulho. Pessoas. Cenas de nós. Do pó. O tipo de pessoas que sussurra, faz “psiu”, pinta tetos e faz os outros pintarem tetos. O tipo de pessoa que se senta nos ombros do Pai e se pergunta o que está acontecendo e quando vai parar. Pessoas coreanas tentando tirar fotos enquanto os guardas do silêncio não olham e os bem treinados guardas do silêncio que os

pegam.

No Cânion do Inferno (Oregon), há gravuras em pedra de milhares de anos de idade. Em uma imagem, um homem de pauzinhos cai de um penhasco pontilhado até a morte.

Milhares de anos atrás, um homem assistiu outro homem lascar uma rocha, pensando em seu amigo mútuo caído. Talvez um irmão. Eles se esforçam para lembrar, para capturar, para ancorar algum momento contra o rio turvo do tempo.

“Você conseguiu?”, o observador pergunta. O artista encolhe os ombros, frustrado.



SEIS

Nascidos para ter problemas

Estou parado no calor silencioso, ao lado do meu carro em uma fila de carros estacionados atrás de um carro fúnebre. Nós estamos em um campo amplo e alto, 800 metros acima do nível do mar, com um verde inclinado estendido sob um céu baixo e imenso. Meu avô não queria ir para o solo com pompa e formalidade militar, mas Deus faz como ele quer quando ele quer. Eu nem estou vestindo uma gravata, mas o dia chegou em seus trajes melancólicos, tão claro, nítido e formal como qualquer dia poderia ser. O céu é um azul profundo e bem pintado, o ouro do sol foi polido até brilhar, e longas lâminas de claridade o marcam com uma cruz rígida brilhante demais para os olhos. Abaixo de tudo, a grama é verde o bastante para ser irlandesa, e cortada rente o bastante para ser militar. Mas há apenas um pequeno ajuntamento de pedras.

O cemitério é jovem, mais jovem até que a garota nos meus braços com grandes olhos cinzas e bochechas suaves, aqui para testemunhar o enterro de um ancestral que a amava, mas de quem ela jamais se lembrará. Pode ser jovem, mas é perfeito. Este é um lugar que é em sentido básico um céu, onde um homem acostumado a voar poderia se sentir em casa, um lugar onde um homem que respirava ordem pode saborear a simetria de filas e a exuberância dos gramados, repleto de promessa, repleto de força aposentada e de braços abertos para o céu. É difícil ficar ali e não olhar para o céu, para a enorme janela atmosférica azul acima de nós. Enquanto olho, dois aviões deixam rastros no azul, sobem rápido com o sol a faiscar em suas distantes asas do tamanho de uma lasca.

É nossa vez, nós que sobrevivemos a Lawrence Greensides, de avançar com o carro até a tenda onde o culto acontecerá, em frente às primeiras pedras pioneiras nas fileiras apertadas. E assim fizemos — primos que não se viam há anos, tias-avós e tios-avôs que passam a conhecer novos sobrinhos e sobrinhas em um funeral, os remanescentes vivos de um homem reunidos.

Os carros se arrastavam.



O homem nasce para ter problemas (como as faíscas sobem para o céu). Jó sabia. Ele conhecia os problemas como muitas pessoas conhecem sua cama. Ele se lançou neles; não podia escapar. Morte, doença, pestilência — os problemas se amontoavam em pilhas pesadas para destruí-lo. Jó foi puxado para baixo dessas ondas, todo o caminho até o fundo onde sua esposa amaldiçoava e seus amigos o condenavam, até o fundo quando seus filhos se foram, sua riqueza se foi, sua saúde se foi, para baixo como um submarino a descer no frio nada, em direção à profundidade em que seria esmagado, para o ponto de ruptura absoluto de sua justiça, descendo até que tudo o que lhe restava fosse... O redemoinho.

Só dois homens e uma mulher perderam mais que Jó.

Adão. Eva. Adão II.

O calor aumenta. O homem nasce para o aborrecimento. Quando Jó ergueu o rosto para a tempestade, quando ele perguntou e foi respondido, aprendeu que era muito pequeno. Aprendeu que sua vida era uma história. Ele falou com o autor e aprendeu que o gênero não tinha sido um acidente. Deus conta histórias que fazem professores de escola dominical suar e mães escreverem autorizações com o pedido para que seus filhos sejam dispensados de se deparar com a realidade.

Os leões são alimentados. Todo dia, histórias de animais terminam em suas mandíbulas. O leviatã solta fogo. Os unicórnios não ararão. De que vale uma história sem conflito? De que vale uma trama sem perigo? Como é testado o valor de uma personagem? Como é forjado?

Pregos são forjados para marteladas. O homem nasce para ter problemas. Ele nasce *para* os problemas. O homem nasce para lutar contra os problemas. O homem nasce para a batalha, para ser forjado e moldado — sob o fogo, martelo e cinzel — em uma imagem melhor, mais nítida e mais forte de Deus.

Eva não fez nada de errado. Nossa mãe vagava pelo jardim, sem fazer mal. Ela e seu amante existiam no paraíso. O que ela fez para merecer um dragão? Uma serpente? Uma língua bifurcada mentirosa e olhos mentirosos trabalhando para *assassiná-la* ?

Ela nasceu. Sua vida era uma história. Ela nasceu — mesmo quando pura — para ter problemas.

Pondere sobre isto. Adão. Nosso pai não caído chega à cena para descobrir

o que exatamente?

Adão ganhou o mundo, um jardim e todos os tipos de frutos para comer. Ele recebeu todas as feras para guardar e dar nome. Ele recebeu uma mulher e amante traçada pelos próprios dedos de Deus — uma musa para fazer Helena de Troia colocar óculos-escuros e capuz com vergonha. Conto de fadas. Então, sem ter feito nada errado, ele ganhou um dragão, uma mulher que havia sido enganada, que acreditara que Deus era um mentiroso mesquinho e, assim, escolheu desafiá-lo. Eva havia caminhado diretamente para a maldição do Todo-Poderoso, a encontro do *certamente morrerá* [Gn 2.17b]. Adão, ainda sem ter feito nada errado, perdeu. Ele recebeu um problema com pê maiúsculo. E como toda pessoa com o coração pulsante, pulmões que respiram, olhos que veem, ouvidos que ouvem, dedos, pensamentos e existência não pedida na corrente da história desse palco espaço-temporal, lhe foi permitido fazer uma escolha.

Como as faíscas voam para o céu, Eva nasceu para o momento no jardim em que enfrentou o dragão que proferia mentiras.

Como as faíscas voam para o céu, Adão nasceu para o momento em que seu jardim foi invadido por um dragão enganador e aprendeu que seu amor jazia sob uma maldição mortal.

A trama engrena. O passado estava pronto para ser gravado em pedra. O futuro aguardava para rodopiar para cima ou para baixo, para esquerda ou para a direita. As coisas ocorreriam agora ou nunca.

Ele nasceu para isso. A vida é uma história. Ou você não sabia?

Por algum motivo, há pessoas que parecem pensar que isso significa terem elas nascido para participar de *A Noviça Rebelde* (um musical censura livre, em oposição aos acontecimentos reais, sem dúvida proibidos para menores de idade) e tentam encobrir e evitar por completo a escuridão incrível (interna e externa) mediante rostos reluzentes e uma trilha sonora feliz.

Há outras pessoas (em geral criadas em famílias ou igrejas da categoria acima) que consideram o significado de levar a vida como uma história o equivalente a cultivar o esnobismo estético intenso (de um jeito avesso a Walmart, e favorável a Apple), sem jamais limpar o banheiro do apartamento ou a alma, brigando com os colegas de quarto, e sorvendo fumaça com uísque barato em copos de plástico enquanto falam palavrões com grosseria a noite toda de filosofia *poser* pensativa com desespero digitalmente baixado na internet como a trilha sonora. Entretanto, só por serem realistas, certo? Só porque são fortes, brilhantes, com pouco sentido de olfato e muito sentido em si mesmo.

(Adivinhe com quais eu tenho mais experiência?)

Como se vê, há uma diferença entre afirmar que a vida é uma história e viver a vida de fato como uma história. E há outra diferença entre viver a vida como uma história e viver a vida como uma boa história.

Eva perdeu mais do que podemos imaginar. Adão estava disposto a perder qualquer coisa, a sacrificar tudo (mesmo Deus), contanto que não a perdesse. Bem, quase tudo. Ele não estava pronto a abrir mão de si mesmo. Um pacto suicida adiado é mais fácil que o sacrifício imediato.

História: uma linha de ocorrências ligadas entre si, reais ou fictícias, em, em torno e depois de problemas de certo grau ou sequência. Exemplos: a Segunda Guerra Mundial, *O menino maluquinho* e toda a realidade.

Boa história: uma linha de ocorrências ligadas entre si, reais ou fictícias, em, em torno e depois de problemas de certo grau ou sequência, em que a natureza trina é revelada com maestria ou por meio de ações e escolhas reais de personagens particulares, da participação direta do autor ou por meio dos juízos indiretos do autor latentes nas escolhas de estilo e organização ao contá-la. Exemplos: a Segunda Guerra Mundial, *O menino maluquinho* e toda a realidade.

Ou algo assim. Tipo isso.

Sua vida contribuirá para uma grande e maravilhosa história não importa o que você faça. Você foi falado. Está aqui, existe, escolhe, vive, molda o futuro e esculpe o passado. Sua matéria física e sua alma existem, não de modo necessário, voluntário e pela própria força. Não há absolutamente nada que você ou eu possamos fazer para garantir a continuidade de nossa existência. Você não faz nada para ser. Nós não somos o autor. Você e eu fomos falados. Fomos chamados para esta arte como personagens, nascidos nesse fio de ocorrência que desce corrente abaixo no longo Niágara de perdas movimentadas pelo problema enfrentado por nossos primeiros pais. Nós contribuiremos para a narrativa. Mas como?

Você gostaria de ser um *orc* ? Um fantasma? Muitas pessoas são. E quanto a ser o Gollum? Ele aparece bastante no filme.

Você gostaria de ser Adão e condenar seus descendentes com o trovão de sua tolice?

Você gostaria de ser Eva, a primeira a receber as trevas em sua casa, a primeira a aceitar a maior mentira?

Aqui estamos, com nossos pés no caminho que nos foi dado em nosso nascimento. Nascidos para ter problemas.

O profeta Jeremias desejou nunca ter nascido. Salomão, o homem mais rico, sábio e casado na história, disse que nossa vida nada é além de vapor, que nossos dias são cheios de sofrimento e que, embora o conhecimento maior seja um fardo maior, deveríamos ainda obter sabedoria. Nós deveríamos crescer, sabendo que nosso fardo crescerá conosco.

Em Eclesiastes, Salomão encara o redemoinho. Enquanto Jó se encontrou com a perda, Salomão se encontrou com a fartura. Os dois enfrentam a insignificância do homem atormentado e encaram a imensidão do artista transcendente.

Problema, problema, frigideira e fogo. Leia os Salmos. Ossos derretem. Cães

furiosos. Traidores traem. O pó da morte. Juntas líquidas. Força se esvai. Destruição. Dificuldade. Destruição. Humilhação.

Do Salmo 60: “Abalaste a terra e a fendeste; repara-lhe as brechas, pois ela ameaça ruir. Fizeste o teu povo experimentar revesses e nos deste a beber um vinho que atordoa” (v. 2,3). (Lê-se na ARC: “o vinho da perturbação”).

Fazer um estudo teológico sobre os problemas é simples. Abra sua Bíblia na última página e comece a ler até o final. João, o revelador, termina com a promessa de que se alguém acrescentar algo a suas palavras, Deus acrescentará as pragas do Apocalipse à sua vida, e se alguém remover alguma de suas palavras, então essa pessoa pode simplesmente ir para o inferno. Amém. (O coro canta.)

A vida é uma história. Toda ela. Da esquerda à direita. Incluindo suas partes. E, no começo, seus maiores obstáculos serão internos; eles virão de equívocos piedosos, frases de efeito religiosas e suposições paralelas, discursos inflamados profissionais e simplistas pouco lembrados depois do primeiro ano da faculdade, ou apenas a ignorância americana básica.

Aposente-as. Leia a história cristã.

Quadro-negro, por favor...

Suposição n.º 1: O paraíso era a vida boa. Incorreto. Era alegre e glorioso, algo muito diferente. Adão e Eva receberam um planeta inteiro para cuidar, identificar, nomear e supervisionar até a última criatura [Gn 2.4-20]. Ou, no caso do dragão, identificar, nomear e matar. Tudo antes da queda. Tudo enquanto o mundo era perfeito. Adão e Eva não estavam em redes, relaxando e se bronzeando sob a luz do “pôr do sol permanente” enquanto saboreavam buquês de madressilva ofertados por minipôneis. Eles receberam uma tarefa tão grande que só Noé e os discípulos que receberam a Grande Comissão viram algo assim. As mãos de Adão teriam ficado cheias de bolha e desenvolvido calos duros. Ele teria suado, sangrado, trabalhado seis dias e descansado um dia por semana por milênios. Ele teria feito isso com alegria, risos, uma esposa e filhos com os quais iria trabalhar e triunfar. Sim, *tri* unfo. Porque ele também recebeu inimigos. Grandes. Maiores que seu colega de quarto ou o rival irritante do cubículo ao lado. Inimigos do nível de anjos caídos.

Suposição n.º 2: Deus só se importa com coisas espirituais. Para ser honesto, eu nem mesmo sei o que isso significa, mas essas *coisas* espirituais ilusórias têm ajudado os cristãos a evitar a verdadeira santidade por séculos. Todos nós somos como contadores com habilidades de feiticeiros, canalizamos nossas escolhas e objetivos por meio de empresas fantasmas e paraísos fiscais de injustiça. Deus só se importa com coisas espirituais? Seu reino é um reino espiritual? Você está brincando comigo? Deus só se importa com como nos expressamos diante dele? Essa é uma parte, claro, mas estou bastante certo de que ele criou animais físicos e um homem físico e lhe deu um trabalho físico. Tenho certeza de que ele criou uma árvore física com um fruto físico e ordenou

ao homem físico não comê-lo fisicamente ou seu corpo físico morreria. Ele comeu o fruto físico e agora nós vamos fisicamente para o solo físico, apodrecemos e nos tornamos plantas físicas e comida de vermes físicos. E por causa desse problema incrivelmente físico, ele deixou as coisas ainda mais claras quando seu Filho assumiu a carne física para viver a vida física que o conduziria à cruz física onde ele absorveu em seu corpo físico nossa maldição, foi torturado e me comprou, comprou você e todo este mundo físico com seu sangue físico. Se ele quisesse um reino espiritual, ele poderia ter se poupado de um monte de problemas (para não dizer que deixaria os filósofos gregos e os gnósticos medievais muito mais felizes) apenas ao pular o Natal e a crucificação.

Quando os homens têm o desejo de fazer fisicamente algo que não deveriam, Deus tem a jurisdição primária de imediato sobre as coisas “espirituais” — o que, quando utilizamos de verdade um enfoque acadêmico completo da questão, significa algo nebuloso sobre o semelhante.

Quando os mais jovens desejam seguir a corrente ímpia (mas, inevitavelmente, autocomplacente), descobrem certos requisitos físicos. Bem-vindo à indignação alimentar, ressentimento da propriedade privada, o anátema do refrigerante e defesas piedosas do direito da mulher de matar (conquanto que não mate ursos polares com *diesel* profano). Felizmente — enxugue a testa aqui — Deus não se importa com nenhuma dessas coisas. Por pouco, hein? Eu sei. Ufa.

Desenhe na sua pele e perfure seus mamilos. Consiga uma terapia intravenosa regular de autoafirmação sem culpa. Sirva aos desejos sombrios e chame-os de amáveis. Exija que outros alimentem os pobres. Afinal, é possível ser membro de um reino espiritual e de um reino físico totalmente diferentes sem qualquer conflito de interesses.

Mas, sempre que seus desejos físicos o deixarem na mão, quando a morte e a dor chegarem, descubra o problema do mal e o empunhe por todos os lados. Como Deus poderia permitir que você sentisse dor física e sofrimento físico?

Dê de ombros. O reino dele é espiritual, não é?

De volta à história.

Histórias significam problemas. Histórias significam dificuldades. A queda do homem não introduziu o mal; ela nos colocou no lado errado, sob seu domínio, necessitados de resgate. E Deus não é uma aura regente de auras. Seu Filho tem carne mesmo agora. Você tem carne. Esta história é concreta, é para valer, e é encenada para sempre.

Em Gênesis 3, depois da rebelião física e espiritual, temos a imposição das grandes maldições: Deus diz a Eva que ele multiplicará muito seus sofrimentos no parto, e o comichão no casamento também aparece [Gn 3.16]. (O homem nasce para o aconselhamento matrimonial como as faíscas sobrem ao céu.) Adão recebe fadiga e sofrimento todos os dias de sua vida. O negócio aqui não é

a fadiga, e nem mesmo o sofrimento. *Durante os dias de sua vida* [Gn 3.17]. Sua vida agora tem dias — bem-vindo à mortalidade e ao tique-taque do relógio.

Você lutará, lamentará e acabará. “Porque você é pó, e ao pó voltará” [Gn 3.19].

É nesse ponto da narrativa que Eva recebe seu nome (porque ela será a mãe de todos os viventes [Gn 3.20] — ou, por implicação direta, todos os morrentes). Eva é a mãe de todos aqueles com dias limitados, todos os que se afadigarão, sofrerão, quebrarão e morrerão.

Sua vida é uma história.

Seus dias estão contados. Na chuva ou no sol, na neve ou no outono de folhas amarelas, há um dia esperando por você, e será o último. Você voltará ao pó. Sua cena de nascimento encontrará o contraponto. Desse momento até lá, você viverá uma história.

Eva não fez nada de errado. Ela nasceu. Ela fez tudo certo. E, então, o dragão...

Adão não fez nada de errado. Ele tinha feito tudo certo. E, então, uma esposa condenada e um dragão...

Jó fez pouca coisa errada. Ele nasceu, fez muitas coisas certas. E, então, o dragão...

Quanto a você (e eu), bem, eu espero que você goste de histórias...

Se a vida é uma história (é), e se queremos dizer com isso um sentido mais profundo que o transmissor de mantras mediano (queremos), e se gostaríamos de que nossas histórias não desempenhassem o papel de fracassos miseráveis no pano de fundo da história maior (fora do palco), se gostaríamos de viver bem nossa história (sim), então devemos buscar primeiro exemplos narrativos. Ler a história pessoal de alguém em tempo real e contribuir com positividade para sua criação (em tempo real) é muito mais difícil que ler algo escrito e preservado por muitas eras. Comece com as histórias estáveis.

Jó agiu bem. A esposa de Jó? Os amigos de Jó? O diabo ao tentar Jó?

Adão estabeleceu a grandiosa tradição dos homens de todos os lugares, pisou feio na bola. Mas, o que ele deveria ter feito? Entra em cena...

Egocentrismo negligente?

— Bem — diz Adão — eu a vejo por aí, linda. Acho que é hora de dizer adeus. Espero que Deus me faça outra.

Ou, talvez, ele tivesse que ser um pouquinho farisaico. Nós poderíamos imaginar isso.

— Eva, não posso acreditar que você seja tão descuidada! Você não entende a situação em que eu fiquei? Claro que não; pensou só em si mesma.

E quanto ao vilão vicário?

— Sério? Você comeu? — Olha furtivamente para o mundo espiritual e, então, se volta e sussurra:

— Tinha gosto de quê?

Nós, as estranhas criaturas humanas criadas com histórias bíblicas, ouvimos geralmente essa história ser usada como o modelo clássico da abstenção. Adão deveria ter agido como um adolescente de 14 anos a quem se oferece maconha pela primeira vez. Certo? Ou talvez ele deveria ter se absterido enquanto tentava convencer Eva do erro de seus caminhos. Ele deveria ter recomendado que ela pedisse desculpas.

Na esperança de melhorar um pouco nossas opções, e como bons pequenos críticos literários que somos, vamos pular para outra história sobre outro homem (nascido para problemas).



Adão II acertou. Nosso irmão mais velho, cabeça pactual da raça humana dominada.

Jesus Cristo nasceu para... quê? Claro que não para ter problemas... Ele era o Filho de Deus. Inocente. Não fez nada para merecer nenhum problema.

Jesus nasceu no curral de um hotel. De uma mãe adolescente difamada até hoje. De um pai adotivo que muitos criam (e creem) ter sido um bobo traído. Jesus, a Palavra tornada física, o Homem nascido para ter problemas que não conseguimos compreender, foi colocado em um cocho. Ele desencadearia um genocídio (mas escaparia). E estava apenas começando. Ele experimentaria traição, brutalidade profunda e morte antes mesmo de chegar à minha madura idade de 34 anos. Jesus veio exatamente por esse motivo. Ele veio para a morte, para a noiva que vivia (e morreria) sob uma maldição.

Ele foi Adão do jeito certo.

Abra a mandíbula e comece a mastigar, essa cartilagem é dura. Adão, se vivesse direito essa história, teria feito o mesmo. Adão não teria sido o adolescente mórmon bem comportado, abster-se do fruto. Ele teria olhado para Eva, visto a maldição dela, visto o inimigo dela e ido atrás da serpente com ira pura e justa. Ele teria então voltado o rosto para a ira pura e justa do próprio Deus (que Adão acabara de representar) e teria dito algo muito simples, que seria dito por outro, milhares de anos depois:

— Leve-me no lugar dela.

Adão poderia ter sido um vencedor em vez de alguém vencido. De qualquer forma, caído ou não, ele nasceu para morrer.

Da mesma forma que você. Como eu.

A vida é uma história. Por que nós morremos? Porque vivemos. Por que vivemos? Porque nosso Criador abriu a boca e começou a contar uma história.



Minha Marisol Helen recebeu esse nome por causa de uma bisavó que, neste momento, está há apenas algumas horas fora de seu capítulo terreno. Minha filha tem 2 anos e fica ansiosa para escalar em mim sempre que ousa

reclinar minha poltrona para ponderar melhor sobre o teto. Ela se move até meu peito e então pega meu rosto sem barbear com suas pequenas mãos de caricatura de querubim.

— Conta uma história;— ela manda. Seus irmãos a chamam de a chefe do mundo. Levanto minhas sobrancelhas para ela e sorrio, esperando para ver se, pelo menos, ela acrescenta a cortesia de um ponto de interrogação. Ela acrescenta:

— Conta uma história?

Aceno com a cabeça e as mãos deixam meu rosto. É assim que ela se acomoda. Arregala os olhos, gira dedos empolgados em um rápido espasmo de euforia e, então, enfia os pequenos cotovelos no meu peito e apoia as bochechas de merengue nas mãos. Todo o seu corpo está tenso enquanto aguarda, suas costelas se arrepiam nas minhas.

— Uma história de pássaro;— ela diz. Às vezes, é uma história de gatinho (que nunca é feliz) ou uma história de pirata. Histórias de cachorro são comuns como histórias de irmãos, de primos, do papai, de Jesus e de “Marisol com asas”. Eu a deixo selecionar o gênero e ela o faz bem.

Em toda história, o palco está armado, um pequeno Éden de pula-pula de quintal é estabelecido antes de o problema aparecer (corujas más, piratas do céu, um dragão, magos, lobos, tubarões) para arruinar tudo e ameaçar com destruição. Em toda história, a salvação vem. Mas, apenas uma vez (eu juro), eu a teci de maneira diferente:

— O mundo estava feliz. Marisol brincava com seus animais no quintal e todos eles se divertiam muito. Então, o urso Billy, o macaco George e Mu-Mu, a vaca estátua da Liberdade, acharam que seria mais divertido ir para dentro e ter uma festa de chá, e Marisol pensou o mesmo. Assim, todos entraram, subiram as escadas e tiveram a melhor festa de chá de todos os tempos. Todos amaram.

— Fim! — Eu sorrio e abro os braços.

Seus olhos jovens se fecharam acima das bochechas protuberantes. Ela exala com lentidão, oferece-me um rápido sorriso de cortesia e, então, fica séria.

— Você vai contar outra — ela diz.

Caro sr. Pai,

Muito obrigado por nos enviar *Do pula-pula à festa de chá* ; no entanto, o conto não se encaixa em nosso catálogo neste momento.

Boa sorte,

Marisol Wilson

Diretora editorial em exercício

Eu conto outra. Ela foi quase devorada, e adorou.

Pergunte-a sobre o dragão algum dia. Ela vai contar o que Jesus fez com a cabeça dele.

Caro sr. Hipsterelli,

Muito obrigado por sua proposta, mas já contamos com milhões de volumes pendentes de orgulho introspectivo falso e por pressão dos amigos em uma cama de culpa sexual sob uma grossa cobertura de “tudo vai ficar bem se meu jeans ficar legal e minha escolha de bandas é apropriada”. Mas, por favor faça outra proposta se tiver escolhido viver de outra forma.

Boa sorte,
Marisol Wilson

Diretora editorial em exercício

Se a vida é uma história, como, então, viveremos?

Não é complicado (apenas difícil).

Tome sua vida e siga Jesus. Enfrente os problemas. Persiga-os. Escale-os. Ria diante de seu rugido como uma árvore plantada junto à água fria, mesmo quando os ramos gemerem, as folhas douradas caírem e o frio fizer um corte profundo, mesmo quando suas raízes na terra se soltarem e você cair entre as mudas em lamento.

Morreremos por nós mesmos ou morreremos pelos outros?

Para muitos de nós, a questão raras vezes é apresentada no último momento (embora haja glória quando é). A morte é a linha de chegada dessa corrida preliminar. Nós cruzaremos a linha de chegada por nós ou por outros? A escolha não espera por nós no fim da pista. A escolha é agora.

A morte é agora. A escolha é aqui.

Entregue sua vida. Seus batimentos cardíacos não podem ser poupados. Sua reserva de respiração está escoando. Você tem mãos, caleje-as enquanto pode. Você tem ossos, desgaste-os — eles não podem carregar nada no túmulo. Você tem pulmões, permita que eles extravasem de risos. Com a média de expectativa de vida de 78,2 anos nos EUA (subtraindo oito horas por dia para dormir), eu tenho em torno de 250 mil horas remanescentes para mim nas quais eu poderia sorrir ou franzir a testa, alegrando-me em minha vida, nesta corrida, nesta história ou lamentando e reclamando dos meus problemas. Posso dar meus dedos, minhas costas, minha mente, minhas palavras, meu fôlego, para minha esposa, meus filhos e meus próximos ou eu posso correr atrás do vapor e da vaidade, arrastar meus pés, com medo de morrer e, portanto, com medo de viver. E, como Adão, eu ainda morrerei no final.

Viver é o mesmo que morrer. Viver bem é a mesma coisa que morrer pelos outros.

Marisol Helen Wilson se posta na minha cadeira, completamente reclinada. Ela me traz um lençol pequeno e toca meus olhos fechados. Ela coloca a vaca estátua da Liberdade no meu peito. Eu escrevo histórias; posso ver o eco profético do que virá. Chegará o momento em que suas mãos não serão tão

pequenas, quando ela fará isso de novo, mas com mais lágrimas e uma caixa, quando eu tiver terminado, quando minha força tiver se esvaído, quando terei gastado cada batida deste coração e meus pulmões não puderem mais colher vida do vento para mim, quando este corpo tiver sido quebrantado. Eu a vejo trabalhar, tagarelando ocupada consigo mesma como ela faz, imitando o amor de sua mãe. Escuto meus outros filhos rindo à mesa em vez de fazer o dever de casa. Quando chegar essa hora, eles e o autor da história da minha vida conhecerão a verdade. Eu sei o que quero que essa verdade seja; tenho um irmão mais velho com um calcanhar ferido que a mostrou para mim.

Mari coloca a mão sobre minha cabeça, mandona como sempre.

Este é meu corpo, eu penso, que ele seja partido por você. E por minha amada na cozinha com seu cabelo loiro preso em uma fonte na cabeça enquanto coloca calzones em um forno de pedra, e por aqueles futuros homens e mulheres fazendo uns aos outros rir e jogando lápis na sala de jantar e por seus filhos, e seus filhos e pelos filhos que jamais conhecerei. Que eles aproveitem a vida. Até o fim. Que meu viver seja graça para aqueles depois de mim.

— Você dorme — Mari diz. — Eu conto a história.

Ela faz uma cara piedosa e sacode como se conjurasse uma narrativa, girando as mãos:

— Era uma vez uma princesa. Ela morreu. Fim.

Eu dou risada. Mari corre. Ela está certa, afinal. Apenas deixou de fora o meio.



O corpo que Lawrence Greensides esgotou com 95 anos de vida está em uma caixa prateada enrolada em uma bandeira. Eu carrego um canto. As vozes são baixas. Uma bandeira maior, ondulando ao vento, chacoalha a corrente contra o mastro. Eu deveria ter palavras para isso. Deveria me levantar entre os vivos e falar, mas estou surpreso com o nó na minha garganta, surpreso como qualquer palavra da minha parte pode ser fútil para honrar o discurso divino que importava — 95 anos de história que conduziram Lawrence Greensides e seu nascimento à sua morte, que o conduziram por guerras e feridas, por entre dificuldades à fé.

Sem suas escolhas, sem sua vida, sem sua coragem, eu e muitos outros não existiríamos.

Quando me levanto, olho para minha esposa, meus filhos e filhas. Falarei, mas não muito bem. Entretanto, sou apenas o narrador depois de um jogo. Quero encher minhas palavras de honra; entretanto, o importante agora é meu próprio viver, minha perna nesse revezamento. Meu morrer.

O homem nasce para ter problemas.

O homem nasce para a história.

(E as faíscas sobem ao céu.)



SETE

Olhando para trás: 2

Saída de campo em êxodo com multitradição:

“Mas, se houver dano grave, então o castigo será [você dará/pagará/tomará/igualará/entregará] vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” [Êx;21.23,24].

Simples assim. Útil em um contexto judicial antigo. Útil para aplicações pessoais inconstantes no éon do Novo Testamento. Mas, e se não ocorrer dano? E se não houver o envolvimento de uma perda? E se ninguém tomar minha vida? E se eles me derem uma? E se eles me derem olhos, dentes, mãos e pés?

Claramente temos um precedente aqui, para estabelecer o valor. Devo muito a meu benfeitor. Eu lhe devo meus pés, minha mãos, meus dentes e olhos. Minha vida. Mas, não vou me tornar teológico aqui (embora pudesse). Farei algo bastante simples.

A passagem acima tem sido (meio como piada) descrita assim: “Faça pelos outros o que eles já tiverem feito por você”.

Ok. E se eles não tiverem feito nada além de bem?

Um verão atrás, seguindo o encorajamento do meu tio, peguei minha câmera e minha esposa e parti para a casa dos pais da minha mãe. Eu queria fazer isso já havia algum tempo. Eu tinha que fazer.

Margaret Greensides era e é doçura. No entanto, sua memória partiu e, mesmo quando era afiada, ela tinha cedido a posição de contadora de histórias para o marido. Do lado materno da família, Lawrence Greensides era o fiandeiro de contos. Quando criança, eu imploraria por eles. E imploraria por

filmes caseiros. Minhas irmãs e eu assistíamos nosso avô lutar com o projetor e a tela e, então, vasculhar o armário em busca da caixa de misteriosas latas com suas tiras capturadas em carretel.

Assistíamos às coisas normais de família (Natais, cenas no lago, aniversários e primeiros encontros), mas também assistíamos ao diferente. Cenas do teto do Vaticano. Cenas da cabine de um B-17 em uma missão de combate sobre a Coreia. Fogo antiaéreo. Medo e até a visão de dentro de um compartimento de bombas enquanto estradas e pontes explodem.

Meu avô me deu o amor às histórias e o amor para vivê-las, o amor à coragem, às piadas e burlar sistemas. Ele me deu uma apreciação pela beleza do cinema, pela captura de impressões digitais de luz em uma cena e exibi-las para a geração posterior. Vi uma versão dele e do mundo que jamais teria contemplado sem isso. Vi minha mãe brincando com sua mamadeira. Meu avô me deu e sou devedor a ele. Não posso retribuir, mas posso pelo menos tentar pagá-lo por procuração, ao me armar com uma câmera e apontá-la para ele.

No verão antes de ele morrer, eu me sentei em um sofá, coloquei a câmera no braço e fui pescar histórias enquanto minha avó sorria, dormia, sorria e minha esposa assistia. Eu peguei o meu limite.

Lawrence Greensides era o tipo de garoto que se tornaria o tipo de homem que poderia combater em duas guerras.

Um trem veio de Saskatchewan (Canadá), levando uma jovem família. Albert Greensides precisava de trabalho, e eles rumariam para Santa Maria (Califórnia, EUA) onde ele conhecia gente. Em vez disso, esticou as pernas curtas em uma parada em San Luis Obispo, e conseguiu um trabalho. Lawrence Greensides e sua mãe foram retirados do trem.

Quando Lawrence crescia e corria em San Luis Obispo, os velhos da cidade eram os veteranos da Guerra Civil. O jovem Larry, com o cabelo liso preto e um grande sorriso, martelou uma enxada de jardim, serrou a ponta até virar uma lança e foi caçar tubarões em uma canoa nas profundas águas de um atol. O jovem Larry recebeu permissão para andar por um lote vazio em um Ford T e, quando o carro superaqueceu e o radiador precisou de fluido, ele teve uma ideia biológica brilhante. Larry e seu amigo cuidaram disso.

Ele estava em todos os lugares e envolvido com tudo. Larry construiu um pequeno carrinho (sobre as rodas metálicas de patins), prendeu-o a seu bode, Napoleão, e vendeu revistas antigas. Ele foi um verdadeiro filho da Depressão, sem supervisão e inovador (com calos na consciência). Enquanto crescia, sua ousadia também aumentava (e também os calos). Ele era o pavio e a dinamite, o instigador veloz que puxava os amigos. Em certo sentido, seus irmãos mais jovens foram abençoados por não conseguirem acompanhá-lo.

A família se mudou para Sonora e, com 14 anos, Larry convenceu um amigo (Rudy) a dar o calote em um trem consigo. Nos trilhos, ele conseguiu esconder Rudy de sua mãe quando ela veio procurá-lo. Ele imaginou que Rudy

amarelaria se visse a mãe e que a mãe de Rudy não tinha vindo apenas para trazer biscoitos — ela era um obstáculo para seus planos. Ele colocou Rudy em um trem, cumprimentou os mendigos e lá se foram.

Os dois pensaram em Yosemite por quatro meses. Enquanto tudo isso ocorria, Larry mantinha uma correspondência surpreendentemente regular com sua mãe (Gertrude). Depois da morte dele no último verão, seu filho encontrou uma pequena caixa já avistada antes, mas nunca pôde abri-la quando jovem. A caixa pertencera a Gertrude e continha as antigas cartas escritas à mão por Lawrence, o adolescente “caloteiro do trem”.

Mais tarde, um velho piloto da Primeira Guerra Mundial zuniu e chacoalhou pelo céu até Sonora. O Larry do ensino médio de imediato desejou voar. Ele também queria a atenção feminina e, assim, o futebol americano era uma possibilidade. Mas, era uma possibilidade que poderia fazer seu nariz ser chutado de um lado para o outro. Voar então.

Por trás da minha câmera, esquadrinho e estímulo a procura de detalhes da memória do meu avô que ainda estavam quietos. Algumas coisas subiram à superfície, mas suas lembranças têm caminhos bem gastos. As histórias vêm com gestos e efeitos sonoros que me lembro de outras narrações, risos e suspiros que concluem cada conto. Ele me contou essas histórias em outras oportunidades, mas, desta vez, havia um tom diferente. Ele nunca ficou confortável com sua força minguando, com os pesos da idade. Aos 90, ele subia as escadas correndo. Algumas dessas velhas histórias costumavam trazer brilho a seus olhos, o desejo de ser jovem de novo, ser forte, de ter outra vez o controle de um avião e atravessar o céu. Esquemas inconsequentes seriam formados, novos planos surgiriam (e ele olharia para mim como se eu fosse Rudy, pronto para ser levado em uma aventura). Contudo, a frustração surgia assim que o plano desvanecesse, quando ele encarava o esforço e vislumbrava a esposa adormecida carente dele. E, assim, sem dúvida, não colocaríamos o barco na água. Não encontraríamos a costa do Oregon com ele puxando o trailer. Ele não veria Jerusalém de novo. Ou Sonora. Ou San Luis Obispo. Ou a fatia mais alta do céu. Mas, ele podia sempre arrumar um almoço. O Google Maps serviria para algo.

Mas, aquela última vez foi diferente. O anseio apontava com mais clareza na direção oposta. Ele estava me entretendo com histórias de uma vida que ele já não sentia falta. Compartilhava remorsos e temores nunca antes revelados. E tentava evitar que eu o projetasse como o herói:

— Ah, bobagem. Você não vai querer ouvir isso.

— Sim, vovô, quero. E meus netos também vão querer. Vou fazê-los se sentarem como você fazia e mostrarei a eles meus filmes e os seus. Suas histórias terão mais de um século de idade. Em trinta anos, seu tempo em Guadalcanal terá ocorrido um século atrás, e esses jovens rostos ficarão admirados como eu fiquei. Estou repassando a eles como você me contou. Eu

lhe devo isso.

E, assim, ele me conta a tristeza sobre seu irmão Jack, e o terror sobre o oceano na Guerra da Coreia, e compartilha o respeito a seu pai, e me conta onde cavar em Sonora se eu quiser encontrar ouro.

Então, ele me conta sobre a bomba que mudou tudo, a bomba que o fez voar com uma perna em farrapos. A partir desse momento, a providência é a estrela da história — a providência e o cuidado de estranhos. Esse fio corre toda a tapeçaria. Ele conduz do momento naquela terrível ilha do Pacífico Sul até a conversa de duas personagens — um neto e um avô. Esse fio correu até seu túmulo apenas um verão depois. Ele correu até seu túmulo e até a fatia mais alta do céu, ao homem que ele é agora, onde ele está agora e para o homem que sou e o homem que quero ser.

Mas, ah, bobagem. Você não vai querer ouvir isso.



OITO

O (bendito) chicote do tempo

Tomado por empréstimo, torcido e roubado (em parte) do salmo 90:

Antes que os montes nascessem, ou que as orbes fossem moldadas e roladas, antes que o mundo fosse lançado de estrela a estrela, antes da eternidade e além da eternidade, tu és Deus. Teu fôlego chamou o homem do pó e ao pó tua voz o devolve. A teus olhos, o acúmulo de mil anos é como ontem, como o caminho de uma noite. Tu varres os homens como uma enchente; eles são como um sonho, como a grama que floresce na manhã fria, e seca e murcha quando o sol se põe. Tua ira nos conduz ao fim, e tua ira é o nosso temor. Puseste nossas maldades diante de ti, os pecados que temos ocultado enfrentam a luz das tua presença. Todos os nossos dias se passam sob tua ira e nossos anos acabam-se como um suspiro. Eles chegam a setenta, ou, para os que têm mais vigor, a oitenta; mas são cansaço e enfado; logo eles se vão, e nós voamos.

Em um dia de setembro do ano de nosso Senhor de 2010, James Irwin Wilson se vale de uma bengala e de um filho para subir ao pódio em frente a uma pequena igreja branca. Ele se vira e olha para nós, seus descendentes e amigos. Ele conta 82 anos e, este momento existe por causa de sua amada esposa, Elizabeth Catherine. Depois de 58 anos, a morte os separou.

“Eu não choro desde a 6.^a série”, meu avô nos conta. E para. “Eu me perguntei se choraria agora.” Ele parece esperar, curioso, se as lágrimas virão. Elas não vêm. Ele continua, nostálgico por sua noiva, a mãe de seus filhos, aquela que ele amou como nenhuma outra, e sua voz não vacila ou embarga.

Quando chega a minha vez, sei que terei, pelo menos, de combater minha garganta.

É fácil ver um homem na fraqueza da idade, a força física se esvaindo enquanto o sol se põe na vida, e deixar de ver o que há por trás dele, no passado, além da fachada gasta e no cerne do homem. Entretanto, esse momento revela toda a força que eu sempre soube existir em meu avô. E um pouco mais. Ele não tentava ser forte. Ele é forte. O *tentar* ocorreu aos 15 anos dele, na estrada rural com seu pai sofrendo (e em todo o trabalho que veio depois), em um navio em chamas na Coreia onde ele deveria ter morrido (mas sua sobrevivência tornou-se um avivamento).

Vô Jim precisa de uma bengala, mas sua fé não conheceu o declínio.



O tempo voa. Eu deveria ficar com vergonha do clichê. Afinal, sou escritor. Mas, aqui está o problema...

É verdade. (Acena sabiamente com a cabeça.)

O tempo arrasta mesmo alguns traseiros. (Melhor?)

Como regra, quando pessoas mais velhas lhe dizem algo, acredite nelas. Isso o poupará o choque de descobrir mais tarde que elas estavam certas (e também o ajuda a evitar que riam de sua desgraça).

Minhas memórias de infância não distinguem muito bem os anos. Os verões se misturam em um (quando era pequeno) e um (quando era maior). Os Natais também são unificados. Aniversários? Esses são um pouco melhores, mas eu não fazia muitos cálculos mentais. Não estava arquivando coisas com um alerta para o meu eu de 10 anos: “Guarde isso, Nate. Daqui a 20 anos você pode pensar que contava 12 quando isso aconteceu”.

Eu estava ocupado com a vida. E me divertia. Meus pais se certificavam de que a informação adequada chegasse à minha cabeça nas épocas certas, e fiz o melhor para garantir que cada um dos outros minutos envolvesse subir em árvores, cavar, Legos ou jogos complicados e o uso coletivo da imaginação com minhas irmãs. E desenhar.

Não me entenda mal. Eu me lembro de coisas específicas. Mas não o suficiente. E as que eu me lembro parecem uma grande colagem mental feita com um monte de tesouras de pontas cegas e cola grudenta, não uma linha do tempo organizada e útil para salas de aula.

Algumas pessoas têm distinções cronológicas afiadas na memória. E algumas delas são, na verdade, mais dogmáticas que precisas.

Aqui vai só uma coisa estranha sobre ser pessoa: eu não me lembro de nada sobre surgir neste planeta (e nem você). Estou aqui. Você está aqui. Outros têm que me explicar. Eu aceitei pela fé.

Tudo que creio sobre minha origem e os primeiros anos como eu mesmo, ouvi de segunda mão. Sem dúvida, eu era um agente livre (baseado em relatos).

Afirmava coisas, tomava decisões e entrava em ação (com ênfase no interesse próprio). Vivía a vida ao máximo. E tudo isso se foi, pelo menos da minha memória.

Os humanos, porém, não foram criados para o armazenamento de dados (embora tenhamos essa capacidade). Fomos criados para viver, para passar por uma história.

Questão para um maratonista: Você se lembra do 57.º passo?

Improvável. Mas, isso não o desvaloriza. Sabemos que ele existiu e o levou adiante. Encurtou a corrida. Pergunte a um corredor. Pergunte a um especialista nos 400 metros.

Nós lutamos para lembrar. Perdemos, mas vale a pena.

Lembro-me de sentar no alto da geladeira na escuridão da alvorada, vasculhando uma caixa de peras verdes colocadas ali para amadurecer e serem usadas em conserva, provando cada uma delas com uma mordida? Acho que sim. Pelo menos, na minha mente, consigo ver a cozinha abaixo de mim e minha irmã olhando para cima. Porém, essa história foi contada por toda a minha vida. É mais provável que não, estou lembrando da adaptação para filme do incidente, produzida pela minha imaginação.

Mas toda memória é produzida pela minha imaginação. Mesmo os momentos do presente são conjurados na mente. Nossos sentidos coletam, coletam, coletam e, então, traduzem em sinais elétricos ao disparar raios por nossos nervos. A mente recebe, interpreta, arranja e imagina apenas uma fração de um segundo após o tempo real. E, obviamente, quando a imaginação trabalha com menos informações (ou informação deteriorada), as coisas ficam... nebulosas.

Lembro-me de quando contava 2 anos: eu estava acordado e com fome, e cruzei a sala até o quarto escuro dos meus pais para acordar minha mãe (com sugestões de banana)? Sim, da mesma maneira desfocada e impressionista como nos lembramos dos sonhos. Exceto pela parte da banana. Essa parte tenho certeza de que me foi contada. Meu corpo (ou minha imaginação), porém, se lembra do excesso de banana o bastante para ter formado uma aversão permanente. Ainda a detesto.

Eu me lembro disto...

Estou de braços no quarto em que passei a infância. O carpete é da cor de sopa de ervilha e foi enfechado com tráfego e idade. Minha frágil porta semioculta está aberta. Minha perna direita chuta o chão perto do armário. Meus braços estão cruzados abaixo do queixo, não muito longe de uma perna do beliche. Eu estou estudando um caubói.

Esse caubói é excelente. Ele é mais alto que a maioria dos bonecos, e tem um colete de plástico maleável, calças de plástico maleável e um coldre de plástico com um revólver de plástico duro. Havia chapéus e botas também, mas não tão importantes. Seu cavalo consegue ficar em pé com estabilidade no

carpete desnivelado. Mesmo agora, posso sentir a alça da sela nos meus dedos enquanto a estico sob a barriga do cavalo, e a coloco no lugar. O ponto alto de tudo isso está anexado à sela — um longo e elaborado coldre de rifle de plástico maleável. Deslizo uma convincente Winchester para dentro. Puxo a arma de volta. A alegria se agita dentro de mim.

O caubói está a postos na sela. Há rédeas para segurar, mas ele escolhe segurar suas armas. E agora eu coloco de volta e observo.

Tudo aqui é uma sombra de marrom — cavalo, homem, botas, armas. Mas, o sol se pôs enquanto eu trabalhava. A janela alta do meu quarto está a oeste. Agora, neste momento, o dourado está se derramando e encerra meu caubói em uma rígida fatia de luz. Primeiro, ela está próxima dos cascos do cavalo, a adornar o carpete de ervilha. Ela se moverá, mas sou impaciente. Levo o caubói e seu cavalo direto para a luz. Eles não cavalgam sempre na direção do pôr do sol?

C. S. Lewis falou sobre a *borealidade*, o anseio agridoce e esmagador que se mistura com a alegria. Para ele, essa sensação era provocada pelo frio, pelas noites claras, estrelas e pelo vento em árvores banhadas pela lua — a conexão com algo resoluto, rigoroso e belo. Portanto, boreal. Sei o que ele quer dizer. A sensação de estar ao sol em uma praia branca com uma bebida gelada enquanto se observa as águas caribenhas molhar a areia que surge com beleza própria. E estar em um penhasco a assistir o mar cinzento e furioso bater nas rochas? Provar o sal frio das gotas nos lábios enquanto o vento lhe castiga as pernas? Os momentos na vida em que você se percebe com os maxilares abertos, quando nos sentimos tão pequenos que isso chega com uma imensidão dominadora — quando as estrelas subitamente não são mais algo reluzente, mas explosões fervilhantes e gigantescas a pontuar o nada inconcebilmente frio e quase infinito — esses são os momentos em que você sente seu tamanho real, sua dependência verdadeira e miserável (alimente-me três vezes ao dia, mantenha-me respirando, bata meu coração a cada segundo, não me deixe ficar submerso por muito tempo, não me deixe ficar quente, não me deixe ficar frio). Os momentos em que ansiamos. O anseio, o gemido contra a maldição, o desejo de sentir tudo o que pode ser sentido em determinado momento, é o que entendo por borealidade.

A primeira vez que o senti foi na minha barriga, olhando para um caubói de plástico ao sol. Não deveria ter mais de 4 anos. Não foi o caubói que me pegou, embora ele tenha pavimentado o caminho. Esse momento foi o momento em que descobri os grãos de poeira no ar.

Estava contente. Minha felicidade era profunda. Então, lentamente no começo, percebi que *profundo* ainda era superficial. A felicidade poderia descer por quilômetros. Havia mais lá embaixo do que eu jamais poderia compreender. A fatia dourada de luz aureolando meu caubói estava repleta de pequenos mundos flutuantes, e cada suspiro meu os fazia girar em uma tempestade. Eu

me lembro de deslizar meu rosto ao lado do meu brinquedo e tentar olhar para o raio de luz na minha janela. Os grãos eram incontáveis. Eles eram preguiçosos. Eles estavam felizes e, quando estendia a mão, não conseguia pegá-los. Mesmo quando ficava parado, eles não pousavam na minha pele, mas se afastavam como pequenos peixes confiantes.

Eu era pequeno. A poeira me fez sentir menor. Isso me emocionava. Voltei a meu brinquedo, amando-o e amando o pó, a luz e o carpete. Amando a textura do coldre de rifle plástico e a maneira perfeita como o rifle entrava e saía dele. Pequenez. Anseio. Alegria.

A partir daí, a cena prossegue sem lembranças, um passo retido entre tantos passos esquecidos na longa (e muito curta) corrida para onde me encontro e quem eu sou. Muito provavelmente, os inimigos de plásticos chegaram e houve muita troca de tiros.

Recordo-me de fazer uma machadinha de papelão na pré-escola (e então destruí-la na porta do armário em que minha irmã se abrigara).

Eu me lembro da sensação bizarra da descoberta quando minha irmã mais velha ganhou um quarto. Fui conduzido, aos 3 anos, a uma porta no corredor que eu nunca tinha aberto e ondas de assombro me lavaram enquanto um quarto que eu não sabia que existia era revelado de forma súbita.

Não me lembro de qualquer aula em particular de todo o 3.º ano de ensino médio. E talvez de algumas da época da faculdade. Entretanto, essas aulas ocorreram. Eu estava envolvido com elas naquele momento. Elas jamais objetivaram ser permanentes.

O dia do meu casamento é nebuloso. Eu me recordo de estar faminto, enfiado em um terno, fazendo uma parada de emergência no Burger King e esperando uma eternidade para as coisas começarem a andar. Quanto à cerimônia, a florista correu, o menino das alianças tirou seus sapatos e minha prima mais nova caiu de cabeça do banco da frente.

Não me lembro da homilia nem dos votos.

Mas, eles aconteceram.

Recordo-me da minha noiva. Eu me lembro de tomar sua mão. Relembro da luz se dividindo através das altas janelas do santuário e de sentir seu vestido enquanto deslizava minha mão em volta de sua cintura e do cheiro do seu cabelo (chuva), do vermelho de seus sapatos e da constância de seu sorriso.

Rememoro com mais clareza a discussão com um guarda de trânsito, quando eu deveria estar no ensaio, que o próprio culto.

O mundo nunca desacelera para podermos vislumbrar melhor a história, para formarmos grupos de estudos e repassarmos uns com os outros o passado recente até obtermos a memória total. Contamos com um segundo exato para talhar a memória desse segundo, para categorizar, arquivar e priorizar em alguma tentativa de preservação. Então, o segundo seguinte chega, a próxima brisa nos distrai, o avião seguinte corta os céus, o próximo pulo engraçado do

próximo filho engraçado, a próxima confusão dos esquilos e a próxima filha a cair. Nossa imaginação está ocupada o bastante a capturar o *agora* que é fácil perder o *há pouco*.

Contudo, alguns momentos fazem um corte tão profundo que não podem ser esquecidos. Eles cicatrizam (para o bem e para o mal). Normalmente tocam a própria vida ou algum vislumbre do que a vida poderia e deveria ser. Ou o oposto. Linhas de partida e linhas de chegada; glória e luto enquanto isso.

O tempo...

A) é uma corrente sempre a fluir.

B) está unido ao espaço em um *continuum* enrugado.

C) é cruel.

D) acontece, queiramos ou não.

Foi o movimento do tempo que levou a sábia mente de Salomão a investigar o vapor. O tempo torna a vida “ vaidade”, dá o ritmo das estações, marca seu rosto e limpa sua mente e para seu coração no final.

O tempo é...

E) a velocidade da vida.

F) o ritmo da narrativa da realidade.

G) história.

Imagine um mundo verdadeira, intrínseca e explosivamente accidental. Explique o tempo nesse mundo, no mundo sem narrativa e narrador. Por que tempo? Por que progressão? Antes de o hidrogênio sofrer o suposto e infame soluço cósmico, alguma coisa afísica e filosoficamente incendiária provocou o caos primeiro? Talvez o nada nirvânico seja mais instável do que pensávamos; afinal, teria de gerar *progressão* e *causalidade* de forma espontânea (como leis e/ou padrões detentores de autoridade) antes de o hiper-hidrogênio se tornar flatulento e antes de a flatulência começar a buscar uma ordem radicalmente sofisticada. [Nota marginal: Por nada nirvânico eu quero dizer *nada* — *nada* como o que os seus dentes enxergam (só que menos), nada como em pegue um copo e esvazie-o, apague o copo, remova a mesa em que ele estava, divida os elétrons no ar onde se encontrava e coloque entre eles o frio sombrio do espaço, e, por fim, remova o frio e a escuridão, remova a capacidade de qualquer coisa ocupar espaço, remova o espaço, remova a causalidade e, já que você está nessa, remova Deus.]

Porém, não acabamos ainda. Precisamos de uma compreensão mais vazia desse conceito. Nada (sem tempo, sem espaço, sem espírito): Pegue um livro que verse sobre ratos. Olhe para a capa. Pronto? Abra na página -77. Certo. Agora, coloque um cesto de frutas aos pés dela ou arranque o coração ainda vivo de um escravo no topo de um zigurate em sua honra, pois esse pouquinho de nada (todo nada é um em sua nulidade) deu origem à causalidade, ao espaço, ao tempo, a você, a mim e ao herpes. E se ele conseguiu fazer isso, não há como saber o que poderia proceder dos intestinos inexistentes dele a seguir.

A inexistência é a mais insana dos deuses de m\$%^ . Um nada qualquer em lugar nenhum poderia subitamente se tornar um algo *qualquer* em *algum* lugar — e poderia surgir com novas leis para sua nova realidade. Fique de olho na página -77. Ela concedeu e ela pode retirar.

Biscoito da sorte ateuista: Há só o mundo material. Não me pergunte de onde o hiper-hidrogênio veio, tenho muita certeza de que ele explodiu porque eu existo (eu acho). As “leis” da natureza, realidade, lógica e moralidade não são vinculativas e consistem apenas em descrições internas da explosão acidental por outra parte da mesma explosão e, provavelmente, vão explodir mais ou implodir em algo diferente enquanto as coisas continuam a se agitar por aí. Você não tem alma; amor e lealdade são produtos químicos do acidente e não contam com autoridade, pois a explosão negligenciou a criação acidental de qualquer autoridade. Você não tem propósito, nenhum sentido mais profundo e não vale mais que qualquer outra máquina móvel de adubagem, a engolir e expelir até que você seja engolido e expelido. Além disso, como você não tem alma, o conceito de *you* é instável, já que sua autoidentidade é só o resultado de um limite atômico arbitrário imaginado pela eletricidade estática em um tecido esponjoso dentro de um osso esférico que parece ter orgulho de qualquer carne baseada no carbono que, por acaso, é eletronicamente conectada a ele. Você não é importante. Suas moléculas preferem se fragmentar a unir-se, e se separarão de forma inevitável e absoluta. Então tome essa, otário da existência! Além disso, você deveria estar aberto a novas oportunidades neste mês.

Ateus presos em uma filosofia exclusivamente física devem afirmar que o apelido dado ao tempo é apenas parte de uma entidade *física* (como programas de TV ruins e buracos de minhoca). O tempo é apenas outra parte da onda de choque a se espalhar em caráter perpétuo por causa de uma explosão, sempre a impregnar o nada com algo enquanto a anticratera em expansão, que chamamos universo, arrota “de eternidade a eternidade”.

Meus amigos ateístas: — Você não está levando isso a sério.

Eu: — Quando vocês perceberam?

Doutores e pós-doutores místicos da meleca mais-baixa: — Você é mesquinho, simplista e ignorante.

Eu: — A página -77 me fez assim. Aceitem-me.

Chega. Sério, pessoal. De verdade. O que é o tempo?

Como vou saber? Nem sei dizer o que é a luz e ela é substancialmente mais... bem... substancial que o tempo. Mas, isso não significa que não vou tentar. Há algumas coisas que posso dizer. Algumas que eu me acho capaz de dizer. Algumas eu sei (pela fé) e outras eu acho que sei (por fé indireta, fé nas ferramentas concedidas a nós por Aquele em quem temos fé). Conto com uma mente e sentidos, e temos os padrões de dedução e indução. No sentido mais fundamental, temos a personalidade do Autor revelada em todos os lugares que

podemos ver diretamente (se os olhos estiverem abertos), e podemos saber com absoluta certeza (pela fé) que sua personalidade se estenderá com coerência aos lugares que não conseguimos ver. No entanto, agora, apenas me preparo para pular do trampolim como o garoto corpulento na aula de natação. Você pode pular também. Não vai arder menos por ter choramingado.

O tempo é o fluxo violento que nos empurra pelas correntezas da causação narrativa. Cada momento leva a outro momento e eles se amontoam, espumam e correm em quedas, machucam pele e cegam olhos, quebram ossos e apagam mentes. Por que somos velhos? Porque fomos jovens. Por que nós morremos? Porque vivemos. Por que estou aqui? Porque estava lá. Você não pode impedir a si mesmo de envelhecer, o que significa que não pode ser substituído nesse jogo extremamente duro e de alto contato (sem proteção). Você não pode dar um chique de diva nos bastidores da produção e forçar sua substituição. Você está em cada cena e no campo para cada lance. E estará na próxima e na próxima e na próxima a carregar a bagagem, as feridas e o cansaço da última, da penúltima e da antepenúltima cena.

O tempo é severo com os mortais. A severidade conduziu Salomão à pena. Leia Eclesiastes e sinta a dor no peito dele quando o mais poderoso potentado de seu hemisfério corria atrás do vapor da vida com palavras, era incapaz de capturar o tempo e desacelerá-lo, mas conseguia se agarrar à futilidade, pois o necessário para isso consiste em mãos vazias.

Todas as palavras dos idosos sobre o tempo são verdadeiras. Para começar, ele voa. Como a criança que vive em férias de verão semieternas, isso é difícil de acreditar. Mas, como adulto? Case-se. Tenha filhos. Então se sente, atordoado, ao assistir o rugido absoluto de momentos fantásticos, momentos hilários e momentos cansativos a desaparecer — com velocidade, tragédia ou marchando no ritmo tradicional, mas eles devem desaparecer. Tire uma foto ou duas. Leia versos sobre a futilidade. Assistir ao envelhecimento e crescimento de pequenos seres humanos equivale a um soco no estômago. É como estar preso em um sonho e incapaz de falar, como ser um fantasma que enxerga, mas não pode tocar; assemelha-se a estar em uma grande grelha enquanto uma tempestade de diamantes oleosos acontece, como coletar penas em uma tempestade. Pais apaixonados pelos filhos têm amnésia, tentam se lembrar, tentam apreciar os momentos — fantasmas tentando segurar o mundo. Ser mortal, ter a mente finita quando se está rodeado de alegria a surgir perpetuamente no retrovisor é como sempre ter algo importante na ponta da língua, algo na ponta dos dedos, sempre em fuga, sempre evitando nosso abraço.

Não importa quantas fotos eu tire, não importa quantos *scrapbooks* eu faça, não importa quantos momentos invadamos com uma câmera rodando, nós morreremos. Desapareceremos. Não podemos segurar e guardar. Não podemos contrabandear coisas conosco ao passar pela morte.

Vá a uma venda de espólio (se você tiver coragem). Procure fotos. Observe as caixas repletas desvalorizadas de vapor. Saia rápido.

Mas isso não deveria inspirar melancolia; deveria apenas tingir o doce com o amargo. Não fique ressentido com os momentos por eles não poderem ser congelados. Prove-os. Saboreie-os. Agradeça pelo pão diário. O maná não fica para o dia seguinte. Mais virá pela manhã.

Nossa fútil batalha no tempo é cortesia da generosidade excessiva de Deus. Nascer do sol seguido de nascer do sol torna difícil lembrar e guardar apenas um. Aroma após aroma. Riso após riso. A mente ainda pensante, o coração que ainda bate. Imagine colocar seus dedos no pulso e agradecer a Deus cada vez que ele te desse outra batida para impulsionar o sangue e energizar o cérebro. Nós deveríamos. E não deveríamos, porque se fizéssemos, jamais faríamos outra coisa com a vida; não teríamos tempo de ver ou saborear qualquer outro de nossos “impossibilhões” de dádivas.

Minha mulher e eu tendemos a dar presentes demais para nossos filhos no Natal. Rimos e nos sentimos ridículos quando a criança está tão distraída com o brinquedo que a forçamos a abrir o próximo ou quando algo grandioso fica completamente ignorado em um canto. Que consumistas, certo? Que americanos estúpidos.

Que parecidos com Deus.

Todos nós somos essa criança repleta de presentes, sem sequer perceber os batimentos, perceber a respiração, notar que as digitais podem sentir e pegar coisas, a torta cheira como torta, a pele da unha se cura, maçãs fuji são reais, cães balançam o rabo e o assombro perpétuo que nos aguarda no céu. O anseio real, o estado mental salomônico, é causado por presentes demais, coisas demais para amar em tão pouco tempo. Porque quanto mais recebemos, mais sentimos a perda, pois todos somos pobres e voltamos ao pó.

Ah, mas nós percebemos batimentos cardíacos quando eles param. E nós imploramos por mais. Se somos capazes de ficar de mau humor com o Natal enquanto ainda estamos ao redor da árvore semienterrada em papel colorido (e nós ficamos), então é claro que somos capazes de chorar quando o Natal parece acabar. Os ingratos sempre cultivam amargura em seus corações. Aqueles que têm fé (outro dom) alegram-se mesmo no fim e depois. Eles secam as lágrimas, sentindo com maior profundidade toda a riqueza de receber a vida quando a mesma vida é perdida.



Coloco minha mulher em um avião para honrar sua avó falecida. O coração dela se esgotou. Acabei de chegar; fui ver o corpo pertencente a um amigo próximo do meu pai — em paz, vazio e gasto. Seu coração se esgotou cedo. Os netos muito novos desse homem olhavam para a urna aberta, observavam o presente que estava pronto para ser devolvido — uma dádiva que será mais

valorizada quando as lembranças ainda recentes desaparecerem.

Clichês são verdadeiros: “O tempo voa”; “Não é possível levar consigo ao túmulo”; “Só se dá valor depois que se perde”; “Do pó ao pó”.

No solo, todos nós temos mãos vazias.

Aproveite a vida agora. E agora. E agora. Antes que os agoras se acabem. Veja os presentes. Saboreie a comida, sabendo que você terá de engolir.

Duas observações:

Uno . Algumas pessoas recebem mais na terra e outras menos. Algumas pessoas passam os dias em agonia com corpos que deixam o anseio alto e claro, que deixam a perda sempre perto dos olhos. Viúvas, órfãos, doentes e feridos (de nascimento ou pelo homem). Saibam disso: Deus tem promessas especiais para você e ele ama trazer resoluções triunfantes para quem provou os sofrimentos mais profundos. E isto: gratidão é libertação. Todos nós somos mortais, chamados para esta narrativa nesta linha do tempo sem nosso consentimento. E todos nós chegaremos ao final. Observe os presentes. Se eles parecem poucos, comece a contar. Não omita nada. Você consegue contar até esse número? Você pode ter menos que os outros, como a viúva com duas moedinhas no templo. Deus lhe dera pouco, mas o que ela fez com o pouco?

Dos . Segurar nunca dará certo. Acumular nunca dá certo. Viver para viver sempre leva ao inevitável e absurdo esgotamento darwiniano — medos maiores, pânico mortal mais profundo. Viva para morrer. Se o fizer, sucesso inevitável o aguardará. Se subitamente você recebesse mais que pudesse contar e não pudesse guardar nada para si, o que faria? Essa é, afinal, nossa situação agora. Segurar nunca dará certo. Dar sempre é correto. Conceda. Os filhos, os amigos e o próximo estarão muito melhores se trabalharmos para acumular por causa deles. Se Deus lhe concedeu a ninharia da viúva, abra mão. Coloque-a no altar. Se Deus lhe deu um banquete maior do que pode comer, abra mão. Coloque-o no altar. Junte a ralé e assente-a à mesa. Não deixe desperdiçar comida, força, vinho.

O tempo nos despoja. O tempo nos impede de nos tornarmos minidragões, agachados sobre a pilha do que usamos para nos dar algum sentimento de valor. E quando ainda assim ficamos meio dragões, o tempo nos nocauteia e envia mariposas, ferrugem e destruidores atrás das nossas coisas.

O tempo nos motiva. Claro, o tempo avança, mas também é um cronômetro, fazendo a contagem regressiva. É urgente. É o que faz o *agora* importar.

“Ah, nós temos todo o tempo do mundo”, diz o homem preparando-se para fazer nada.

“Isso é para amanhã!”, diz a mulher subitamente achando foco intenso.

O tempo é gentileza. Nós precisamos dele. Carecemos da perda para apreciar a dádiva. Precisamos do mundo torcendo por nós como uma multidão contando os segundos ao final do cronômetro. Todo dia traz a própria urgência.

Alguns prazos chegam ao fim todos os dias, coisas que contam regressivamente e pausas para coletar nossos pensamentos, beber Gatorade e desenhar jogadas.

O sol nasceu! Levante, levante! Coma. Vá, vá, vá! Coma de novo. Vá, vá, vá! Coma de novo. Sente-se. Fique parado. Talvez converse. Relaxe. Então, feche os olhos. Respire estranhamente enquanto a mente divaga sem controle. E... o sol nasceu! Levante, levanta! Coma. Vá, vá, vá!

Cada um por si. Salve-se quem puder. A lei da selva.

Tempo, a fonte que sempre se esgota. Tempo, o ladrão. Tempo, o motivador.

Tempo, a chegada.

Imagine ser o seu eu falho sem o tempo. Pare de esconder suas imperfeições dessa análise, pare de fazer qualquer outra coisa, e dedique um pouco dos seus preciosos segundos a observar com os dois olhos, sem piscar, os piores dos seus impulsos pecaminosos. (Eu não estimo as pessoas a essa prática com muita frequência.) Pense em seu temperamento; seu ressentimento, sua lascívia, suas mentiras; seu egoísmo, seu desespero. Considere todos os problemas que você tem por dentro. Pense no peso desse fardo. Espero que seja um fardo que você combata, não um fardo que já o venceu. Espero que seja uma guerra, um progresso, um conflito.

Agora, remova o tempo.

Não há fim para essa corrida. Não há linha de chegada. Não há assalto final para essa luta. Não há cronômetro.

Você deve lutar contra esse temperamento para sempre. Para sempre. Você terá 700 anos, ainda um lascivo chorando de culpa. Uma mulher de mil anos que não consegue conter a língua venenosa.

Quando jovens atletas treinam duro, um bom técnico está presente. Quando eles se forçam até sentirem tontura, até vomitar, o técnico está cronometrando.

Você consegue. Só mais três vezes. Só mais cinco minutos. Mais duas voltas. Você consegue.

E nós descobrimos que conseguimos. Nós podemos ir mais longe do que sabíamos. Porque assim que conseguirmos, estará acabado.

Imagine correr e correr e correr até a garganta queimar com o ácido proveniente do estômago e comprimido pela explosão cortante de fôlegos gelados que seus pulmões gritantes puxam e puxam e puxam para manter o corpo em movimento. Seu técnico está do lado. Ele grita: “Não vai parar nunca! Você não vai terminar nunca. Continue!”.

Eu? Paro ali mesmo. Sem a linha de chegada, eu desisto.

Nos mitos antigos, tártaro é onde os titãs rebeldes eram torturados para sempre, onde lutavam para completar tarefas sem fim, sem qualquer conclusão.

Sem a morte, sem o tempo mortal, esta terra seria o tártaro.

A mortalidade é consequência do pecado, mas também é um dom. Uma misericórdia. Uma gentileza. Morte é graça.

Uma raça decaída e corrupta sem fim? Fardos sombrios sem final?

Por causa da morte, podemos correr a boa carreira. Podemos combater o bom combate. Existe conclusão.

Nós nos fizemos sujos e corruptos, e Deus nos “amaldiçoou” com a morte como a mãe amaldiçoa seus filhos cheios de barro com um banho quente. Sua maldição engole a nossa. O tempo marcha conosco até a morte e, juntos, eles nos esvaziam as mãos. Mas, há um homem ali, ao lado do túmulo, coletando toda a nossa sujeira, esvaziando mais que mãos — esvaziando o coração (e a mente e a alma). Ele acumula um fardo como ninguém mais. Ele correu sua própria corrida. Embora seja o Filho de Deus, ele caminhou pelo tempo. Por três décadas ele correu na direção da morte. E, quando a alcançou, pôde dizer o que todos os mortais precisavam dizer: “Está consumado”.

E ele foi, com o fardo, para um buraco.

Todos nós morremos. Caminhe pelo véu rasgado e seja limpo até os ossos. Esvazie as mãos e o coração. Morra. Seja feito novo.

Prove cada um dos momentos do tempo. Engula. Prove o próximo. Beba a água. Beba o vinho. É bom que seja até a última gota. Suor e esforço. Corra. Lute. Receba. Dê. Seja grato até pela morte, pois o relógio está contando para você.

Setenta anos. Oitenta se você for forte. Menos se você for como o Messias. Olhe para ele e receba mais graça. Cambaleie. Você consegue. Só mais uma década. Ou duas. Ou quatro. Mas, há a linha de chegada. Haverá fim para o peso nas costas e a dor no crânio. Esse lugar não é o tártaro e nosso Deus não é o Scrooge. Ele dá sem cessar. Mesmo quando caímos, quando nossos primeiros pais o desafiaram, a primeira coisa que ele lhes deu foi um fim, mortalidade, um caminho para a ressurreição e a promessa de um Guia.

Então, ele os vestiu.



Nos sábados à noite, nossa família se reúne na casa dos meus pais para comer, rir e beber em louvor à graça. Minhas irmãs e seus maridos vêm com suas tribos e eu com a minha.

Minha avó, mãe do meu pai, foi para o solo no alto de um monte há dois anos. James Irwin Wilson vem para esses jantares de sábado sozinho (mas nem sempre). Ele é o que tem mais chances de perguntar se pode convidar um ex-presidiário ou precisar de carona porque emprestou seu carro (de forma deliberada) para um ladrão e agora o carro se foi. Seu coração luta. Seu sangue luta. O homem que remou na Academia Naval agora caminha com uma bengala. O garoto que estava lá quando um garanhão estava empinando e seu pai estava caindo ao chão, o garoto que gerenciou uma fazenda de dez acres, terminou o ensino médio e trabalhou em turnos de oito horas a cada noite no armazém de Omaha agora conta 85 anos e que ainda não está exaurido. Embora

tente estar. Meu avô não tem a intenção de terminar a vida com os punhos fechados. Suas mãos estarão abertas e vazias.

Comecei a me encontrar com ele mais cedo nas tardes de sábado e preparar a câmera. No começo, ele não se sentia confortável por eu pedir que ele falasse sobre si e por ter esquecido de colocar a gravata. Eu ri (em meu suéter e calça jeans). Daí em diante, ele não se esqueceu mais da gravata.

Quando completou 85 anos, pediu que não lhe dessem presentes. Como um bom *hobbit* (embora eu sempre diga que ele é mais um *ent*), ele quer nos presentear. Ele não está na atividade de acumular, especialmente agora, enquanto escuta a torcida fazendo a contagem. Ele tinha alguns pedidos para o cardápio de aniversário (com torta de sobremesa) e, então, queria contar histórias para os bisnetos.

Naquele sábado, tios e tias e primos vieram e, quando ele tinha comido, cantado e sorrido, nós o colocamos em uma poltrona e 16 bisnetos rodearam seus pés no chão.

Ele não tinha lembrancinhas para dar. Nenhuma tranqueira barata. Em vez disso, deu àquelas crianças o que elas nunca poderiam comprar, o que jamais poderiam encontrar por conta própria. Ele lhes deu as memórias de um garoto em uma fazenda do Nebraska com irmãos — um garoto que tentava domar um cavalo selvagem do prado. Deu-lhes as memórias de sua mãe, nascida em um abrigo humilde na grama do prado.

Ofereceu a uma multidão formada principalmente por pessoas pequenas (que existem por causa de suas escolhas em seus momentos) um vislumbre de um tempo há muito perdido, de momentos extintos, de vapor visto com seus olhos e relembrados.

Eu — e todas as crianças — ceifamos uma tremenda colheita diária graças à sua fidelidade, graças ao homem com a bengala que recebeu a vida com alegria, e cujas mãos grandes estavam sempre abertas. Graças ao Autor que criou uma personagem assim e a colocou em seu caminho, que reivindicou seu coração e carregou seu fardo.

Enquanto ele estava assentado e falava, eu segurava uma câmera. Um tempo virá, eu oro, em que serei a pessoa gasta na cadeira ainda procurando dar de mim. E, se chegar a essa idade em 2063, espero ainda apresentar esse homem a gerações que ainda não nasceram, dar-lhes mais que palavras — a imagem tremeluzente dessa face e o som dessa voz.

No seu aniversário, esse avô não acabou ainda. Ele tem mais riquezas para dar. Escolheu uma passagem da Escritura para cada um de seus filhos e cônjuges, para cada um dos netos e cônjuges, e para cada um dos bisnetos. Ao todo 46 almas (e contando). Ele pediu a um filho para organizar e imprimir cada passagem em um papel, e escreveu uma nota para cada um de nós, na letra cursiva precisa e perfeita de outra época.

Para o mais jovem de todos, o filho de dois meses da minha irmã, ele

escreveu uma mensagem simples ao lado de Colossenses 1.9-12:

Você pode não se lembrar de mim. Eu me lembro de você e orei por você quando contava um dia. Bisavô.

Minha irmã chorou.

As contas do meu avô estão em ordem. Sua semente foi semeada. Seu tesouro está em todo lugar, nos rostos a seus pés e nas milhares e centenas de histórias que sua história pessoal tocou e continuará a moldar.

Beba seu vinho. Chore de rir. Acumule os momentos com gratidão. Esteja tão vazio quanto puder quando o relógio parar. Gaste sua vida. E, se o tempo é um rio, que você deixe um rastro.



NOVE

Hiato urbano: Jerusalém

O ar é frio e levemente úmido. Eu subo, seguindo o homem de botas até um banco de barro que gostaria de ser um penhasco, alternando entre pedra marrom, terra quebradiça marrom e tufos verdes crescentes, e lixo descartado até que chegamos a uma orla plana de grama. Já passamos pela cerca onde as pessoas “*não podem ir*” e rumando para a encosta cheia de coisas que as pessoas “*não podem abrir*”.

No entanto, as pessoas vêm aqui; a prova se encontra entre as garrafas vazias, longe demais da cerca para terem sido jogadas. Eu olho à minha direita, para o desfiladeiro ao lado da estrada, apinhado e abarrotado de casas se desfazendo, decoradas com roupas, lixo e fios, e separadas por estradas sinuosas e pisoteadas, estreitas demais para algo além de pés, bicicletas e algumas das motos crepitantes que consigo ouvir de onde estou.

— Geena —, o homem com as botas diz. Seu inglês tem sotaque. Suas botas são legais. Seu cabelo está bagunçado. Ele é o especialista. Fui arrastado para cá para falar com ele em frente às câmeras sobre túmulos e sudários do século I. Ele prossegue: — Eu não sei o quanto você conhece de mitologia...

Eu aceno com a cabeça. — Eu conheço a geena. Este lugar é usado para descrever o inferno. Composto por lixo e párias em chamas.

É a vez dele de acenar. Ele caminha para frente, escalando a outra plataforma de grama, levando-me para a ponta de um penhasco.

— Você conhece Moloque? — ele pergunta. Conheço, mas ele não espera a minha resposta. — Muitos bebês eram sacrificados aqui. Com os tambores e os

rituais, os sacerdotes jogavam os bebês desse penhasco para serem mortos lá embaixo. Muitas, muitas centenas; muito tempo atrás. — Ele sorri para mim, tremendo um pouco como alguém que desfruta de um toque de terror em um filme. — Fantástico, não é?

Fantástico? Eu acho nauseante. Literalmente. A repugnância se assenta em meu estômago como uma massa. Eu me aproximo da beira e olho para baixo, e para o asfalto moderno que agora risca a base desse lugar de carnificina. Repugnância pode gerar raiva, mesmo percorrendo milênios. Eu tenho bebês: uma filha com poucos dias de vida enquanto me encontro ali no penhasco, do lado oposto do mundo em que ela e sua mãe me aguardam. Vi meu filho despencar quando era novo e sua mãe cair e, então, soltá-lo a apenas alguns centímetros no barro, antes que ela tombasse e rolasse. Vi seus braços e pernas enrolados em um pacotinho enquanto caía e, quando eu o peguei e segurei, sua raiva era grande e sua dor inexistente. Seus braços e pernas não relaxaram até ele dormir.

Estou acostumado a estar em locais ricos em história. Eu os caço. E, normalmente, enquanto a realidade dessas narrativas sobrepostas e enroladas com o presente fica clara, imagino cenas não relatadas e o tempo passar até que, por fim, posso ver apenas a mim mesmo, parado ali tateando cegamente o passado não visto, a conjurar a história com minha imaginação. Isso é diferente. Não imagino nada. Milhares de bebês tão reais quanto o meu morreram neste lugar, assassinados por homens tão maus quanto qualquer outro que já tenha existido.

A história é tão pesada para mim quanto o avental de chumbo de um dentista. Está na minha frente, abaixo de mim e atrás de mim. Esse lugar parece amaldiçoado.

Eu me viro e encaro o sorridente amigo, o especialista de botas. Atrás dele, encosta acima, consigo ver o monastério ortodoxo grego que nos deu permissão para estar onde as pessoas “*não podem ir*”. Enxergo os montes enrugados de tumbas engolidas pela relva, as bocas abertas dos que foram profanados através dos séculos. As pequenas faces das pedras das entradas dos túmulos não foram cobertas pelo gramado mesmo depois de milhares de anos.

— Este lugar era chamado campo de Sangue —, diz o portador das botas, virando para me conduzir.

— Espere — eu digo. — O quê? — Eu sabia que estávamos visitando um cemitério judaico, mas...

— Judas se enforcou aqui. O lugar tornou-se impuro, bom apenas para sepulcros. Caifás enterrou seu sogro aqui.

— Sério? — Eu me viro. — Onde estava a árvore? Onde ele se enforcou? Eles literalmente compraram esse campo com trinta moedas de prata? Daí em diante o lugar é um cemitério?

O especialista confirma.

O avental de chumbo no meu peito se duplica. Não consigo acreditar que ele fala sério, que se pode saber essas coisas de verdade, mas, onde moro, a história de qualquer época anterior a Thomas Jefferson se transforma em lenda oral.

O homem de botas marcha morro acima para me levar a um túmulo do século I em que entrou há apenas algumas semanas. Ele recebe ameaças de morte por fazer isso, mesmo que não abra qualquer túmulo fechado — apenas examina os destruídos pelos residentes dos arredores do vale.

Eu o sigo e contemplo túmulos medievais vazios ainda maiores enquanto andamos. Ele me conta que os cruzados se apoderaram de algumas das covas mais elegantes, jogando fora os ossos dos judeus.

O cara do som e o cara da câmara ficam para trás. A diretora, eu acho, está ansiosa por um cigarro.

Eu deveria me concentrar nos sudários e nas práticas fúnebres. Mas não o faço. Há muitas outras coisas bem mais interessantes acontecendo na cidade da paz, construída com ossos.

Eu queria entrar em um túmulo.

Antes de deixar Jerusalém, eu entrarei em dois (e meio). Um (e meio) deles são reais. O outro...

A Igreja do Santo Sepulcro não era o que eu esperava.

Eu, nobre protestante em busca de sudários, entro por grandes portas pesadas em uma atmosfera tão densa de incenso que consigo sentir minhas sobranceiras alisando o ar. Estou em frente da pedra da Unção, colocada abaixo do chão para que as pessoas naturalmente se ajoelhem. A laje da pedra — onde se diz que o corpo de Cristo foi ungido antes do sepultamento — é brilhante e úmida. Recipientes fumegantes são colocados juntos, acima dela, pendurados em correntes. Uma mulher de meia-idade está de joelhos, tremendo, murmurando em russo, tirando um pequeno ícone após outro de sua bolsa e esfregando cada um deles na pedra.

— Então... — a diretora diz. Ela é loira, competente, britânica e incrédula. — Estávamos pensando que seria legal ter uma tomada de você chegando, entrando na sala e, em seguida, caminhando até a pedra e se prostrando antes de tocá-la.

— Não. — No caso da minha palavra não ter sido clara, eu também balanço minha cabeça. — Eu não ajoelho de jeito nenhum.

— Por que não?

— Porque o fantasma de John Knox me assombraria. Eu vou tocar, porque estou curioso, mas não vou ajoelhar.

Essa minha posição não é facilmente entendível. Por que não me ajoelharei? Eu gosto da mulher russa de joelhos. Na verdade, sinto vontade de abraçá-la. Mas, essa não é a pedra onde o corpo de Cristo foi ungido. Se fosse, duvido que poderia manter os pés no chão mesmo que quisesse.

A difícil verdade histórica: múltiplas vezes no decorrer dos milênios, esse lugar foi colocado abaixo até o último pedregulho utilizável em um estilingue. Mais recentemente, tudo neste lugar foi reconstruído e substituído após um incêndio na década de 1800, incluindo a pedra da unção. E mesmo a laje vitoriana de pedra molhada foi substituída porque milhões de mãos peregrinas e ícones raspantes literalmente apagaram a pedra por completo.

As câmeras filmam. Eu me agacho de um jeito desajeitado. Coloco minha palma na pedra e aliso sua superfície fria e oleosa, integrando-me aos peregrinos ao redor de mim enquanto o faço.

A mulher russa verte lágrimas enquanto toca pequenos quadros enfileirados e faz suas preces. Este é um jogo antigo, a exploração dos simples e dos pobres pelos barbados e enchapelados. É um jogo que fez muitos profetas gemerem e sinto um poço de raiva conhecido a crescer.

Sim, sou protestante. Sim, tenho amigos católicos romanos e ortodoxos gregos. Sim, nós podemos discutir que braços da cristandade têm vida e quais estão mortos e quebradiços ou mortos, empapados e embolorados, mas há algum tempo havia apenas uma raiz — aqui nesta cidade, onde discípulos com os olhos arregalados reuniram-se em torno do homem com um buraco no lado. Se este lugar é real, é o local do nascimento da nova humanidade, o local onde o Beemote teve o nariz furado, onde o Leviatã foi encoleirado, onde a semente da mulher agitou as estrelas com seu triunfo.

Esse é o motivo para os cristãos quererem tanto que seja real que se dispõem a falsificá-lo. Esse é o motivo pelo qual os inimigos da cruz trabalham tanto para mantê-lo esmagado — como se aniquilar uma cúpula e um túmulo pudesse desfazer a narrativa, pudesse dismantelar a própria vitória.

Cada rocha é falada pela Palavra. Toda vez que toco uma pedra, toco a voz de Deus. Cada uma das minhas células é elaborada por esse talento. Minha vida é seu fôlego. Todavia, nós, mortais, entorpecemo-nos. Queremos sentir mais. Assim, acrescentamos bicarbonato às marcas terrenas da santidade.

O líder de louvor evangélico pula no palco com os olhos fechados, esmurrando o peito encamisado — forçando, forçando, forçando as pessoas a sentir enquanto os acordes avançam. Em Jerusalém, uma pedra recém-extraída é apresentada aos peregrinos sob o poder da fumaça mística.

Senhor, nós estragamos tudo. Perdoa as mentiras contadas nos tronos roxos dos televangelistas. Perdoa as mentiras contadas em templos. Perdoa todas as tentativas de autorredenção, os esforços santos que chamamos nossos, quando tentamos sair do caixão e chamamos ressurreição. Enterra-nos. Leva-nos ao pó impotente. Então, rola a pedra e chama-nos por nossos nomes. Torna-nos todos Lázaros.

A experiência em torno do santo Sepulcro é trágica e comicamente surreal — escadas para tocar a ponta do Gólgota ali, a pedra da Unção aqui, a elevada, a suposta sepultura do Messias “meio cor-de-rosa” e instável, o local da Páscoa,

o pivô da história, o local em que a pedra rolou, o anjo se assentou e a morte foi derrotada — logo ali. Ao menos poderia ser se não tivesse sido construída depois que os mórmons chegaram a Utah, depois que Lewis (e seu amigo Clark) haviam começado sua pequena caminhada pelas colinas em que eu moro, depois do fim da Guerra Civil Americana e logo após os nova-iorquinos terem começado a usar elevadores.

Assim, não; esse não é o túmulo do Messias.

No entanto, a mulher russa — ela tem mais para me ensinar que a pedra. Observo suas mãos, sabendo que o Pai conhece cada ruga. Olho para seu rosto, sabendo que o Pai conhece cada lamento. Cada batida de seu cansado coração é falada, cada pedaço de sua narrativa é tecido com as palavras da Palavra. Deus é mais que onipresente; ele está onicriando e, mesmo que eu nunca tenha me sentindo mais distante dele que nesse lugar, como eu me *sinto* é irrelevante. Ele está aqui, e sua imagem está em mim, e nela — a mulher a minerar santidade com quadros de plástico em torno de cartões icônicos deixados sobre uma pedra úmida.

Quero lhe dizer algo. Sorrir e contar que ela não precisa lutar tanto para ser ouvida, que pode descansar e se acalmar, que pode estar em paz. Ela pode ser conhecida, defendida e cuidada sem o esforço, porque a Palavra encurvou-se, a Palavra lutou, morreu e irrompeu em alegria, e pedras como essa foram despedaçadas.

Ela não olha para cima. Continua a tremer, como uma criança perdida na multidão, medo em cada movimento, abandonada pelo pai, sem disposição para olhar para algum lugar além do chão.

— Boa — diz a diretora. — Conseguimos a cena.

Eu estou furioso.



Ajoelho-me no campo de Sangue. O solo está macio por causa da chuva; a encosta é íngreme aqui e aveludada com o verde, cada folha de grama com pérolas de água. Coloco minhas mãos no buraco pequeno e descoberto de onde uma pedra foi removida. Deitado sobre minha barriga, rastejo para dentro de um túmulo do século I até que minha cabeça, ombros e braços entrem nele.

À minha esquerda, uma cavidade onde, até algumas semanas atrás, ossos repousaram enrolados em panos por quase dois mil anos. Cortada na pedra, ao fundo do túmulo, uma pequena porta. Na parede a meu lado, uma aranha do tamanho de um rato. No chão, águas paradas profundas.

O homem de botas bate nas minhas costas e recuo. Ele me levará a outro túmulo, um com menos água.

No túmulo seguinte, coloco primeiro meus pés. Contorcendo-me, fingindo ser ágil, procuro o chão com meus dedos e, então, entro por completo. A água espirra em torno dos meus pés, mas os pedregulhos os impedem de afundar. O

homem de botas está abaixado no canto oposto.

Essa é minha primeira vez dentro de um túmulo. Não será a última.

Essa câmara de morte é uma sala pequena: um cubo vazio cortado na pedra. Há aranhas aqui também, e o local do corpo. Conversamos sobre o século I, o homem de botas e eu. Falamos sobre a pequena porta e corredor cortados no fundo do túmulo. Em uma sepultura familiar com esta, um corpo seria estendido na cavidade até se decompor por completo. Então, os vivos voltariam, o túmulo seria reaberto, os ossos seriam coletados e guardados no pequeno corredor próximo, deixando a cavidade vazia para o próximo na fila da morte. Quando as famílias (ou as posses) aumentavam, câmaras adicionais seriam cortadas, cavidades adicionais e corredores adicionais guardariam os ossos.

Há uma estranha autenticidade da mortalidade aqui, uma autenticidade difícil de ser entendida pela sensibilidade moderna do tipo “ignore a mortalidade”. Eu respeito esse procedimento, mas prefiro o adeus mais permanente. Talvez porque seja mais fácil, porque nos permite o afastamento mais rápido da morte e a concentração no álbum de fotos. Revisitar o túmulo para coletar os ossos e guardá-los? Ver os ossos já guardados cada vez que outro membro da família morre? Saber que você passará pela decomposição no mesmo vão na pedra em que seus ancestrais apodreceram, que sua caveira acabará parando em uma cavidade ao lado da deles?

Estranhamente, há poesia nisso. Para nós que vivemos no jovem Ocidente, é difícil (ou impossível) lembrar os nomes dos antepassados de quatro gerações anteriores, quanto mais onde eles estão enterrados. Somos nômades, ainda viajamos e ocupamos espaços vazios, fazendo o papel de Johnny Appleseed com nosso povo, ¹ cobrindo de novo a grama e dizendo adeus. Ou, mais comumente agora, queimando-os e espalhando as cinzas.

Talvez fosse saudável contemplar uma fileira de crânios que remontam ao passado, lembrar-se de quem você é, de fato — uma sequência e não uma história avulsa.

De volta ao lado de fora, em pé sobra a grama que Deus ama fazer crescer; observo ao redor o redemoinho da história, o azul do céu e as nuvens a correr. Percebo as rugas na encosta, onde nos primeiro anos da era depois de Cristo, homens e mulheres deslizariam até as salas dos mortos para cuidar dos ossos dos esquecidos, organizando-os em pequenas bibliotecas de vidas.

Aqui, no campo onde Judas se enforcou, os pequenos detalhes me fazem sentir a magnitude da história em que vivemos e morremos. Um pássaro junto a uma pedra. Um monte de lixo. Uma árvore balança enquanto o vento peregrino penteia seus ramos. Longe da jaula de mármore rosa e do incenso, longe dos paramentados ladrões da santidade, posso perceber (e sentir) que estou na cidade em que a grande história teve uma reviravolta ainda mais profunda que a do jardim onde ocorreu a primeira guinada, na cidade atormentada pelo peso da própria história.

Trinta moedas de prata compraram o campo. As mesmas trinta moedas compravam um cordeiro para fazer a morte passar. E, ao agir assim, as trinta moedas ajudaram a comprar todo o campo que ficou impuro com a morte, o local em que cinzas foram espalhadas, os montinhos de grama ocidental em que sementes foram plantadas e esquecidas, os vãos em que corpos tornaram-se ossos, o penhasco de onde bebês eram jogados, os contêineres de lixo hospitalar que ainda são lançados, todas as turfeiras e cavernas de gelo em que homens e mulheres foram privados de fôlego e batidas, e sentiram a alma abandonar a carne.

Trinta moedas compraram o Cordeiro que comprou o mundo. O mundo é um campo de Sangue.

¹ John Chapman (1774-1845), apelidado Johnny Appleseed (semente de maçã), foi um pioneiro americano que introduziu as macieiras em algumas regiões dos EUA. Missionário swedenborgiano, tornou-se uma lenda viva pela generosidade e educação no trato com as pessoas. [N. do R.]



DEZ

O rápido, o grato e o morto

Salomão: Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada tirar [Ec 3.14].

Dirijo à noite. Minha esposa dorme. Meus filhos dormem. Eles parecem indesculpavelmente tranquilos no brilho do painel do nosso carro. Estou empoleirado em lâminas de atenção, com tanques de pressão de adrenalina posicionados e prontos para atirar. Estamos escalando o monte Shasta através de um massacre de neve total em alta atitude. A passagem estava se fechando quando chegamos ao sopé, mas meu veículo burlou o bloqueio na estrada. Eles acenaram para mim sem olhar para meus pneus — quatro esquis de borracha.

A interestadual está sob centímetros de neve molhada escorregadia e não há marcas de pneu para conduzir o caminho. Estamos aqui como universos de neve. E deslizamos constantemente. Eu queria sair da Califórnia e não parecia tão assustador assim ao pé da montanha, quando tudo não passava de chuva; eu tinha tanta confiança no meu veículo quanto o homem no bloqueio.

Estou cego. A nevasca obstrui meus limpadores de para-brisas e devolve a claridade dos meus faróis ao disparar um milhão de espelhos.

Estar a 55 quilômetros por hora é intenso. Mas eu cresci em Idaho — sei dirigir na neve. Embora, aparentemente não. Qualquer pessoa natural de Idaho lidaria com essa noite ao usar a mesma técnica: fique longe das estradas.

Previsivelmente, a mortalidade passa por minha cabeça. Estou tão focado quanto estava no campo de futebol com a bola nas mãos. Reaja, reaja, reaja. Reverta. Devagar. Vire para lá. Acelere. Mas, essas jogadas duram segundos.

Nós já estamos há mais de uma hora e vinte nessa única jogada, e eu tenho orado desde a marca dos 15 minutos.

Caso existam pontos em que podemos parar e dormir até acabar a tempestade, não consigo enxergá-los. Não vou parar no que penso ser o acostamento. Poderia ser a faixa central, pelo que entendo, e mesmo se achasse o acostamento, estaria pedindo para ser morto pelas costas.

Encontro um caminhão investigando exatamente isso. Dois pequenos pontos rosados surgem entre os flocos em frente a meu capô e tenho exatamente tempo nenhum para perceber que são luzes de freio e que não estão se mexendo.

Virando com rapidez, derrapamos para longe e em volta do caminhão. Luto para evitar girar sem controle ao longo do caminho, e ultrapassamos o caminhão. Vejo a sombra de um homem na cabine, observando-nos, antes de conseguirmos nos endireitar e prosseguir. Ele não estava atolado. Não fisicamente pelo menos. Espero que ele tenha andado e sobrevivido à noite.

Minha esposa suspira, se espreguiça e boceja:

— Ei — ela diz. — Onde estamos? — ela olha pelo para-brisa. — Você consegue enxergar alguma coisa?.

Sim. Eu consigo ver a neve. Dou um tapinha na perna dela.

— Pode continuar dormindo, querida.

Ela dorme e eu fico extremamente feliz. Adicionar medo à cena não ajudaria.



Aos 15 anos, quando James Wilson decidiu domar o mustangue do Nebraska, esperou até haver um metro de neve sobre o solo. Seu pai o proibira de tentar algo assim. Afinal, James era o único que recebia algum dinheiro e o único a cuidar da fazenda. Ele não poderia continuar fazendo isso com o braço ou a perna quebrada (ou a cabeça). Contudo, o homem estava acamado. Não havia nada que pudesse fazer para deter seu filho.

James selou o cavalo e o tirou do estábulo.

Na hora do almoço e depois da aula, James sempre era o alvo de brigas. Ele era teimoso o bastante, grande o bastante e sem amigos o bastante para ter sempre alguém que “escolhia” persegui-lo. Certa vez, quando contava 14 anos, dois universitários pararam o carro ao lado da calçada e desceram para confrontá-lo. James estava com o irmão mais velho, menor e mais amigável na ocasião. Os garotos queriam forçar os dois meninos do ensino médio a beber um pouco de cerveja. Leonard educadamente recusou, mas James falou mais do que devia.

Um garoto segurou Leonard. O outro não parou até James sangrar na rua.

James Wilson sabia manter-se firme. Ele se preparou e pulou no mustangue. O cavalo resistiu. E resistiu. Girou, chutou e empinou na neve.

James se manteve firme. Cansou o cavalo com seu peso, sua força e a neve. O cavalo selvagem começou a transpirar um suor espumoso e o garoto continuou agarrado às suas costas. Por fim, o cavalo estava parado, o garoto estava parado e ambos estavam ofegantes e soltando vapor no frio. Depois de alguns momentos de repouso, James conduziu o cavalo adiante na direção da pista. Na saída de casa, ele pressionou o cavalo para trotar. Do trote, ele levou o cavalo a correr e se ergueu sobre os estribos. O cavalo domado galopou. O garoto riu. Então, o cavalo parou, travando as patas. O garoto voou.



Acelerando em uma ladeira, pressiono os freios e sinto o carro deslizar. Eu os pressiono de novo, apenas procurando controlar o ângulo. Apertando e virando, cruzamos vias ocultas, derrapando por 45, 75 metros. Sem necessidade de galopar. Meu coração desacelera quando desaceleramos. Ainda não estamos voando para fora da montanha.

Dirijo apenas pela fé agora. Mas, pensando bem, quando não o faço?

Nenhum desses flocos existe sem Deus. Essa tempestade de moléculas, de átomos, de matéria feita do nada por Aquele cujas palavras foram feitas carne, não tem mais ou menos de sua arte que um dia de outono com uma brisa gentil a agitar com lentidão folhas que caem através de raios de luz solar. Sua capacidade, benevolência e arte estão presentes nos dois casos. Mas os dois fenômenos mostram lados diferentes de sua natureza e alegria. Ele está aqui: fala, molda, conhece. Ele está aqui: bombeia meu sangue, estimula meu cérebro e mantém a existência dos tendões dos meus dedos. Ele se encontra na montanha e na tempestade, e está em qualquer lugar e em qualquer coisa.

Meus filhos, minha esposa e meu Criador estão todos dormindo neste barco.

Conheço a história. Não desejo cometer o mesmo erro dos discípulos. Como eles poderiam temer a tempestade se o próprio Cristo estava com eles no barco? Não era difícil. Pelo menos, não é para mim. Estou cometendo o erro deles. Sei que ele está aqui. Mas, com meu coração a pressionar dois bumbos na minha caixa torácica, não é tão fácil obter apoio por saber disso.



Troquei as fitas e ajustei a câmera. Sou o neto que colhe as folhas da vida do avô. Há muitas delas, tantas! Não consigo inserir todas elas em um livro ou capturar cada momento porque não posso voltar no tempo e preparar uma câmera para filmar meu avô durante os 95 anos de sua vida. Enquanto minha avó dorme, faço uma pergunta simples a Lawrence Greensides. Quando você sentiu mais medo? Em qualquer época. Não só nas guerras. No entanto, espero a história de Guadalcanal. Essa história é uma das razões pelas quais estou aqui, uma das folhas que quero capturar e guardar por gerações.

Meu avô precisa tomar um longo fôlego para achar a resposta. E uma mudança invade sua expressão quando a memória surge. A lembrança está encravada com mais profundidade que outras. Todo o seu corpo fica tenso. Ele respira lentamente, e expulsa a tensão.

Eleçou tubarões com uma enxada de jardim. No ensino médio, ele e seus amigos se esforçaram para sincronizar os carros com tanta precisão que conseguiam chegar a um cruzamento em velocidade e cruzar o mais perto possível do impacto. Eles repetiam até os para-choques roçarem de leve, soltando faíscas enquanto passavam.

Louco. Sem dúvida, um futuro piloto de combate.

São histórias como essa que me deixam curioso quanto ao que ativaria seu medo.

Não Guadalcanal. Não a fuga por pouco. E nem mesmo a seguinte, quando os fuzileiros estavam saindo da ilha e um homem disparou a rajada de uma .45 sobre a maca em que ele jazia com uma perna destruída, e ele foi largado ali e ouvia enquanto os disparos se aproximavam.

Coreia. Um bombardeio de longa distância. A artilharia antiaérea fora intensa. A missão, severa e mortal. Porém, o medo veio com o desamparo, não durante a missão, mas durante a volta. Ele voou dentro de uma tempestade.

Depois do combate no Pacífico Sul, depois de ver os fuzileiros destruírem corpos e mandá-los para valas, depois ver amigos caírem do céu, depois de assistir ao fogo antiaéreo atravessar suas asas e seu motor queimar, depois de pousar com um explosivo não detonado pendente da asa do próprio avião, seu maior medo adveio do *clima*.

Ele para de olhar para mim e conta a história: olha para a frente, com os instrumentos invisíveis, abre as mãos retas para representar as asas.

A tempestade o afetou de um jeito que nada mais fizera. Ele descreveu o voo entre paredes de ar como se fossem feitas de tijolos; teve o bico do avião jogado antes de todo o resto ser jogado para o lado. Ele balança no encosto de sua cadeira. Foi esmagado pelo ar, por cima, como um grande punho. Ele se move para a frente. Granizo como balas. Raio após raio atingindo seu avião. Seus instrumentos fuzilados, seu rádio inutilizado, navegação impossível. Eles foram destruídos e danificados até o ponto que ele estava certo de que as asas se partiriam ou o motor se soltaria. Eles caíam e foram arremessados. O manche sacudia em suas mãos enquanto os raios atingiam o avião e ele tinha certeza de que o granizo começaria a atravessar o vidro. Ele lutou para fazer o avião descer, tentando achar o solo e ficar abaixo da tempestade. Contudo, o solo era o oceano e eles foram despedaçados na tempestade por tempo suficiente para acabar o combustível. Ele continuou a voar baixo, pronto para descer na água quando os tanques estivessem vazios. Encontrou um rochedo isolado, saindo do mar, e começou a circulá-lo para que a tripulação tivesse a chance, pelo menos, de sair da água após a queda.

Então, o rádio zumbiu. A base o alcançara. Ele recebeu coordenadas e deixou a rocha para trás, subindo de volta à tempestade.

Ele chegou à base, mas perdeu os motores na descida. Ele pousou um B-17 que planava com os tanques vazios.



Quanto a mim, dirijo na neve. Subo o que espero ser um pico final antes de descer no Oregon.

Enquanto dirijo, mudo o diálogo com meu Criador. Não peço mais por segurança, atenção, sabedoria e tempo de reação ninja. Mudo para gratidão. Gratidão pelas pessoas atrás com os sonhos e a vida dependentes de mim. Agradeço a Deus por todas as vezes que fui mantido a salvo sem nem sequer saber. Pelas vezes em que minha esposa esteve a salvo, e meus pais e os pais dela. Por essa neve. Pela luz. Por tempestades. Pelo medo e pelo foco que ele traz.

Quando a neve voa nos faróis como estrelas com toda a velocidade, quando ficamos perto de um perigo que não conseguimos controlar e sentimos seu hálito quente no pescoço, quando o vapor sai de seus lados e não podemos fazer nada além de se segurar no mustangue selvagem, não estamos mais ou menos nas mãos de Deus do que já estivemos algum dia.

Quantos carros você já ultrapassou na estrada? Quantos faróis já passaram por você indo na direção oposta? Milhões. Quantas fatalidades em potencial existem cada vez que você pega o carro? Centenas (mesmo nas viagens curtas). Nós pintamos uma linha (às vezes) e concordamos em ficar de lados opostos enquanto andamos por aí em toneladas de metal movida por explosões. Voamos pelo céu amarrados a turbinas que gritam de poder e esperamos navegar com segurança no ar.

Vivemos em uma bola de rocha derretida lançada pelo espaço, invisivelmente atada a uma esfera gigante de fogo. Ela é conduzida por quem?

Quantos supervulcões nos aniquilaram? Nenhum. Quantos terremotos nos mataram? Eu ainda estou aqui. E você? Quantos poderiam?

Enquanto a terra vocifera pelo espaço, equilibrada no limite entre todos serem queimados vivos e congelados, enquanto gritamos em meio às pistas de obstáculos mortais de chuvas de meteoros e as consideramos pitorescas, enquanto a estrela ardente mais próxima vomita erupções centenas de vezes maiores que nosso pequeno planeta (concedendo ao homem do tempo local luzes boreais para seu falatório), enquanto uma gigante rocha reflexiva desliza em torno de nós derramando os mares (sem jamais cair), e enquanto dirigimos nossas máquinas, passando por idiotas, bêbados e adolescentes no celular, quantas vezes agradecemos a Deus? Encontramo-nos sempre nas mãos dele, mas sempre sentimos como se estivéssemos nas nossas. Nós não conseguimos agradecê-lo por todo o fôlego e todas as batidas do coração, mas podemos

agradecer a ele todos os dias por não nos esmagar com a lua ou nos deixar cair no sol.

Quando um bêbado destrói uma família, uma mãe, um amigo; quando uma história termina, aí nós acordamos. Então, nos voltamos para Deus com expressões confusas, querendo saber por que ele estava dormindo no barco.

Ele nos trouxe aqui do nada; terá permissão de nos conduzir a uma saída? Seu próprio Filho morreu jovem; vocês acham que ele não entende? Moisés não viu a terra prometida. Sansão morreu cego nos destroços. Estêvão pereceu sob pedras. Paulo foi decapitado. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Em uma cama, no campo de batalha ou no asfalto com vidro quebrado embaixo de uma luz a piscar, somos histórias de Deus prestes a chegar ao fim. De quantos embriagados ele poupou você? Seja agradecido antes de pedir para ser poupado de outro. Quanto fôlego você já tomou? Quantos ventos de inverno enrijeceram sua pele? Quantos Natais você viu? Quantas vezes o céu rodopiou com glória sobre sua cabeça como uma bênção?

Veja. Escute-o. Agradeça. Peça mais.

Procure momentos da sua história pelos quais pode ser grato.

Na minha, dois estranhos mudaram tudo. Mais que dois. Muito, muito mais. Mas, dois deles representam bem os outros.

Senhorita Smith, primeiro nome desconhecido.

James Wilson teve escarlatina quando pequeno. A família ficou de quarentena; quando ele ficou bem de novo, não havia se recuperado de forma total. Ele não começou a falar até tarde e lembra-se de chorar quando seu irmão mais velho o enfiou em uma sala de jardim de infância e fechou a porta. Ele tirava notas abaixo da média com frequência e, pouco tempo depois, estava quatro anos atrás de um irmão mais velho que era apenas dois anos mais velho. James contava 10 anos e estava se tornando um brutamontes, com um tamanho que combinava com seu fracasso acadêmico.

A srta. Smith tinha 18 anos. Eu queria ter uma foto. Ela era uma garota que não frequentou a faculdade, enviada a uma escola rural de uma sala nos milhares de Nebraska, 8 quilômetros da cidade mais próxima. Quando ela olhou para James, viu raiva, vergonha e um caminho mais fácil para aquele garoto. Sendo a alma da pequena escola, ela se encontrou com James, ouviu sua frustração e conseguiu conhecê-lo bem. Como ele poderia ser incentivado? Ele estava furioso, envergonhado e sem esperança.

Ela lhe disse que nada se interporia entre ele e suas notas. Ela prometeu que lhe ensinaria tão rápido quanto ele pudesse aprender e ela era tão boa quanto sua promessa. Ela trabalhou com ele até que entrasse no ritmo. E, quando a família mudou para Omaha, graças à srta. Smith, James não foi barrado; graças à srta. Smith, ele foi capaz de continuar no ensino médio enquanto gerenciava a fazenda e trabalhava durante noites no curral.

Eu devo minha vida à srta. Smith. (A quem você deve a sua?)

Graças a ela, James se tornou ativo em sentido acadêmico, estudava e fazia exames ao ser alistado na marinha para conseguir uma patente mais alta; fez provas para uma escola preparatória para a Academia Naval da frota, e esteve entre a fração de alunos dessa escola nomeados para a Academia.

Já oficial, ele navegou para o Japão... e para minha avó.

Um garoto derrotado de 10 anos de idade encontrava-se em uma encruzilhada narrativa em uma escola rural. Uma garota de 18 anos o encontrou ali. Ela o acolheu. Ela o incentivou. Eu existo, mas nem mesmo sei o primeiro nome dela.



Eu já ouvi o bastante sobre o clima. Troquei as fitas da câmera. Eu quero a história de Guadalcanal.

Lawrence Greensides sentou-se no capô de um jipe lotado, correndo para sair da pista de pouso antes de as bombas chegarem ao solo. Eles perderam a corrida. Não sei quantos homens sobreviveram, mas eu sei que meu avô voou quando o jipe se dirigiu diretamente para o impacto.

Ele acordou a centenas de metros na parte errada da ilha, atrás de um tronco. Abaixo do joelho, sua perna tinha sido despedaçada e atingida por um estilhaço.

Alguém o carregara.

Agradeço a Deus por quem o fez. Que Deus possa abençoá-lo mesmo agora.

As bombas ainda explodiam. As palmeiras saltavam pelo céu em tempestades de fogo e terra. Lawrence rastejou até uma trincheira visível. Ele estava bem longe de todos os rapazes da força aérea. Encontrava-se com os fuzileiros.

No buraco, ele conseguiu se virar e apoiar as costas contra a parede de terra. Outra bomba próxima balançou o solo do lado de fora. Um estilhaço de metal sibilou dentro do buraco como uma estrela ninja e o atingiu direto no peito. Atingiu-o exatamente no zíper do traje de voo e caiu em sua barriga, brilhando e fumegando. Ele o arrancou dali com rapidez e o pânico começou. Ele estava no lugar errado e sabia disso. Precisava se mexer de imediato. Um fuzileiro colocou sua cabeça no buraco e meu avô pediu que ele o tirasse dali. Mais fuzileiros. Eles não queriam movê-lo. Mas, o fizeram. Tiraram-no e o colocaram no banco de trás de outro jipe e correram para a pista de pouso.

O último avião do esquadrão de Lawrence taxiava para decolar. Os fuzileiros que estavam no jipe desviaram de crateras e correram até o avião. Eles jogaram um oficial da força aérea ferido na traseira.

Não sei o nome deles. Nem sei se eles sequer saíram da ilha. As histórias deles prosseguiram naquele vale da sombra da morte.

Há veteranos que gostam de uma pequena rivalidade entre os diferentes ramos militares. Ao longo de toda a minha vida, no entanto, ouvi meu

antepassado da força aérea falar sobre os fuzileiros como se eles fossem ouro puro. Porque eles eram.

Em outra ilha, a perna do meu avô foi tratada com o pior da medicina de guerra. Colocaram gesso diretamente sobre sua pele (setenta anos depois, ele ainda não tem pelos nessa perna); ela começou a gangrenar, e ele foi ignorado. Sua perna estava literalmente apodrecendo dentro do gesso pendurado no teto, saindo um fluido dela. Ele enfiava uma vareta no gesso para castigar a terrível coceira, e carne acompanhava a vareta. Morriam homens aos milhares. Todas as ilhas estavam ameaçadas. Ele era um homem com feridas de estilhaço, embalado com infecção. Nada digno de ser salvo.

Até que um médico do Brooklyn o encontrou. Naquele caos de feridas e tumulto mortal, um homem levou aquela perna para o lado pessoal. Ele retirou o gesso (junto com os pelos e grande parte da perna); ele declarou guerra ao fedor e à putrefação e conteve as serras de amputação. Não contente em salvar a vida do meu avô, também lhe salvou a perna. Foi ele quem entrou no quarto cheio de desespero com uma risada, um baralho de cartas e confiança. Repetidas vezes.

Depois da guerra, Lawrence Greensides procurou por ele. Grato, tentou encontrá-lo de todas as formas possíveis. Mais de sete décadas depois, ele ainda tentava. Nada. Era como se o homem, naquele momento, nunca tivesse existido. Mas ele existiu. E o que ele fez naquele período durará para sempre.

Olhará o Rei para os que estiverem à sua direita. Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo:

Porque eu fui um garoto, confinado pela dificuldade e sedento para aprender, e vós me ensinastes e me destes de beber. Fui estrangeiro, estive fraturado e sangrava, e me carregastes. Estava doente e morrendo, e me visitastes com cartas, risos e cuidastes de mim.

Então a srta. Smith, os fuzileiros anônimos e o médico anônimo dirão: Senhor, quando foi que te vimos ignorante e te ensinamos, ou fraturado e te carregamos, ou à beira da morte e cuidamos de ti?

O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

É uma ideia gloriosa e aterradora. Nós interferimos em muitas histórias. Também muitas das nossas histórias sofrem interferências. Srta. Smith nunca viu o final do que ela iniciou. Os fuzileiros nunca souberam o que aconteceu com o piloto ensanguentado que eles carregaram até a fuga no último avião. O médico salvou um homem e uma perna sem ler o restante do livro. Ele pode ter sido morto. Ele pode ter simplesmente passado para o homem seguinte e para outra perna.

Todavia, o que eles fizeram, fizeram para o Rei (por terem feito a seus irmãos). E eles fizeram a diferença com isso, moldando vidas e gerações de

maneiras que não podem ser desfeitas.

Um garoto de 10 anos. Uma garota insegura. Um solitário. Alguém com sede. Alguém com fome ou sede. Vidas, gerações e histórias estão por aí para fazermos a diferença. Você tem mãos e palavras. Você tem algo. Faça a diferença. Toque o menor deles.



A carga composta por seis dorminhocos que levo ao descer a montanha está além da compreensão. Deus colocou a eternidade no coração de cada um deles — nós temos um senso de grandeza — mas ninguém pode ver tudo o que ele faz do início ao fim. As cinco jovens almas mais próximas de mim são as primeiras que toco: são irmãos e irmãs de um Rei. Ele os estima muito mais do que eu poderia fazer, mesmo com minha maior boa vontade. Ele os moldou a partir do nada. Chamou-os aqui e os encarregou de ter-me como pai. Ele pulsa no coração de cada um deles e seu fôlego lhes infla os pulmões; conhece o princípio e o fim de todos eles. Sabe quantas outras almas trará desses cinco nos séculos porvir como sabe quantos flocos de neve lançou contra mim na montanha. Todos nós somos flocos, lançados com maestria entrelaçada.

O que eu faço a cada um deles, terei feito também a ele.

Um doce alívio dissipa minha adrenalina como um chuveiro quente quando paramos sob a neve, quando carrego meus filhos para o pequeno quarto frio do motel, decorado com o hálito de milhares de fumantes, enquanto arranco cobertores e enfio as crianças nos lados da cama como pães de cachorro quente em um saco. O mais novo está empacotado em um berço desgastado. Sem saber, todos eles têm mãos impostas sobre a cabeça e recebem orações paternais.

Eles passaram por uma tempestade que nunca verão. Como eu.

Fomos carregados por fuzileiros enquanto bombas caíam. Uma jovem nos ergueu a cabeça em um milharal. Fomos curados por um homem a quem nunca poderemos conhecer e agradecer.

Entretanto, nós podemos agradecer Àquele que os enviou.



ONZE

Olhando para trás: 3

O James Wilson de 9 anos acordava aos domingos pela manhã e penteava o cabelo, lavava o rosto, colocava a melhor roupa e caminhava pela estrada rural de Nebraska em direção a uma pequena igreja luterana (nas suas palavras: “Morta, morta, morta”).

O resto da família dormia.

Todos eles iam à igreja enquanto ficaram com a família em Seattle, e todos se beneficiaram. James, porém, era o único que tentava se prender ao que sentira naquela igreja, ao que cheirara nos sermões e nos cânticos, ao que ele quase começara a ver.

Não durou muito. Ele foi para a igreja cansado, sozinho e não aprendeu nada (de que se lembre). Assim, desistiu.

Ele lutou e batalhou durante os ensinamentos fundamental e médio. Por dois anos, ele trabalhou em armazéns com outros vaqueiros adolescentes em tempos de guerra, onde carregavam 22 mil cabeças de gado em trens todos os dias após as aulas. Assim, aos 17 anos, James Wilson entrou em um escritório de recrutamento da marinha e se alistou.

Isso ocorreu em 8 de maio de 1945. Naquele dia, a Alemanha se rendeu.

Ele ainda se sentia estúpido, embora a srta. Smith o tivesse acompanhado na escola anos atrás. Quando ele estudava, sentia-se a enganar as pessoas. Ele havia aprendido as estrelas e a tabela periódica para “ludibriar” os professores de ciência do ensino médio. Na frota, entrou como marinheiro de primeira classe porque conseguiu enganar um exame de admissão (“só Física básica,

equipamentos e coisas de circuito”). A partir dali, ele se inscreveu para deixar a frota e entrar em uma escola preparatória para a Academia Naval. Ele “enganou” uma banca de oficiais para aceitá-lo e se tornou um dos novos 1200 marinheiros. Pode ter se achado burro, mas toda essa “enganação” também o fez se sentir mais esperto que todos. Ele era grande, forte, competitivo e inseguro. Não tinha amigos, e tentava se convencer de que isso ocorria por ser melhor que todo o mundo em tudo.

Então, ele recebeu uma carta. Era endereçada a James Wilson; assim, abriu e a leu.

Não era para ele. Ela estava repleta de versículos bíblicos — o que achou embaraçoso. Devolveu-a ao remetente.

E, então, outro James Wilson bateu à sua porta. Esse James Wilson era alto, magro, atlético, educado, próspero e, na verdade, era melhor que todos em tudo. Mas, todos gostavam dele mesmo assim. Ele também havia recebido correspondências que não lhe pertenciam.

Os dois James tornaram-se amigos. Mais ou menos. Um deles era confiante e despreocupado, o outro era inseguro, nervoso, irritável e constantemente se comparava e lutava para encontrar alguma área em que pudesse se sentir um ser superior. Ele focou nas estrelas — afinal, ele já as utilizara com eficácia antes.

Uma noite, caminhando entre prédios, um James olhou para o céu e cutucou o outro James. Ele começou a listar as estrelas, sentindo-se maior e melhor sobre si, como fazia.

O outro James não ligava. Ele fez uma pergunta.

— Você vai para o céu?

Meu avô debochou. Se ele não fosse, ninguém mais iria. Ele entendeu que era tão bom quanto as outras pessoas. Então, gargalhou, dando risadas que magoariam. Seu amigo imperturbado o avaliou com honestidade. Ele lhe contou a verdade. Sobre tudo.

E a graça veio.

Fora daquela pequena escola, um James foi para a Columbia University. O outro arrumou as malas para a Academia Naval. Eles não eram mais amigos, e sim irmãos.

A fé do meu avô cresceu na Academia e, na época em que era um oficial no destróier USS Brush, o primeiro de sua classe a navegar para a Guerra da Coreia, ele era “o mais crente” de todos. O que significava, em um navio de marinheiros dados à embriaguez, jogos e prostituição (sem querer ser redundante), que ele não se incomodava mais com as risadas. Ele estava a caminho de ser o evangelista e pastor que se tornaria.

Então, Deus lhe deu outra história.

James Wilson estava na sala da artilharia, posicionado abaixo dos conveses com seu dedo no único gatilho que disparava todas as armas do destróier. Por

um tempo, recém-convertido e ingênuo, ele havia se tornado pacifista. Não mais. Agora, seu dedo lançaria o trovão.

O Brush estava em posto de batalha, cada homem preso à sua posição até o fim do conflito. Nenhum homem, sob qualquer circunstância, deveria deixar o posto. Fazer isso seria considerado deserção.

Então, o oficial de artilharia do USS Brush convocou o tenente James Wilson à sala de observação acima da ponte. Meu avô recusou. Em posições de batalha, essas convocações eram uma distração. O oficial superior não aceitou isso bem. Ordenou que James subisse e ele se recusou de novo. Por fim, a autoridade irritada o suficiente compeliu James a deixar o posto. Ele puxou um homem, empurrou-o para sua cadeira, lhe deu um fone e subiu rapidamente para cima dos conveses, passou a ponte e entrou na sala de observação.

James se apresentou ao oficial de artilharia e perguntou porque ele era necessário. O homem não tinha ideia. James virou para sair, mas foi impedido. Ele pediu permissão para voltar a seu posto, mas seu superior o proibiu. Tenente James Wilson deveria permanecer até nova ordem.

De imediato, o USS Brush atingiu uma mina. O impacto foi na sala de artilharia. Fogo. Fumaça. Um navio afundando. Corpos.

Quando eu era jovem, meu avô descrevia para mim o que aconteceu quando ele foi dispensado. Desceu correndo pela escada de metal e se apressou até a comporta onde marinheiros estavam retirando corpos. E, naquele momento, todos os olhos se voltaram para ele.

No começo, ele era um fantasma. Nenhum homem jamais deixava o posto de combate. Seu corpo carbonizado já havia sido retirado. Mas, ali estava ele. Vivo, perdoado, reservado para outro propósito.

Enquanto o navio tentava alcançar o porto sem muita esperança, na corrida contra o dilúvio marítimo em seu casco, com as bombas acionadas; quando teve início a listagem dos membros da tripulação que haviam morrido, a história de James Wilson se espalhou.

Ele fora atraído para a segurança. Em um pressentimento. Sem nenhum motivo.

E James descobriu que ele não estava ali para lutar. Encontrava-se ali para pescar.

Ele começou a pregar. E ainda não parou.

O fogo do evangelho queimou mais rápido que a água invasora, e um destróier estropiado com uma tripulação muito diferente conseguiu atracar.

Em algum lugar, há um marinheiro que morreu por mim.



DOZE

Hiato urbano: Londres

Já estive aqui antes, mas nunca sozinho. Não estou certo do motivo de me encontrar aqui neste momento. Vou aonde fui enviado, onde a equipe com câmeras talvez precise que eu pare, sorria e fale. Minha mulher me meteu nisso, mas eu a deixei com nossa alegria mais jovem, com apenas 6 dias de vida. Gostaria de estar em casa, mas não estou. Estou aqui e ainda não estamos filmando. Talvez a qualquer momento.

Isso explica por que perambulo pela cidade em vez de pegar um ônibus para Oxford, onde minha irmã e sua família vivem em um chalé de pedra no fim de uma pequena estrada que cruza um riacho pitoresco com apetite por bicicletas roubadas. Tenho sobrinhos e sobrinhas lá. Eu poderia estar sentado na cozinha ou na sala de estar, bebendo café americano e olhando pela janela para vacas a pastar na faixa saliente que marca a estrada romana enterrada. Poderia estar com minha irmã ou detectando metal com os filhos dela. Poderia estar com meu cunhado na mais gloriosa coleção de livros raros que já imaginei ver, cheirar e percorrer. Da última vez, perguntei pela primeira edição de *A rainha das fadas*, de Spenser. Eles a deram para mim — um livro duas vezes mais velho que meu país e repleto de anotações e notas marginais traçadas à pena. Eu precisava disso, sabe? Pesquisa para um livro infantil.

Não desta vez. Estou por conta própria, em Londres quase por acidente, e sem humor para ver os pontos turísticos (embora eu pudesse ir a alguns lugares).

Estou repetindo a história na minha cabeça enquanto caminho pelas ruas, e

encontro terríveis lacunas na minha memória. Tento separar e ver as camadas na vida incrível dessa cidade. Paganismo da mais profunda e sombria estirpe. Os romanos, suas estradas e seus esgotos. Os primeiros construtores de pontes e seus sacrifícios humanos. Pular, pular, o Império. Atravessando essa falha com minha colônia indócil. A aglomeração industrial. O nevoeiro que não era nevoeiro na verdade, mas o constante arroteio assassino de pulmões das chaminés. As hipocrisias religiosas. As hipocrisias dickensianas. O poder e a perda do poder. Uma geração perdida e então outra. Bombas nazistas.

Esta é uma cidade onde escavar é perigoso. Túmulos vikings, túmulos saxões, túmulos romanos e túmulos normandos podem arruinar a adega dos sonhos de alguém. Contudo, mesmo que eu pensasse na cidade em termos dos mortos, do passado, ela ainda *está* viva. Ela ainda está abarrotada de vivos.

Desço em uma estação de metrô de azulejos brancos e assisto a um imigrante bater seus ritmos em um balde. Ando neste trem do submundo lotado e me ergo para a luz nas longas escadas-rolantes. Emerjo e observo ônibus vermelhos lotados de turistas que estão aqui para ver os letreiros brilhantes agora montados na lápide que marca o túmulo da antiga Londres, e onde Londres toca ainda mais da história do mundo que os americanos sabem. Tratamos Londres como se ela toda fosse um museu, como se fosse a madeira morta da árvore de onde brotamos. Sento-me próximo à bonitinha estátua de bronze de Eros e penso sobre os mortos, os vivos, os copos de cerveja e os pastéis britânicos de carne, sobre tudo o que essa cidade viu, e me pergunto quanto mais ela verá. Muito jaz enterrado aqui. E onde muito está enterrado, muito crescerá. Há eras ainda por escrever sobre este lugar. Em quatrocentos anos, existirão ônibus vermelhos? Haverá um país chamado EUA de onde procederão cidadãos para ficar confusos com essa cidade repleta de história? À distância, espiando o passado por meio da ignorância, eles se perguntarão se Henrique VIII antecedeu ou sucedeu Vitória... Haverá ainda novos apogeus para sempre comparados com os antigos?

Londres morreu antes e Londres tem sido ressuscitada. E Londres morreu.

Um casal japonês se aproxima de mim, estendendo sorrisos largos, acenos e uma câmera. Eles ficam em frente ao demônio querubínico, Eros, amando um ao outro. Mostrando-me seu amor para que eu possa capturá-lo e o armazenar de modo digital em um arquivo que imita a maneira que a luz estelar brilhante (do sol) emana deles nesse momento. Para que eles possam se lembrar.

Eu quero. E sei que a história deles regride tanto quanto a dessa cidade, de volta ao princípio, de volta a quando as primeiras palavras tornaram-se a primeira luz. Eu lhes entrego sua memória e sorrio. Eles partem, conduzindo sua história adiante, caminhando em uma trilha que pode durar um dia e pode durar milênios, uma trilha que pode superar cidades.

A noite cai, mas a pequena equipe de filmagem que me trouxe aqui não fez nenhuma filmagem. Conduzo minha história de volta a um hotel, sem pensar

nas oportunidades perdidas, sem desejar ter estado em outro lugar. Estive aqui. Recebi cenas e deveria vivê-las bem. Meu colarinho está para cima e as mãos frias se fecham nos bolsos.

Eu deveria dormir em um quarto de hotel quente com vista para a cidade. Contudo, sou do outro lado do planeta, onde o sol está de pé e minha esposa segura meu filho. O relógio marcha e marcha e minha mente marcha com ele, saboreando esse estranho dia inesperado. Não consigo dormir. Testo minha janela e descubro que ela abre. Um parapeito grande me aguarda do lado de fora e escapo para ele, pressionando minhas costas contra a pedra e abraço meus pés. O tijolo treme quando um trem do submundo quase audível passa sob nós. A cidade se estende para longe de mim, de forma absolutamente diferente de um paciente eterizado em uma mesa. É uma ruína e um cemitério. E não é nenhum dos dois. Guindastes de construção bem iluminados e milhões de almas brotam da história adubada, e todos eles guiam essa história adiante.

Sentado no parapeito, pego meu telefone e lanço minha voz ao redor do mundo até minha mulher. Envio a ela um poema.

Londres

Trens sepultados fazem minhas pedras tremer
correndo de túmulo a túmulo.

Romanos, saxões e normandos,
todos decompostos e profundamente trancados,
têm se acostumado com o expresso,
com essa invasão de manadas
e hordas vivas.

Os mortos me guiam a Picadilly
por trás de azulejos brancos
e sob esse homem
tocando seu balde.

Escadas de Lázaro
carregam-me para a ressurreição,
para um deus de bronze em sua fonte,
e os deveres dos vivos.

Então, sorrio, aceno e fotografo
os japoneses ansiosos.



TREZE

Regras para mortais

Dica: há duas.

A longa sala de estar com as paredes de gesso rachado nunca mudaram. As cadeiras foram movidas aqui e ali, os antigos sofás que meu avô usava para virar de cabeça para baixo e amontoá-los como fortes se foram há muito. O resto era idêntico.

O carpete castanho dourado está há mais tempo nesse chão do que tenho de vida. Conheço a sensação dele sob um pé com meias; conheço sua textura sob minhas mãos e contra meu queixo. Eu dormia nele ao lado da antiga lareira todas as vésperas de Ano Novo.

As fotos no piano e no topo da lareira são as mesmas (embora outras, mais novas, tenham se unido à coleção). A escada curva e acarpetada para o sótão é idêntica à do período em que morei no sótão, depois do incêndio de nossa casa, e tenho memórias mais antigas dela também — memórias de um garoto pequeno que pulava de degraus cada vez mais altos enquanto minha avó se preocupava e o meu avô ria.

Assisti aos primeiros movimento da Operação Tempestade no Deserto naquela televisão. Eu me encaixava por horas ao lado da minha avó, assistindo *Jeopardy*.¹ Li até alguns romances cristãos arrancados dela nas pilhas na escada superior do sótão.

O sótão ainda cheira a pinheiro e poeira, e a chaminé de tijolos ainda o esquenta como um forno.

Eu vivi nessa casa. Eu a amava. Mas amava bem mais o que ela guardava.

Minha espirituosa avó em um avental, mãos de borracha amarela no lava-louças. Meu avô sempre sussurrando e cantando hinos. Um pote de biscoitos verde rachado, quase sempre cheio de barrinhas de figos. A lealdade da minha avó canadense à rainha.

Em um dia de outono, comi bisteca de porco e maçãs cozidas, e foi uma revelação.

Escalei as baixas e dispersas macieiras no quintal, bati no saco de pancadas no pequeno galpão danificado, engoli ameixas e assisti meu avô satisfazer um anseio nebrasquense em sua alma ao plantar pequenas fileiras de milho.

Trouxe minha futura esposa aqui para conhecer meus antepassados e receber seu amor transbordante. Minha avó resplandeceu, olhos brilhando, lábios franzido: — Oh, ela é adorável.

Eu me abaixo para um abraço, e recebo um beijo e uma ordem sussurrada de segurar essa adorável garota com seus olhos azuis e cabelo indomável.

Trouxe meu primeiro filho a essa sala de estar para sentar-se aos pés da nossa Senhora Sabedoria, e, em vez disso, ele roubou o andador, cambaleando para trás dele em seu macacão confortável. Trouxe minha primeira filha para se sentar com a bisavó nesse sofá e receber beijos, admiração e elogios sobre seus cachos, seus grandes olhos e cílios longos.

Nessa casa, minha avó foi rebatizada pelas criancinhas Wilson.

Uma garota do prado canadense que perdeu os irmãos na guerra, que era órfã quando encontrou seu Pai em uma tenda, que fora para o Japão depois da guerra, armada com o evangelho e perdão, que encontrou um oficial naval alto e jovem e que fizera o possível para desestimulá-lo — essa garota envelheceu enquanto vivia e se sentava nessa sala; as décadas fugiam de sua memória enquanto ela olhava os filhos de seu neto, e ela começou a cantar. Cantava a mesma música toda vez que meus filhos apareciam.

A canção era japonesa. Era sobre pequenos paraísos:

Chíchippa chípappa

Suzume no gakkō no sensei wa

Muchi o furifuri chípappa

Chíchippa chípappa.

Ela tornou-se vovó Chi-chi-pa.

Ela não está no sofá agora, assistindo *Jeopardy*. Ela não está com metade dos braços enfiados na lava-louças ou fazendo chá ou enchendo o pote de biscoito.

Ela não está no quarto dos fundos, perdida em sono profundo.

Há pouco tempo, ela conheceu nossa filha mais nova. Marisol — nosso pequeno mar ensolarado. Minha avó segurou minha filha. Ela estava com medo, mas não lhe dei escolha e apoiei seus braços.

Desta vez, levo cinco crianças de volta para onde meu avô mantém sua guarda constante — onde ele canta para essa dorminhoca, onde ele leu para ela

o Novo Testamento (duas vezes) enquanto ela pegava no sono, aonde ele a ouvia falar com pessoas que ele não podia ver.

Sua face está mudada, suave e tensa. Ela respira com dificuldade e regularidade, como uma mulher em uma corrida. Isso ocorre porque ela está. Ela se encontra na reta final, aproximando-se da linha enquanto estamos na arquibancada.

O medo foi forte no início, mas seu marido e outros que só ela pôde ver estavam presentes. Seu irmão Jack? Doty, sua amiga mais querida? Eu não poderia dizer o que uma filha fiel pode ou não pode ver enquanto se aproxima do fim, mas não sou incrédulo. Este mundo é mais que uma tempestade sem sentido de matéria sem sentido. Somos tão criaturas após a morte como somos antes — porque não receberíamos tarefas? Por que seríamos afastados da colheita de almas amadas?

Deus é um Deus de galáxias, tempestades, mares turbulentos, mas ele também é o Deus do partir do pão, do sorriso de uma criança, dos grãos de poeira ao sol. Ele é quem ele é, e sempre será. Olhe a seu redor agora. Ele fala sempre e em todos os lugares. Sua personalidade pode ser vista, conhecida e é confiável. O sol libera chamas enquanto as montanhas raspam nosso céu e formigas ordenham pulgões em suas folhas coloniais, golfinhos riem enquanto surfam, o trigo se agita, o vento sopra forte e um garoto olha nos olhos de uma garota, e os mortais morrem.

O Deus que contemplou você com alegria quando era pequeno e corria ao longo da grama verde (presente dele), sob seus pés (presente dele), sob o céu (presente dele), observado por uma mãe (presente dele) com amor (presente dele) em seus olhos (presente dele) é o mesmo que Deus que contemplará você enquanto a corrida chega ao fim. Ele é o mesmo, mas nós mudamos, entre a partida e a chegada.

Não conseguimos observar todos os momentos de nossa própria história, quanto mais a da história de qualquer outro ser mortal. Nenhum de nós têm o conhecimento em primeira mão dos primeiros anos de existência — o que pensamos saber é aceito pela fé.

Contudo, Deus esteve presente todos os segundos. Ele elaborou cada passo, gesto e fôlego de cada ser mortal com quem você cruzou, cada motorista em cada estrada que já passou por você à noite, de cada criança a espernear em todos os *shoppings*. E ele estará lá quando chegarmos ao fim.

Quando nosso tempo chegar, Deus será tão bom, generoso, estridente e hábil quanto sempre foi e será.

Somos mortais. Somos sementes crescidas e endurecidas para o plantio, preparadas para o solo e para a gloriosa colheita da Páscoa posterior. O primeiro ceifador é um inimigo: rasga a alma e a carne e, oh, como fugimos dele, como seguramos a respiração e nos encolhemos sob portas trancadas em nossa escuridão mortal. Mas, quando nosso Irmão pegar a foice, haverá

estrondo e sol e suor misturado com riso. Então, nós imploraremos para não sermos poupados.

Somos mortais. Deveríamos saber nosso papel.

Somos personagens — falados e moldados até o ritmo dos elétrons do fungo no dedo do nosso pé. Mas, também somos ativos. Fomos moldados à imagem do Moldador.

Somos criadores.

Olhe ao redor. Você pode ver o tempo fluir através de si? Você consegue ver o futuro irromper à sua volta, tornando-se passado?

O que chamamos *agora* existe? Há realmente o presente, um momento vazio em que o futuro e o passado não existem? Você consegue encontrar as bordas da sombra de um carro em movimento? Claro. Apenas me diga quando e pausarei o filme. O problema é *quando* o carro está em movimento.

Verdade: somos o presente. Somos agora. Somos o fio da navalha da história. O futuro voa até nós e, desse borrão escuro, moldamos o passado.

E o passado é eterno.

Somos autores e escrevemos cada segundo de cada dia. Uma criança corta um sofá com a tesoura, e essa ação é para sempre. Não pode ser desfeita. Mas agora é a sua vez. O que você diz e o que faz em resposta será feito para sempre, sem jamais ser editado, modificado ou questionado.

Se a vida é uma corrida (e é), então é uma corrida pelo concreto molhado.

Se a vida é uma história (e é), então essa história são os respingos acumulados de nossas trilhas.

Escreva um romance em tempo real, sem olhar para trás por sobre o ombro. Molde crianças em tempo real, sem olhar para trás. Isso é assustador.

É claro que tentamos editar. Lançamos mentiras e mentiras de que deu um branco. Sempre explicamos e tentando refazer nossas ações com uma “iluminação melhor”. Você não viu a criança recortar meu sofá? Deus queria que eu gritasse, fizesse cara feia e segurasse o pequeno pulso com muito mais força que o necessário. Justiça. Retidão.

Hã?

Somos mortais engajados na criação em alta velocidade. Talvez algumas diretrizes fossem úteis. Meu reino por algumas regras.

Perdoa-nos as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores [Mt 6.12].

%^&**!

“Sério?” Nós deveríamos orar essa frase? Quem entre nós pode realmente fazer esse pedido a Deus sem os joelhos cederem? Você está pronto para pedir que Deus lide com você tão graciosamente quanto você lida com os outros?

Mas ela mentiu muito sobre mim.

Mas ele fica roubando a minha comida.

Mas...

Mas...

Sim. Você foi injustiçado. Agora, mostre a Deus como você gostaria que ele o tratasse quando você está errado.

Regra n.º 1 para mortais: Ame o Senhor seu Deus (com cada uma de suas partes) [Dt 6.5].

Regra n.º 2 para mortais: Ame o próximo como a si mesmo [Lv 19.18].

Dica n.º 1 para mortais: Peça a Deus para desmascarar seus blefes.

Viver significa decidir. Viver significa escrever cada palavra, ação, pensamento e baba *para sempre*. Significa escrever sua existência na história. Significa ser horrível nisso. Significa errar e saber que, de alguma forma, todas as suas burrices ainda contribuirão, que o Deus criativo apenas se entregou a um desafio maior — obter glória de nossos desajeitados remendos do passado. Somos operários de fábrica em uma comédia pastelão, em nossas posições por trás de uma correia transportadora rápida demais que atira contra nós o futuro e todas as nossas possíveis ações. Xarope de milho e corante alimentício por toda a parte (junto com queijo e figuras de cerâmica).

Faça o melhor. Viva. Crie. Erre.

Quantos ladrões podemos colocar nessa cruz?

Quantos de nós podem estar mortos no túmulo de Lázaro?

Há espaço para mais ossos secos nesse vale. Porque eu poderia dar uma deitada.

Eu posso reclamar em um deserto.

Ou talvez negar Cristo três vezes?

Ressentir-se do justo?

Mandar as crianças fazerem silêncio?

Deixar de dar figos?

Pânico em uma tempestade?

Esquecer-me da lei de Deus?

Seguir meus desejos?

Vender meu Criador?

Enforcar-me em um campo?

Fico feliz em ajudar.

E, a partir de tudo isso, do composto de nossos esforços, Deus tira sua glória — um mundo de grãos maduros ao vento.

Por sua graça, somos a água transformada em vinho. Somos o pó tornado carne, tornada pó, tornado carne de novo. Somos as prostitutas transformadas em noivas, e ladrões transformados em santos e os assassinos transformados em apóstolos. Somos os mortos que se tornaram vivos.

Nós somos a cruz dele.



Enquanto meu avô observa, levanto cada um dos meus filhos para beijar

sua Chi-chi-pa. Sua respiração rápida não diminui. Minha vez vem e sua cabeça está quente ao meu toque — quente com esforço.

No entanto, isso não é doença. Não há enfermidade aqui.

É assim que os vivos são.

Quando termina.

Nós cantaremos em uma colina, ao lado de uma caixa, acima de um buraco.

Em poucos dias, me pedirão para ficar de pé em um santuário e dispersar palavras sobre essa vida. Junto com outros netos, olharei para os mortais restantes e usarei meus dois minutos alocados para honrar a mãe do meu pai o melhor que puder. Dois minutos ou dois dias, não há tempo bastante.

Nunca há. Mas, a linha de chegada nos dá foco.

In Memoriam: Elizabeth Catherine

O buraco foi cavado e preenchido. O montinho de grama onde colocamos você, bem longe da sombra, coroando a colina. Você não pertencia a um vale. Você se foi, se foi o máximo que se pode, mas não lamentarei por você de forma egoísta.

Espero.

A morte chegou lentamente aqui, disfarçada de idade, rastejando por décadas e só você parecia acreditar que estava chegando. Você a farejou. Jurou para o restante de nós, e nós rimos. Você era como uma criança, insistindo que havia crescido — que quatro anos era ser grande, que seis, que dez era tão velho e idoso como qualquer um. E mais anos ainda viriam.

Mas, agora, você cresceu. Você está onde você sempre quis estar. E nós estamos aqui, depois de décadas dos seus avisos, de alguma forma ainda surpresos com a chegada da morte.

Você era a alma da casa amarela em Howard. Você era o fogo espirituoso que a mantinha aquecida por dentro. Eu escalei suas macieiras e suas paredes, e você me encheu de balas *toffee* e observações mordazes. Você era e é a mãe do meu pai — a árvore da qual maçãs caíram e cresceram, das quais maçãs caíram e cresceram, das quais maçãs agora caem e crescem. Você se foi deste pomar, mas eu, minhas irmãs, sobrinhos e muitos outros cresceremos, apontando para o Filho que você nos mostrou. Nós viveremos — e morreremos — em Cristo, gratos porque ele nos colocou na corrente do rio da sua graça humana.

E amém.



CATORZE

Olhando para trás: 4

Aqui estou, filho de muitos. Aqui está ela, filha de muitos.

Fui conduzido a este momento por vidas que não vi, por homens e mulheres a quem não agradeci. Pela graça. O mesmo vento que a carregou.

Nós dois somos grãos ao sol e, agora, giramos juntos, começamos algo, sentindo-nos como os fundadores da raça humana, como a primeira página do primeiro capítulo da primeira história já contada.

Nós somos bobos. Entretanto, espera-se que sejamos. Somos um dos grandes mistérios que intrigaram Salomão. Um mistério apenas alguns dias mais jovem que o próprio mundo: um garoto conhece uma garota.

O amor alargou meus sentidos. Deu-me uma esponja para sabores, tons e momentos. Eu agarrei a todos como um homem se afogando — porque eu estava.

Dei à garota um anel que pertencera à mãe da mãe da minha mãe. Ela o aceitou. Nós fizemos juramentos e as pessoas assistiram. Entrelaçamos nossas histórias em uma. Demos corpo às nossas palavras. Até que a morte nos separe, nós correremos a passos largos, com cargas nos ombros e muitas risadas, e moldaremos novas camadas do passado.

E visitaremos o oceano o máximo possível.



Uma velha memória, escrita quando ainda era nova.

O momento era denso, com realidade própria. Ele passou devagar e foi

vivenciado.

Doeu com alegria. Minha mulher sentiu isso também? Ela sorria para mim, sentindo isso e algo mais. Ela tinha o momento e, com ele, eu — um bobo da corte para acompanhar a piada.

Céu imenso. Areia fria. Dedos comprimindo-se. Sinto a mão quente na minha. Uma vida quente na minha.

Eu parei e me esforcei para absorver. Deveria ter sido denso como caramelo, paralisando-me e me deixando com sede, mas não foi. Em vez disso, eu me encontrava esticando para alcançá-lo, buscando com cada nervo físico e espiritual disponível, tentando sentir a realidade da areia sob meus pés, os pássaros pegando ondas atrás de mim, o céu limpo acima, a enseada diante, o farol brilhando na nervosa expectativa do preto, exércitos celestiais trovejantes que engoliam o horizonte. Fiquei de costas para o mar, esperando sentir-me dominado pelo momento.

A quietude não funcionava. Meus pés se mexeram e me virei em busca da minha pequenez mais adiante.

Bandos de pássaros corriam do movimento dos meus pés. Eles corriam dos pés do oceano. Para cima e para baixo da areia acumulada eles corriam, nunca cansados, nunca desgastados, concentrados nos assuntos de pássaros, a ir e voltar. A espuma do mar lambeu suas penas, mas não conseguia alcançar a velocidade deles. Eles eram ovelhas frenéticas em um rebanho frenético, esperando por algo do mar. Eles procuravam a praia à minha frente em busca de um amigo afogado. O pássaro chefe? O mestre? Cães, então, não ovelhas. Esse bando de pássaros Argos esperavam por seu Odisseu, seu Jonas vomitado pelo grande peixe.

Cansei-me da constância deles e corri até lá.

A península da barra rastejava para dentro do oceano até ficar receosa e se arquear de volta para correr ao longo do litoral. Ao longo das costas serpentinadas havia espinhas, o resultado de tempestades e marés, reunidas e empilhadas por mãos enluvadas, como se para serem queimadas. A areia fria engolia meu pé enquanto eu fazia meu caminho pelo baixio até os refugos do mar.

Garoto: — Você vem?

Garota: — Estou assistindo.

Um vento marítimo, a vanguarda da tempestade, nadou ao meu redor enquanto eu alcançava o banco e olhava para a pequena enseada capturada pela península em gancho. Ao lado de mim, um pedaço de madeira amarrado com redes rasgadas, abrigava o lixo jogado — uma luva de borracha, baldes, rolas, poliestireno. As vigas do corredor eram os ossos de árvores serrados e polidos, os dormentes pesados e betumados de trilhos, e uma placa. O poste da placa tinha pelo menos três metros e meio, longo o bastante para ser plantado fundo na areia, profundo o bastante para sobreviver a tempestades. Sua face era de madeira, mas vazia. Minha mão não conseguia envolver o poste, e meu braço

se esforçava para libertá-lo dos outros.

O vento me puxou, eu puxei o poste e ambos ficamos mais soltos. A pilha se mexeu quando a placa saiu dela, mas não desabou. Era pesado para minha mão, mas eu o virei para cima e segurei na direção da tempestade, tentando pensar em algo para dizer. Não havia palavras, então ri e virei a cabeça da minha longa placa contra o vento mais forte que a mão do homem — e as rajadas de vento — ajudaram a segurá-lo. Na água da enseada, o torso de dois homens estava pescando, sem perceber a bênção que meu cajado traria sobre suas cabeças e costas.

Meu braço mosaico ficou cansado e desceu sob o peso da minha placa, mesmo com a ajuda do vento. O poste encontrou a areia de novo. Os exércitos da tempestade ficaram mais escuros, mais rápidos em seu ritmo, carregando o mar. Eu me preocupei com os pescadores e assisti enquanto raios começavam a agitar-se. O céu acima e ao meu lado ainda era azul, mas estava escurecendo. Não por causa da tempestade, ainda não, mas pela força do anoitecer. O sol descia, escondido por nuvens retumbantes.

Joguei fora meu bordão derrotado e caminhei. Havia outras espinhas nessa barra.

Os pássaros ainda corriam na espuma, ignorando a tempestade, fiéis ao que o mar roubara. Peguei uma pedra e lancei-a no bando. Ela pulou para dentro dos braços do oceano. Uma gaivota passou por mim com um caranguejo na boca, retirado do mar, pernas mexendo, titilando. A gaivota o largou e pousou. O caranguejo foi rapidamente virado sobre suas costas, sua couraça removida e seus interiores devorados. As pernas ainda se mexiam, mas mais devagar agora. Joguei outra pedra. A gaivota voou e eu me encontrei de pé sobre os restos ainda lutando. Presente para o próprio abraço da morte, eu assisti. Aqui estava minha pequenez. A morte veio, a morte deve ter vindo, mas as pernas ainda se mexiam. Os movimentos diminuíram e pararam. Coloquei areia sobre o caranguejo com meu pé e olhei para a guerra iminente.

O mundo entrou em erupção.

As nuvens encontraram seu inimigo; ele explodiu debaixo delas. A escuridão avançou com muita intensidade, bem acima agora, e o sol tinha se feito baixo, mais baixo que elas. Ele explode, abraçando a terra e rasgando as bases das nuvens. Vermelho. Eu não tinha visto o vermelho antes. Nuvens com pequenos raios, faíscas menores, não chegam perto de sua ira. Sua escuridão nada mais é que a moldura de seu fogo. Parei e assisti o fogo crescer. Fogo do céu agora surge da terra. Dragões têm a barriga queimada.

Todavia, era demais. O mundo seria engolido, queimado; não poderia sobreviver à pintura sem uma moldura. Agachei-me, à procura de algum limite, alguma rolha para essa garrafa, algo que pudesse segurá-la, torná-la bebível, contê-la, impedi-la de sufocar a realidade. Coloquei o farol contra o sol, mas ele foi devorado, derrubado e pisoteado. As casas, o despenhadeiro e o pescador

permaneciam; juntos, sua escuridão poderia permanecer. Todavia, o sol ficou maior, brilhou por trás das nuvens, brilhou longe das nuvens, cobrindo tudo do solo para cima.

Os pescadores foram devorados por uma enseada de fogo. Olhei para os pássaros Argos. Eles tinham voado, voado ou encontrado aquele por quem esperavam. Então, olhei para meu poste, a placa despojada de palavras, desencavada pelo mar. Corri até ela.

Eu a enfiei fundo na areia e recuei. A explosão de luz emanou ao redor dela. Sentei-me e ela tocou o sol. Arrastei-me sobre minha barriga. O sol foi engolido pela estaca.

A pintura tinha uma moldura de madeira. Minha esposa estava rindo. Ela está rindo. Ela não parou. Nós corremos da rápida chuva iluminada pelo sol, dos raios e da noite.

Nós não paramos de correr, mas estamos ficando mais lentos. Temos pessoinhas correndo conosco agora. Ultrapassamos outros. Nossa própria gente nos ultrapassará. Eles crescerão e conhecerão outros jovens e fortes, e se sentirão como se fossem parte do próprio início da vida.

Nós podemos cair de joelhos ou adormecer em um sono final, mas veremos o interior da tempestade. Veremos o outro lado da tempestade, onde não há morte que vem de viver.

Os jovens marcarão a areia com uma pedra e se juntarão para dispersar palavras ao vento e ponderar sobre a velocidade do tempo, da vida, da graça.

Eu faço isso neste momento.

In Memoriam: Lawrence Aubry

Nós plantamos um homem. Nós o plantamos em um jardim reservado para esses homens. O solo é o correto para ele nesse lugar de bandeiras, patentes, orgulho do serviço, no lugar onde a trombeta fúnebre soa e velhas mãos fazem continência.

Quando a grande Páscoa vier a *este* jardim, a *este* campo repleto de sol, quando as trombetas do triunfo soarem, a colheita aqui será de soldados, marinheiros, fuzileiros e homens que vestiam asas. E você, vovô, entre eles.

Mãos fortes, coração forte, vontade forte — você foi costurado do tecido mais forte de uma geração, tecido que não rasgaria ou cederia, perfeito para trajes de voos, macacões, combate e guerra. Essa força poderia sofrer em casas, em sofás, em lugares confortáveis, mas essa força salvou o mundo.

Você, vovô, já vira a morte. Sentira seu hálito sobre si — um vento frio que arranca a alma da carne. Motores desistem no alto do céu, balas roem asas, amigos caídos, aviões retalhados, e no solo — bombas. A bomba que jogou você e mastigou sua perna. O estilhaço chiando que você tirou do peito. Por um tempo, sua vida foi apenas *quase morte*. Você conhecia o medo, terror mesmo, mas não foi quebrantado. Não ali.

Eu era jovem, e eu estava ali, pés na água, assistindo você caminhar para dentro do lago, exigindo ser batizado. Assisti você afundar. Observei você se levantar de novo, sair do Jordão pessoal com os punhos levantados e um grito de triunfo. Escutei você me falar, dizer para todos e todo o mundo: “Louvai ao Senhor”. Você foi quebrantado, mas não por balas e bombas. Você foi quebrantado pela graça.

Mais uma vez, você saiu e foi para dentro da água. Mais uma vez, assisto você afundar. Que tenhamos sua coragem, pois afundaremos também — seus filhos, netos e descendentes futuros. Que sirvamos ao homem que foi plantado, o Filho que ressuscitou, que nos deu a você e nos deu você. E quando ele chamar, ressuscitaremos juntos, levantaremos os punhos e gritaremos enquanto as trombetas soam, os tambores tocam e os estandartes ondulam no céu como fita de telégrafo para o grande desfile.

Até então, esperamos, oramos, plantamos um homem.

Você, vovô, voe na frente.

Sua última guerra foi vencida.



QUINZE

Moisés, mantenha as mãos para cima

Um homem desceu de uma montanha. Seu rosto resplandecia e suas mãos estavam repletas (de palavras feitas de pedra).

Ele deixou essas mãos caírem. Deixou essas pedras caírem. E, quando o fez, ocorreu destruição.

Ele conseguiu novas pedras e, quando ergueu as mãos de novo, dava esperança e concedia força. Contudo, os braços estavam pesados. Enquanto se travava a batalha, homens vieram e sustentaram seus braços. Se essas mãos caíssem, haveria destruição.

Você consegue enxergá-lo ali? Acima do conflito, um homem com os braços estendidos? Parece algo conhecido?

Moisés dividiu o mar Vermelho. Ele invocou a morte. Tirou as sandálias e se encontrou com Deus. Entretanto, ele não conseguia manter as mãos para cima. O peso em seus braços era maior que as pragas, que um povo, que o Egito.

Houve um homem forte o bastante para, desarmado, enfrentar leões, que só precisava de uma queixada para enfrentar exércitos. As mãos desse homem arrancaram os portões da cidade de suas dobradiças e puseram fogo em raposas. Ele triunfou até a derrota, estava destruído e cego — escravizado.

Até que um garoto o ajudou a colocar as mãos para cima.

Com quem Sansão se parece, naquele lugar, com a cabeça baixa e os braços estendidos, tocando pedras? E, quando eles caíram, ocorreu destruição.

Moisés foi derramado. Sansão foi consumido. Os dois homens que derrubaram mundos.

Havia um homem que podia andar sobre a água. Ele era capaz de ressuscitar os mortos e curar com um toque. Ele se tornou Sansão — armado com uma aguilhada de boi contra milhares. Ele se tornou Moisés, transformando água em sangue (de bênção).

Todavia, ele chegou a erguer os braços, a manter as mãos para o alto. Carregar os ombros com o mundo. Colocar as pedras da lei em suas mãos. E, se elas caíssem, haveria destruição.

Nenhum garoto veio guiar suas mãos. Nenhum homem o sustentou. Seus braços foram sustentados com pregos.

Ele foi traspassado, açoitado e zombado. Foi amaldiçoado e erguido em um madeiro, mas se encontrava na antiga posição de vitória.

Um idoso em um monte, um cego entre dois pilares, o Deus homem em uma cruz.

Glória é sacrifício, glória é exaustão, glória é ter nada sobrando para dar.

Quase.

É morrer de tanto viver.

A terra balançou. O teto veio abaixo. O mundo mudou. Os exércitos fugiram.

Aquele Moisés manteve as mãos para cima.



Eu estava rindo com meus filhos, dirigindo por um *campus* universitário em nosso caminho para casa. Vi alguém à distância que deveria ser James I. Wilson. Quem mais estaria sentado atrás de uma pequena mesa dobrável de suspensórios e gravata, com a bengala ao lado e livros de graça à sua frente?

Ele estava posicionado na grama entre três grandes dormitórios — um idoso pescando. Três pessoas estavam circulando sua canoa, e eu podia ver que ele estava rindo.

Ele tem algo sobrando. Mais um pouco para dar. E um pouco mais. E um pouco mais.

Ele é um lembrete.

Para levantar minhas mãos, para procurar por pilares, para selar o cavalo e segurar firme, para viver pela mulher que dá a vida por mim, pelos pequenos humanos que são nosso amor feito carne. Para aproveitar a trovejante onda da providência com expectativas ardentes, para procurar histórias à minha volta, para ver Cristo em cada par de olhos, para escrever um passado do qual não terei remorso. Para alcançar as últimas gotas da vida que recebi e, então, lambar até o fundo da caneca. Para viver arduamente e morrer grato.

E para desfrutar disso.



DEZESSEIS

Hiato urbano: lar

Eu me abaixo em um chão de madeira de lei para me espreguiçar. O dedinho na minha mão esquerda estala no ponto em que o quebrei no ensino médio. Na mão direita, o dedo anular é permanentemente torto (cortesia da posição de goleiro tempos atrás). Metade do meu joelho esquerdo não sente nada desde os meus 17 anos (cortesia do futebol americano). Meu nariz vira para direita (cortesia da luva de boxe de um amigo). Não consigo abrir a boca sem estalá-la desde o ensino fundamental, pelo menos. Uma cicatriz marca meu antebraço onde a unha de um amigo cavou uma longa vala na oitava série (futebol americano). Três anos atrás, cirurgiões furaram minha espinha e eliminaram cartilagem salpicada dos feixes de nervos que corriam até minhas pernas. Os nervos ainda formigam na mão direita onde, certa vez, eu recebi a lâmina de uma faca.

Feridas de guerras de uma vida mediana.

Estive acordado a noite toda, escrevendo por muito tempo. Agora, outro dia finda. O chão é um luxo. Estico os braços acima da cabeça, e minha coluna bate uma percussão intensa de ajustes do topo aos pés.

A luz do sol desliza pela janela da frente — cortando lateralmente minha sala de estar enquanto o grande fogo do céu desce.

De súbito, grãos de poeira tornam-se visíveis, a voar no ouro. Galáxias.

Não há nada novo debaixo do sol. Onde todos nós estamos. Poeira. Flutuando em graça. Bonitos apenas sob sua luz.

Sou levado a todos os lugares de uma vez.

Um amigo foi ao Curdistão para ensinar inglês — e carregar graça. Enquanto ele orava em uma sala de aula, uma arma foi colocada em sua cabeça. Então, ele viu a face de Deus.

Um amigo de infância assumiu a patrulha de outro em Faluja. Ele tombou pelo outro como o marinheiro outrora tombou por meu avô.

Penso sobre um primo, uma sobrinha, um companheiro de equipe, um colega de escola e os milhões de irmãos e irmãs que têm sido carregados no mesmo ouro que agora me sustenta — que cavalgaram a graça do tempo, ganharam gostos, toques e anseios. Que tiveram a eternidade no coração de grãos de poeira e agora se foram para mais perto do sol.

Ali, no chão, aprendo. Tento encontrar palavras. Tento usar palavras para minerar pensamentos. Então, sou salvo.

Mari identificou seu pai vulnerável. Ouço seus pés de 2 anos a galopar e contraio meu tronco em preparação. Rindo, ela passa correndo pelo sol. A poeira gira e surpreendo-me ao ver que ela o percebe. Pausa e dá a volta; para, agacha-se, assiste os mundos dourados. Em seguida, ela ataca.

“Xô!” Braços balançam. Ela pula. “Xô! Vão embora! Vão para casa!” Ela ataca a poeira. Ela batalha dançando ao sol. Como todos deveríamos fazer.

Termina tão rápido quanto começou. Sua filosofia conclui, ela se joga sobre mim, costela a costela, pó ao pó.

A vida é aqui. A vida é agora.



Gratidão

A Matt Baugher pela paciência.

À minha amada por suas lágrimas e riso.

Aos vários ancestrais que carenavam pela carenagem.

A meus pais por todas as refeições esquecidas e cada história esquecida.

Aos fuzileiros anônimos por carregar um piloto ferido.

Ao marinheiro anônimo por morrer no lugar de muitos Wilsons.

À srta. Smith por ensinar um garoto em um milharal.

A meu avô pelas histórias vividas e contadas.

A meu avô pela pescaria fiel.

À minha avó por seu filho, meu pai.

À minha avó por sua filha, minha mãe.

A meu Autor, pela estrela que queima meu rosto, pela graça, pelo fôlego, pelas batidas no meu peito, pelo Filho que manteve as mãos para cima, pelas pessoas por quem eu mesmo devo viver para morrer. Pela imensidão. Pela pequenez. Pelo pão. Pelo vinho. Por tudo o que eles representam.

SOBRE O AUTOR



Nathan David Wilson é autor de sucesso, sonhador profissional e roteirista ocasional. Seus romances incluem a trilogia 100 Cupboards [100 armários] e a série Ashtown Burials [Enterros em Ashtown]. Ele também tem diversos roteiros em vários estágios de desenvolvimento. Nathan gosta de colinas, calos e do cheiro de chuva no asfalto quente. Ele e sua mulher têm cinco filhos, e eles os assistem lutarem contra o mar com pranchas de surfe e baldes (o máximo possível). Uma vez, ele falsificou o Sudário de Turim, o que resultou em levar uma bronca em uma TV húngara, e ele digitou um pequeno romance em um guardanapo impresso na revista Esquire (aquele bastião de justiça). Hoje é professor associado de Literatura no New Saint Andrews College, onde ensina os calouros a brincar com palavras. Como todo o mundo, ele é feito de pó.